



FRANCISCA AHTANGE TAVARES DE OLIVEIRA

DRAMATURGIA DE AFETOS:

impressões e expressões artísticas
de jovens moradores da Comunidade
Vila Luizão



**SÃO LUÍS
2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**

FRANCISCA AHTANGE TAVARES DE OLIVEIRA

DRAMATURGIA DE AFETOS: impressões e expressões artísticas de jovens moradores da Comunidade Vila Luizão.

São Luís
2021

FRANCISCA AHTANGE TAVARES DE OLIVEIRA

DRAMATURGIA DE AFETOS: impressões e expressões artísticas de jovens moradores da Comunidade Vila Luizão.

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado de Pós-Graduação em Artes Cênicas, (PPGAC) da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Michelle Nascimento Cabral Fonseca

São Luís
2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Oliveira, Francisca Ahtange Tavares de.

DRAMATURGIA DE AFETOS: impressões e expressões artísticas de jovens moradores da Comunidade Vila Luizão / Francisca Ahtange Tavares de Oliveira. - 2021.

156 p.

Orientador (a): Michelle Nascimento Cabral Fonseca.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Comunidade. 2. Memórias. 3. Moradores. 4. Narrativas. 5. Textos Dramatúrgicos. I. Fonseca, Michelle Nascimento Cabral. II. Título.

FRANCISCA AHTANGE TAVARES DE OLIVEIRA

DRAMATURGIA DE AFETOS: impressões e expressões artísticas de jovens moradores da Comunidade Vila Luizão.

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado de Pós- Graduação em Artes Cênicas, (PPGAC) da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Área de concentração: Teatro

Linha de pesquisa: Processos e Poéticas da Cena.

Orientadora: Prof. Dra. Michelle Nascimento Cabral Fonseca

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Michelle Nascimento Cabral Fonseca
(Orientadora)

Prof. Dr. Narciso Lorangeira Telles da Silva
(Membro interno)

Prof. Dr. Marcio Silveira dos Santos
(Membro externo)

A Deus por conceder a vida.

AGRADECIMENTOS

Eis que chega o momento de dizer: - Gratidão!

À minha mãe Maria Socorro Tavares de Oliveira que entre uma costura e outra conversávamos sobre as peças que ainda faltavam tanto em suas produções artísticas na máquina de costura, como na escrita dessa dissertação. Apoiamo-nos na feitura de linhas, textos e vida.

Ao meu pai Francisco Alves de Oliveira (in memoriam) que onde estiver estará dizendo: "Eu tinha certeza que chegaria até aqui".

A todos os meus familiares, irmãos (as), sobrinhos (as), principalmente, a minha irmã/parceira de vida/arte Risolange Oliveira que me ajudou a ser a pesquisadora/ajuntadora de palavras e afetos. A Idemário Tavares por ser o mensageiro da boa nova fazendo a ponte entre correios e a minha atual residência na zona rural do Ceará. À Solange Tavares, Márcio Tavares e Camylla Victória pelo carinho e presença em minha vida. Amo vocês.

À orientadora desta pesquisa, Profa. Dra. Michelle Nascimento Fonseca Cabral por acreditar que eu teria capacidade de *ajuntar* tantas histórias e ficcioná-las juntos com os (as) jovens. Gratidão pelas conversas que me fez ver outros tantos caminhos possíveis de dramaturgias e vida. Sou sua fã!

Aos professores Dr. Marcio Silveira dos Santos (UEMS) e Dr. Narciso Larangeira Telles (UFU) por participarem tanto dos momentos de qualificação quanto de defesa. Trazendo grande contribuição durante as orientações na banca de qualificação, ajudando a seguir com a pesquisa nas asas de grupos de teatro latino americano que desenvolvem trabalhos com jovens nas comunidades, assim como as indicações de leituras que ampliaram a minha visão sobre dramaturgias, memórias e narrativas.

Ao meu eterno mestre Luiz Pazzini (in memoriam). Evoé!

A amiga Necylia Monteiro por me ajudar a pensar dramaturgia, obrigada pelas conversas tecnológicas.

Aos (as) adolescentes que fizeram parte do grupo dramaturgia de afetos e que nos apoiamos durante as viagens narrativas, e nos momentos de ficcionar as memórias. Inventamos outras vidas.

Aos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão que contribuíram com suas memórias-narrativas, desejo que tenham mais histórias de luta e vitórias.

A CAPES pela bolsa de estudos durante boa parte do período que ajudou consideravelmente.

Aos (as) colegas da turma de mestrado, Nadia Ethel Basanta Bracco, João Victor da Silva Pereira, Raylson Silva da Conceição, Andressa Passos do Nascimento, Lauande Aires Cutrim, Leônidas de Souza Santos Portela, Erivelto Viana Pinto, Fabrício Theiss e Silvana Cartágenes. Pelas conversas partilhadas nas aulas presenciais e nos encontros tecnológicos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC –UFMA: Dra. Gisele Soares de Vasconcelos, Dra. Fernanda Areias de Oliveira, Dra. Tania Cristina Costa Ribeiro e Dr. Ricieri Carlini Zorzal.

A prof^a. Dra. Cassia Rejane Pires Batista (UFMA) pela partilha de conhecimentos no Estágio em Docência na disciplina Teoria e Crítica do Teatro.

Ao prof. Dr. Jurandir Eduardo Pereira Júnior (UFMA) por apontar caminhos de teatro na comunidade. Sou muito grata.

À professora Marília Milhomem pela revisão e sugestões que contribuíram imensamente para finalização do trabalho.

As parcerias de afetos feitas no sertão do Ceará Nana Lino, Alderina Alves e Michelly Souza.

A meu lugar que fica no interior do meu interior. Gratidão a ti meu Tipi, refúgio e fortaleza. Sertão que me ajuda a Ser Tão Ser...

De que modo à lembrança precisa ser organizada para que finalmente possamos nos sentir livres?

George Tabori.

RESUMO

A pesquisa intitulada **DRAMATURGIA DE AFETOS**: impressões e expressões artísticas de jovens moradores da Comunidade Vila Luizão teve como objetivo a escrita coletiva de textos dramáticos com dez adolescentes/moradores do referido bairro, através de encontros semanais via plataforma Google Meet. Tivemos como metodologia de trabalho a pesquisa narrativa, a qual nos proporcionou escutar os áudios enviados pelos (as) moradores (as) participantes da pesquisa, através do grupo de WhatsApp e Facebook. O tema dramaturgia de afetos surgiu devido à forma afetuosa as quais os (as) moradores (as) relatavam suas histórias do período da ocupação do bairro e das narrativas sobre o líder da ocupação Luís Gonzaga Ferreira conhecido como Luizão. Essas memórias-narrativas foram compartilhadas no grupo de WhatsApp com os (as) adolescentes e quando ficcionadas surgiram textos, intertextos, imagens, áudios e vídeos criados pelos (as) adolescentes/moradores (as) do bairro. As histórias narradas pelos (as) moradores (as) e adolescentes são textos-vivos e potente para criação de cenas. As histórias reais estão carregadas de memórias coletivas e individuais e quando ficcionadas surgiram novas camadas de comunidade. Para embasar a pesquisa apoiamos-nos em conceitos de memória em Ricoeur (2007), espaço habitado para entender a ocupação de terras no bairro, utilizamos das teorias de Milton Santos (2014); Sinisterra (2016) e Todorov (1979) sobre Dramaturgia Narrativa; Construção do Personagem Pallottini (1989); para entender o Texto Dramático, David Ball (1999); e sobre Processo Coletivo, García (1988) e Nicolette (2010). Utilizamos o recurso tecnológico do QR-Code para que os (as) leitores (as)/espectadores (as) assistam à produção dos (as) jovens moradores (as) do bairro Vila Luizão.

Palavras-chave: Memórias. Narrativas. Textos Dramáticos. Comunidade. Moradores.

RESUMEN

La investigación titulada **DRAMATURGIA DE LOS AFECTOS**: impresiones y expresiones artísticas de jóvenes habitantes de la Comunidad "*Vila Luizão*", tuvo como objetivo el proceso de escritura colectiva de textos dramáticos, con diez adolescentes/habitantes del barrio mencionado, a través de encuentros semanales vía plataforma Google Meet. Tuvimos como metodología de trabajo la investigación narrativa, que nos permitió escuchar los audios enviados por los (las) vecinos participantes de la investigación, a través del grupo de WhatsApp y Facebook. El tema dramaturgia de los afectos surgió de la forma afectuosa con las que los (las) habitantes relataban sus historias del período cuando ocurrió la ocupación de las tierras donde está ahora el barrio y las narrativas sobre el líder de la ocupación Luís Gonzaga Ferreira conocido como *Luizão*. Esas memorias-narrativas fueron compartidas en el grupo de WhatsApp con los (las) adolescentes y cuando las ficcionalizamos, surgieron textos, intertextos, imágenes, audios y videos creados por los (las) adolescentes/habitantes del barrio. Las historias contadas por los (las) vecinos (as) y adolescentes son textos-vivos y potentes para la creación de escenas, las historias reales están cargadas de memorias colectivas e individuales y cuando son ficcionalizadas, surgen nuevas capas de comunidad. Para enmarcar la investigación, nos apoyamos en los conceptos de memoria en Ricoeur (2007), espacio habitado para entender la ocupación de tierras en el barrio, utilizamos las teorías de Milton Santos (2014); Sinisterra (2016) y Todorov (1979) sobre Dramaturgia Narrativa; Construcción de Personaje Pallottini (1989); para entender el Texto Dramático, David Ball (1999); y sobre el Processo Coletivo, García (1988) y Nicolette (2010). Utilizamos el recurso tecnológico *QR-Code* para que los (las) lectores/espectadores (as) se encuentren con la producción de los (las) jóvenes habitantes del barrio "*Vila Luizão*".

Palabras claves: Memorias. Narrativas. Textos Dramáticos. Comunidad. Habitantes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ata da reunião de criação da Associação de Moradores.....	25
Figura 2 – Jornal da Tribuna 2003.....	27
Figura 3 – Reportagem Jornal Tribuna do Maranhão (1995).....	33
Figura 4 - Jornal Tribuna do Maranhão.....	34
Figura 5 - Pedido de divulgação no jornal.....	36
Figura 6 – Mapa do bairro Vila Luizão.....	38
Figura 7 - Praça do bairro Vila Luizão.....	39
Figura 8 - Mensagem enviada pela pesquisadora aos adolescentes.....	48
Figura 9 - Mensagem enviada por adolescente do grupo dramaturgia de afetos.....	49
Figura 10 - Mensagem enviada por adolescente 2 do grupo dramaturgia de afetos.....	54
Figura 11 - Mensagens trocadas entre adolescente e a pesquisadora.....	56
Figura 12 - Mensagem enviada por moradora 8 do bairro Vila Luizão.....	59
Figura 13 - Mensagem enviada via WhatsApp por adolescente 4.....	61
Figura 14 - Foto da quadrilha flor da amizade do Bairro Vila Luizão.	62
Figura 15 - Mensagem enviada por morador 10do bairro Vila Luizão via Facebook.....	63
Figura 16 – Reportagem enviada pelo adolescente 5.....	64
Figura 17 - Mensagem enviada por moradora 8 do bairro.....	67
Figura 18 - Luizão inaugurando o poço do meio para abastecer o bairro - 1995.....	68
Figura 19 - Carta enviada por moradora 9.....	69
Figura 20 - Comprovante de pagamento do poço artesiano Deus é Fiel enviada pela adolescente 6 do bairro Luizão.	73
Figura 21 – Reunião de afetos – 2020.....	84
Figura 22 - Adolescente de 14 anos - Escrita sobre o bairro em que mora – 2021...	85
Figura 23 - Mensagem enviado pelo adolescente 5.....	87
Figura 24 - Apresentação dos textos dos (as) adolescentes.....	90
Figura 25 – Personagens produzidos através do aplicativo Avata.....	92
Figura 26 - Trecho da peça Ser Tão Ser- Narrativas da outra margem.....	99
Figura 27 - Refrão de música do espetáculo: <i>Ser Tão Ser- narrativas da outra margem</i> do grupo de teatro Buraco d’Oraculo.....	101
Figura 28 – Selfie no bairro Vila Luizão – 02 de maio de 2021.....	103
Figura 29 – Desenho produzido por adolescente.....	104
Figura 30 - Foto performance.....	106

Figura 31 – Desenho feito por adolescente - Luizão criança.....	107
Figura 32 - Encontro tecnológico com os (as) adolescentes para a escrita de textos para o rádio-teatro.....	109
Figura 33 - Texto do adolescente 5 escolhido para o experimento de rádio.....	110
Figura 34 - Apresentação da peça Senhora dos Restos.....	112
Figura 35 - Esperando Godot.....	119
Figura 36 - Falta água na torneira.....	119

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Estrutura da narrativa.....	89
QUADRO 2 - Organização da cena 1 – Realizada pelos (as) adolescentes.....	91
QUADRO 3 – Estrutura dramática.....	93
QUADRO 4 – CENA 1.....	95
QUADRO 5 – CENA 2.....	96
QUADRO 6 – CENA 3.....	97
QUADRO 7 – Linhas temáticas.....	100
QUADRO 8 – Texto produzido por adolescente 4.....	108
QUADRO 9 – Texto 1 - produzido por adolescente 2.....	113
QUADRO 10 – Texto 2 - produzido por adolescente 7.....	114
QUADRO 11 - Julgamento de Luizão - produzido por adolescente 1.....	116

LISTA DE QR-CODE

QR-CODE 1 – Áudio adolescente 7	98
QR-CODE 2 – Áudio adolescente 7	98
QR-CODE 3 – Áudio: Ocupação.....	99
QR-CODE 4 – Áudio: Música.....	101
QR-CODE 5 – Vídeo do adolescente 5.....	101
QR-CODE 6 – viva a resistência.....	107
QR-CODE 7 – História de Seu João e a viúva.....	111
QR-CODE 8 – História de Seu João e a viúva.....	111
QR-CODE 9 - Áudio Seu João.....	111
QR-CODE 10 - Áudio Seu João.....	111
QR-CODE 11 – Vídeo - Julgamento de Luizão.....	115
QR-CODE 12 – Caso sobre a bomba d' água.....	115
QR-CODE 13 – Vídeo-teatro.....	117
QR-CODE 14 – Áudio da água	118
QR-CODE 15 - Vídeo-teatro.....	119
QR-CODE 16 - Áudio da água.....	120

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1 FORMA/AÇÃO DE CENAS DO BAIRRO VILA LUIZÃO	18
1.1 Território de experiência: Convivendo no espaço de ocupação.....	28
1.2 Luta e derramamento de sangue.....	31
1.3 Festa na Luizão: Território de afetos.....	35
1.4 Mapeando os espaços de convivência.....	37
2 CAMINHOS PARA ESCRITA DOS TEXTOS-VIVOS: NARRATIVAS DE JOVENS E VELHOS	41
2.1 Vozes-narrativas, quem está falando?	44
2.2 Dramaturgia Habitada: a morada dos textos narrativos.....	57
2.3 Dramaturgia de afetos: narrativas de histórias reais ficcionadas.....	69
3 TEXTO HABITADO PELA PALAVRA DOS (AS) JOVENS DRAMATURGOS (AS)	78
3.1 Encontro dos (as) adolescentes no espaço virtual através da plataforma Google Meet para pensar o processo criativo de escrita dos textos.....	83
3.2 Ficcionalizar as memórias-narrativas dos (as) moradores (as) da Vila Luizão.....	98
3.3 Dramaturgia habitada por histórias de terras-lutas-resistências.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICES	132
ANEXOS	150

CONSIDERAÇÕES INICIAIS



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; [...] e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

João Cabral de Melo Neto

A pesquisa **DRAMATURGIA DE AFETOS¹**: *impressões e expressões artísticas de jovens moradores da Comunidade Vila Luizão (2021)*, intencionou escrever textos dramatúrgicos com adolescentes moradores (as) do bairro Vila Luizão a partir das memórias-narrativas dos (as) moradores (as) que fizeram parte da ocupação de terras do bairro nos anos 90 na cidade de São Luís - MA.

Contar a história do (s) Outro (s) é caminhar pelas veredas das lembranças, respeitando as paradas e respiros da memória para seguir narrando afetos, encontros, desencontros e distâncias que foram suavizadas a partir das conversas tecnológicas entre pesquisadora e os (as) adolescentes, através de encontros virtuais via plataforma Google Meet.

Escrever textos habitados pela vivência com o bairro apontou para o quanto de afeto existe nessa comunidade e para a relação de pertencimento registrada nas palavras dos (as) jovens, descrita nas conversas informais, nos encontros, que serviram como disparadores da escrita, escrever textos habitados por histórias-memórias dos (as) moradores e vivências dos (as) jovens nos dias atuais.

A minha relação com o bairro se deu no ano de 2018 quando desenvolvi o projeto “As Bagatelas de Susan Glaspel” na disciplina prática de extensão II, orientado pelo Professor Dr. Jurandir Eduardo² no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. O objetivo do projeto era escrever

¹ Dramaturgia de afetos são as histórias narradas e escritas pelos adolescentes moradores do Bairro Vila Luizão a partir da escuta dos moradores que fizeram parte da ocupação e ainda residem no mesmo.

² Professor Adjunto do Departamento de Artes Cênicas da UFMA - Universidade Federal do Maranhão, na área de visualidades da cena Cenografia e Caracterização.

textos de teatro a partir do texto dramaturgico da norte americana em que relatava o silêncio das mulheres³ do século XIX.

Desenvolvi o projeto com adolescentes atendidos pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), que atendia cerca de 150 crianças e adolescentes perfazendo um total de 90 famílias assistidas, residentes nos bairros do Olho d'Água e circunvizinhos como: Sol e Mar, Brisa do mar, Divinéia e Vila Luizão, localizados na zona periférica de São Luís (MA).

A intenção do projeto era dialogar com adolescentes na faixa etária de 12 a 16 anos, sujeitos que fazem parte da estatística de miséria em nosso estado, no qual vivenciam uma realidade de desigualdade social, de proximidade com o tráfico e de todos os tipos de violência, reflexos de um Estado mínimo, onde as políticas públicas não são suficientes para amenizar o quadro de extrema pobreza em que o povo se encontra.

O projeto intencionava experimentar os espaços da rua através da presença dos (as) adolescentes e propor jogos lúdicos com os transeuntes para que se extraíssem dessa ação fragmentos para a escrita do texto dramaturgico, percebi com isso que as vozes dos passantes da rua reverberavam em cada um, e traziam à tona alguns temas presentes no cotidiano destes. Com isso, iniciamos um texto que mais adiante seria encenado e apresentado nas ruas do bairro Vila Luizão. Mas devido ao prazo para encerramento da disciplina não conseguimos terminar a escrita do texto e apenas apresentamos cenas curtas percorrendo as ruas do bairro.

A escolha por apresentar na Vila Luizão foi devido à localização do Centro de Referência ser neste bairro e às narrativas que surgiam a partir das memórias dos (as) moradores (as) daquela comunidade sobre a ocupação de terras feita por Luiz Gonzaga Ferreira, Luizão.

No ano de 2019 retornei ao bairro para ministrar oficinas de teatro de rua oferecido pela Associação de Moradores da Vila Luizão e encontrei alguns (as) adolescentes que haviam participado do projeto anterior, o que me proporcionou continuar o projeto de escuta das memórias-narrativas dos (as) moradores (as). No mesmo ano fui aprovada no mestrado em Artes Cênicas/PPGAC da Universidade

³ Resultou na escrita do artigo O SILÊNCIO DAS MULHERES EM BAGATELAS: Refletindo o teatro de Susan com adolescentes da Vila Luizão, apresentado no II Colóquio Internacional de Pedagogia do Teatro - Colipete e Encontro Humanístico (2018). Disponível em: <https://proceedings.science/colipete/colipete-2018/papers/o-silencio-das-mulheres-em-bagatelas---refletindo-o-teatro-de-susan-com-adolescentes-da-vila-luizao-> acesso em 13 de setembro de 2021.

Federal do Maranhão, com o projeto intitulado, *DRAMATURGIA DA RUA: processo de criação de escrita dramática a partir das vozes da comunidade da Vila Luizão*.

Desenvolvemos a partir de novembro de 2019 a oficina dramaturgia da cidade, utilizamos os meios de comunicação tais como: a rádio geração jovem FM 106,3 situada no bairro, panfletos nas escolas municipais e circulação via WhatsApp e com essa mediação tivemos um número de 20 inscritos.

As oficinas aconteceram na sede da União dos Moradores e em seguida iniciamos nossos experimentos cênicos no espaço público, que nos proporcionou diálogo com os (as) moradores (as) daquela comunidade através de jogos desenvolvidos pelos (as) adolescentes na rua. A experiência dos jogos teatrais e o contato com o público que observou a movimentação dos (as) jovens atores/atrizes proporcionaram um repertório vasto de palavras soltas e frases dos (as) espectadores (as) diante da cena na rua.

Mas, devido a Pandemia da COVID-19 no Brasil e em especial no Maranhão, em março de 2020 o Governo do Estado decreta⁴ suspensão das atividades e inibe a circulação nas ruas. Com isso, tivemos que deixar o espaço físico da rua e adentrar no universo do teatro-virtual. Os encontros com os (as) adolescentes aconteceram de forma remota. E, os questionamentos surgiram: como escrever textos dramáticos a partir de memórias-narrativas dos (as) moradores do bairro sem o contato físico dos (as) adolescentes, apenas de forma remota?

A presente investigação inserida na linha de pesquisa *Processos e Poéticas da Cena* do Mestrado (PPGAC) da Universidade Federal do Maranhão vem suscitar a escuta das narrativas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão para o processo criativo de escrita dramática com 10 jovens na idade de 12 a 16 anos moradores do bairro.

Para isso, utilizamos a pesquisa narrativa e iniciamos os encontros escutando os áudios enviados pelos (as) moradores (as), a escrita de mensagens via Facebook e WhatsApp e cartas enviadas para o endereço da pesquisadora, todo esse material foi socializado no grupo de WhatsApp *dramaturgia de Afetos* criado para compartilhar com os (as) adolescentes materiais de apoio para a escrita dos textos e para a socialização de ideias a fim de que, de forma coletiva, pudessemos escrever os textos.

⁴ Disponível em: <https://www.saude.ma.gov.br/decretos/> acesso em 10 de agosto de 2021.

As temáticas que surgiram nos encontros aproximavam-nos com a linguagem teatral de grupos latino-americanos que encontraram formas de subverter a política ditatorial e escrever as histórias dos excluídos, marginalizados, que devido à repressão foram silenciados. Os temas que os (as) adolescentes traziam para os encontros tecnológicos apontavam para uma nova camada de escrita do bairro, temas que faziam parte do cotidiano deles, mas que eram pouco discutidos pela família e pela comunidade.

O dramaturgo Santiago García (1988) narrava às histórias silenciadas de povos colombianos. O contato dos atores e atrizes com a comunidade era de fundamental importância para a criação do espetáculo produzido com identidade, assim como o processo coletivo no qual o dramaturgo não comungava com a ideia de criação autoral, a escrita deveria ser feita por várias mãos de forma coletiva e a vivência com a comunidade daria elementos para uma efetiva criação de histórias com identidade.

As histórias narradas pelos (as) moradores do bairro Vila Luizão foram potentes para a criação de estruturas dramáticas ficcionadas pelos (as) adolescentes através da escrita de textos, áudio-teatro e vídeo-teatro, a importância da palavra na contemporaneidade reverberou através da criação coletiva dos (as) adolescentes produzindo textos, intertextos e imagens do/no bairro.

As memórias-narrativas dos (as) moradores (as) e adolescentes do bairro Vila Luizão foram ouvidas e transformadas em textos fictícios para inventar um novo bairro, para isso tivemos como referência o autor Ricoeur (2007) que escreve sobre memória, história e esquecimento. Para entender o espaço habitado pelos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão apropriamo-nos das ideias do geógrafo Milton Santos (2014); sobre narrativas na comunidade nos embasamos nas histórias do Grupo de Teatro Buraco d'Óraculo (2013); sobre dramaturgia narrativa utilizamos do pensamento de Sinisterra (2016) da escrita de textos-vivos; Sarrazac (2005) foi utilizado para tratar do processo da escrita dramática e, quanto à criação coletiva Santiago García (1988) apresenta a experiência no fazer teatral latino americano.

O objetivo geral da pesquisa é escrever textos dramáticos com os (as) adolescentes moradores (as) do bairro Vila Luizão tendo como material de apoio suas vivências no bairro e as narrativas dos (as) moradores (as) que fizeram parte da ocupação. Trazendo como objetivos específicos: escrever textos com histórias de afetos dos (as) jovens da comunidade Vila Luizão; escrever textos dramáticos a

partir dos áudios socializados no grupo dramaturgia de afetos com as narrativas dos (as) moradores (as) do período da ocupação; trazer o processo de criação artístico dos (as) adolescentes através da escrita de textos, bem como através de imagem, áudio e vídeo.

Durante a pesquisa, surgiram-nos algumas perguntas que tentamos responder no processo de escrita, foram elas: como escrever dramaturgia com adolescentes? Como escrever textos dramáticos a partir de narrativas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão? Como organizar a escrita dos textos de forma remota, sem o contato físico dos (as) adolescentes, apenas com materiais textuais desvinculados de padrões dramáticos, como: memórias-narrativas, vídeos, fotografias, jornais, blogs e afetos? Como organizar as ideias dos (as) jovens para a escrita dos textos dramáticos?

A palavra nos conduziu durante o processo de criação. Cada história narrada pelos (as) moradores (as) faziam-nos entender a identidade e a existência dos (as) adolescentes no bairro Vila Luizão.

Dividimos a pesquisa em três capítulos: no primeiro capítulo tratamos de informar o (a) leitor(a)/espectador(a) sobre a comunidade Vila Luizão do início da ocupação com a intenção de entender que comunidade é essa, de que território estamos tratando e como o bairro vem se transformando na contemporaneidade a partir de narrativas dos (as) moradores (as) e jornais da época.

O segundo capítulo trata das memórias-narrativas dos (as) moradores (as) e das lembranças afetivas dos (as) adolescentes vivenciadas no bairro e socializadas no grupo dramaturgia de afetos para a escrita dos textos.

No terceiro capítulo descrevemos o processo de criação coletiva com (as) adolescentes e fizemos leituras de peças teatrais como: Ser Tão Ser-narrativas da outra margem do Grupo de Teatro Buraco d'Oráculo; Senhoras dos Restos do dramaturgo Sergipano Euler Lopes e Nossa Senhora das Nuvens escrita por Arístides Vargas, com tradução de Fernando Yamamoto.

Utilizamos a plataforma Google meet para aproximar as distâncias entre pesquisadora e jovens, partilhar os áudios de memórias-narrativas dos (as) moradores (as) com os (as) jovens e a utilização do recurso QR-Code para que os (as) leitores (as)/espectadores (as) assistam a criação de áudio-leitura e vídeo-teatro produzido de forma coletiva.



**1. FORMA/AÇÃO DE CENAS
DO BAIRRO VILA LUIZÃO:**

1 FORMAÇÃO DE CENAS DO BAIRRO VILA LUIZÃO

Histórias são como holofotes — iluminam partes do palco enquanto deixam o resto na escuridão.
Zigmunt Bauman

Divisão de terras. Ocupação já! Ação!

Prólogo: Vamos contar a vocês a história de um bairro chamado Vila Luizão, situado na periferia de São Luís no Estado do Maranhão. Traremos para amplificar as vozes daquele lugar, narrativas de quem viveu o cotidiano de lutas por direito à moradia.

Rubrica — Moradora 1 rememora como se deu a ocupação do bairro.

Moradora 1:

Esse terreno era do Estado, era do Banco do Brasil e, na época, chamávamos terreno do banco, foi ocupado por moradores que não tinham casa, gente que morava no interior e gente que morava em palafitas, foi uma luta muito grande até conseguir a nossa terra, eu mesma, não tinha onde morar. (Informação oral, 2021).

A narrativa da moradora 1 aponta para o relato de um fragmento de história que se iniciou nos anos 90 em terras onde futuramente se constituiria o bairro Vila Luizão na cidade de São Luís.

A moradora 1 discorre a partir das experiências comuns, do lugar social, no movimento de ocupação das terras deste bairro, que esteve no processo desde o início junto com muitos que estavam ali por necessitarem de espaço para morar. Além de não terem voz na sociedade e apenas serem vistos quando subvertem o sistema e provocam fissura no processo linear administrativo do Governo Municipal da cidade de São Luís, a partir da ocupação dos terrenos do Estado, a problemática da falta de moradia surge rompendo com a política de bem-estar social, mostrando a ineficácia do Governo com relação à distribuição de terras no Estado do Maranhão nos anos 90.

No livro *Lugar de Fala* (2017), a filósofa Djamila Ribeiro esclarece que todos têm lugar de fala, mas é do lugar social que temos experiências comuns e a partir dessa localização social as vozes terão necessidades de serem escutadas. Diz Ribeiro que,

o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. (2017, p. 39-40).

As experiências poderão provocar rachadura na forma de perceber-se enquanto ser político, reverter o modo de ver-se nesse lugar e construir novos discursos que estejam na contramão do poder constituído e hegemônico. Acrescenta Ribeiro que “ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal” (2017, p. 40).

A narrativa da moradora 1 mostra a necessidade de falar sobre o assunto por entender que as novas gerações precisam conhecer o lugar ao qual pertencem, assim como, rememorar a história narrada pela voz de quem esteve na contramão do discurso hegemônico do Estado e trazer novas vozes e outros discursos que rompam com a europeização.

Além disso, outra questão que a moradora 1 traz no relato, é sobre a urbanização das cidades e sobre a busca pela sobrevivência nos grandes centros. A ocupação de terras dá-se na busca por moradia e para isso existirá sempre a resistência entre o sistema político, que não possibilita suprir as necessidades de um povo que vivendo em extrema pobreza e que se aventura em busca de moradia.

No livro *Pobreza Urbana* (2013), o geógrafo Milton Santos comenta inicialmente a dificuldade em definir o conceito pobreza e arrisca-se em construir um que se aproxima do conceito de pobreza de Lewis (1969), em que diz que pobreza é “a incapacidade de satisfazer as necessidades do tipo material” (LEWIS apud SANTOS, 2013, p.17). Uma vez que a sociedade capitalista cada vez mais, utiliza-se do consumismo para distanciar-se dos que não possuem para adquiri-los. Ainda acrescenta Santos que “a medida da pobreza é dada antes de mais nada pelos objetivos que a sociedade determinou para si” (2013, p. 18).

Nas terras do bairro Vila Luizão tinha um contingente de pessoas que se enquadravam no conceito de pobreza o qual se refere a questão material. Os sem-teto juntaram-se através de experiências comuns de resistência e ecoaram vozes periféricas para além do espaço de ocupação. Vozes transgressoras, porque a luta de pobres é sempre de muita resistência. Santos (2013) analisa o conceito de pobreza e entende que são os objetivos que a sociedade capitalista determinou para si que vai definir,

os pobres seriam “aqueles” que tem um poder de compra mais reduzido que o considerado normal para o ambiente em que vivem”. Os miseráveis estariam privados da satisfação de algumas das necessidades vitais, de maneira que a satisfação de algumas necessidades vitais, de maneira que a saúde e a força física tornar-se-iam precárias a ponto de fazer perigar a própria vida”. (2013, p.17).

Os miseráveis seriam aqueles que estão desprovidos da necessidade vital que é o direito à moradia. Logo, a resistência e a luta tornam-se mecanismos necessários e indispensáveis, para que a organização e protagonismo desses sujeitos reafirmem a importância de permanecer nas ocupações, a fim de usufruir o direito à moradia.

No livro *A invenção do cotidiano: artes do fazer 1* (1998), o filósofo Michel de Certeau, escreve que o espaço precisa ser praticado de forma socialmente relacionada entre os homens e nesse compartilhamento da ação do fazer é que surgem as histórias do cotidiano, que podem ser partilhadas em fragmentos individuais e coletivos, como é explicado,

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados a legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo (CERTEAU, 1998. p.189).

Rememorar as histórias exige um ato de coragem, porque as imagens surgem com muita força e saltam também aquelas que são lembradas com muita dor e sofrimento. No artigo *Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico* (2008), a professora Sylvia Caiuby Novaes/USP diz que, a imagem vem sendo estudada como forma de linguagem. As imagens que aparecem nas histórias dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão saltam como um convite à descrição e representação do bairro. Segundo a autora, “imagens não reproduzem o real, elas o representam ou o rerepresentam. Nenhuma delas é idêntica ao real” (2008, p. 456).

Dessa forma, as imagens que surgem das histórias do bairro são representações de momentos vividos de forma coletiva entre moradores que se encontraram com os mesmos objetivos de adquirir moradia e as imagens favorecem emoção tanto para quem narra, como para o receptor. Acrescenta Sylvia Caiuby,

Imagens favorecem, mais do que o texto, a introspecção, a memória, a identificação, uma mistura de pensamento e emoção. Imagens, como o próprio termo diz, envolvem, mais do que o texto descritivo, a imaginação de quem as contempla. (2008, p. 465).

Para o receptor a história da ocupação do bairro Vila Luizão propõe cenas imaginárias que nos leva a questionar: Como iniciaram a ocupação? Quem eram essas pessoas que chegaram às terras ociosas? Era uma convivência pacífica entre os ocupantes das terras? Esses questionamentos vêm do desejo de saber mais e imaginar como seria essa história narrada através de cenas, um texto escrito por moradores da ocupação, utilizando a ficção para dar vida a personagens reais.

A história da fundação do bairro impulsiona-nos para um enredo de conflitos. Para Certeau (1998), “a história narrada cria um espaço de ficção. Ela afasta-se do “real” — ou melhor, ela aparenta subtrair-se à conjuntura: Era uma vez...” Deste modo, precisamente, mais que descrever um “golpe, ela faz” (p.153).

Poderíamos iniciar a história da ocupação do bairro Vila Luizão apresentada no relato da moradora 1 por, “era uma vez”, para ficcionar a narrativa e trazer um arsenal de imagens e lembranças que facilmente poderiam iniciar com essa frase para trazer a história ausente, pois, segundo Sylvia Cayubi, (2008), “uma imagem representa, no sentido bem simples de que ela torna presente qualquer coisa ausente” (p. 459). A história não seria apenas a luta em prol do bem coletivo, mas também da ruptura do próprio grupo pelo poder e como se dividiu durante o movimento.

A luta pela terra no contexto nacional sempre será permeada entre o poder do Estado e as necessidades do povo por vida digna que deveria ser assegurado pela Constituição Federal de 1988,

Art. 6º: São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015).

Aliás, direito que não aconteceu na prática nos anos de 1990. O Estado neoliberal delimita suas funções, reduzindo seu tamanho em termos principalmente de pessoal através de programas de privatização e terceirização e nega à classe trabalhadora o direito a viver com dignidade. Surgem as lutas revolucionárias para exigir o que de fato é do povo, havendo força por parte da polícia para coibir ações denominadas de *invasões* e que, em muitos casos, a imprensa divulga como a ação de *vândalos desocupados* — é assim que na sua grande maioria é tratado o sem-terra no Brasil, uma vez que, a classe dominante quer fazer acreditar que “a crise da

habitação é o resultado da transferência da pobreza do campo para a cidade”, conforme (SANTOS, 2013, p. 31). Segundo o autor, a pobreza não deve ser entendida apenas pela falta de bens material e pela crise da habitação com o êxodo rural, a questão sobre o crescimento da pobreza no Brasil está relacionada a crise mundial e ao mercado externo,

As condições nas quais os países que comandam a economia mundial exercem sua ação sobre os países da periferia criam uma forma de organização da economia, da sociedade e do espaço, uma transparência de civilização, cujas bases principais não dependem dos países atingidos. As raízes dessa “crise urbana” encontra-se no sistema mundial. (SANTOS, 2013, p. 31).

A ocupação de terras do bairro Vila Luizão se deu não apenas pela transferência de pessoas do campo para a cidade, mas também devido à falta de moradia na cidade de São Luís.

No livro *Vidas desperdiçadas* (2005), o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman, aponta para a questão do refugio humano comparando aquele que fica a margem do crescimento econômico da cidade, ao lixo que é desprezado sem um cuidado a priori. Assim é a questão da superpopulação que não encontrando apoio de leis governamentais para construção de moradias e não conseguem permanecer na dinâmica da modernidade, nem se inserir no processo, tornam-se refugio. Sendo assim, a globalização produz sua saga excludente.

O que se vê é que um amontoado de pessoas que não conseguem entrar no funcionamento e engrenagem do capitalismo e são deixadas à margem como excedente de lixo humano. Sobre a superpopulação Bauman diz que,

“Superpopulação” é uma ficção atuarial: um codinome para um número de pessoas que, em vez de ajudarem a economia a funcionar com tranquilidade, tornam mais difícil a obtenção, para não falar na elevação, dos índices pelos quais se mede e avalia o funcionamento adequado. (2005, p. 52).

O crescente surgimento de ocupações, que aconteceu nos anos de 1980, no Estado do Maranhão⁵ apresenta a forma desordenada de crescimento urbano, com a falta de planejamento, a cidade que cresce sem preocupação com o aumento da população, acarretando assim problemas de infraestrutura e saneamento básico.

⁵ Políticas territoriais e reorganização do espaço maranhense Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde11082009141934/publico/ANTONO_JOSE_DE_ARAUJO.pdf acesso em 25 de novembro de 2020.

Tratada à margem da sociedade, “a ‘população excedente’ é mais uma variedade de refugio humano” (BAUMAN, 2005, p.53).

O crescimento populacional do Estado deu-se não somente nos interiores, mas também na capital São Luís, fazendo surgir novos bairros. Dessa necessidade habitacional, surgiu o bairro Vila Luizão, no início da década de 1990, como alternativa de moradia no contexto da segregação socioespacial, vivenciada devido ao êxodo rural em que a população de baixa renda buscou formas de sobrevivência na capital.

O surgimento do bairro deu-se através do movimento de ocupação das terras lideradas por Luiz Gonzaga Ferreira e distribuídas entre aqueles que não tinham moradia, em conversa informal com o atual presidente da União de Moradores do Bairro Vila Luizão, ele diz que o bairro leva o nome de Luizão em homenagem ao líder do movimento e que naquele espaço juntaram-se pessoas de vários lugares, vindas do interior do Estado, assim como de outros bairros da cidade de São Luís. No relato da moradora 2, ela descreve que

a distribuição foi feita entre os integrantes da ocupação, aqueles que não tinham terra, cada um recebeu um terreno de 10 metros de frente e 30 metros de fundo, suficiente para construir uma casa de 04 cômodos para acomodar uma família de 08 pessoas. (Informação oral, 2021).

A distribuição de terras modificou o espaço que antes era apenas uma extensão de terra sem produtividade, nos meados de 1990. A partir da luta agrária, o líder revolucionário Luizão modificou a paisagem junto com as pessoas que não tinham moradia, construindo casas e poço artesiano para abastecer a comunidade que surgia naquele futuro bairro.

O espaço habitado, na concepção do geógrafo Milton Santos (2014), é a movimentação do homem em determinado lugar em que existe relação social, logo a transformação do espaço se dá a partir de que o homem transforma através de ações coletivas e individuais.

Santos, no livro *Metamorfose do espaço habitado* (2014), afirma que existe diferença entre paisagem e espaço, “O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” (p. 78). Ou seja, pela transformação da paisagem, o homem em ação com as novas terras ocupadas modificam o espaço para a própria sobrevivência. Sobre paisagem Santos ainda acrescenta que

não há, na verdade, paisagem parada, inerte, e, se usamos esse conceito, é apenas como recurso analítico. A paisagem é materialidade, formada por objetos materiais e não materiais. A vida é sinônimo de relações sociais, e estas não são possíveis sem a materialidade, que fixa relações sociais do passado. Logo, a materialidade, construída vai ser fonte de relações sociais, que também se dão por intermédio dos objetos. Estes podem ser sujeitos de diferentes relações sociais – uma mesma rua pode servir a funções diferentes em distintos momentos (2014, p. 78).

A ocupação das terras do bairro Vila Luizão provocou movimento no espaço. Pessoas começaram a habitar e transformar aquela paisagem natural de forma desordenada, iniciando a mudança do lugar e conseqüentemente a mudança social, juntando naquelas terras pessoas de várias localidades com ideais, hábitos e costumes que em breve seriam compartilhados entre eles (as).

Aos poucos a paisagem transforma-se em meio ao desmatamento, com o surgimento de casas. O espaço modifica-se em lugar habitado e as relações de troca entre espaço e homem devem ser vistos, segundo Santos (2014), “não mais como indivíduo isolado, mas como um ser social por excelência” (p. 41).

As relações sociais se entrelaçam em 1994 com a fundação da Associação de Moradores do Bairro Vila Luizão, na intenção de unir forças e reivindicar melhorias para aquele novo bairro distante do centro comercial e que se constitui enquanto bairro de periferia. Passa a ser uma alternativa para os que buscavam melhores condições de vida na cidade de São Luís, pessoas que vinham do interior do Estado em busca de trabalho, só restava morar na periferia ou se juntar aos tantos sem teto que faziam parte das ocupações ocorridas a partir da década de 80, que vinham transformando o modo de enfrentamento político transgredindo o espaço público da oligarquia maranhense. Sobre as mudanças que um movimento provoca no espaço ocupado, diz Santos,

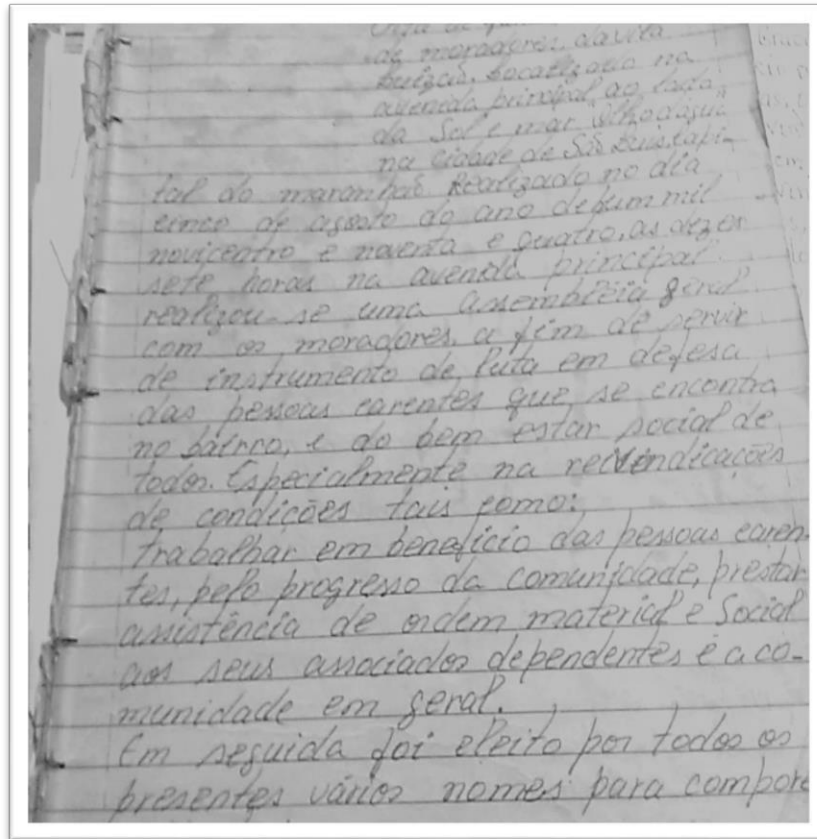
Quando há uma mudança social, há também uma mudança de lugares — por exemplo, a invasão de São Paulo pelos pobres há cerca de 25 anos. Diríamos, com Edward Soja (1983), que a sociedade está sempre se espacializando. Mas a espacialização não é o espaço. A espacialização é um momento da inserção territorial dos processos sociais. O espaço é mais do que isso, pois funciona como um dado do próprio processo social (2014, p. 80).

A sociedade está sempre se espacializando⁶ — foi o que aconteceu com a comunidade que se formava naquele território, os (as) moradores perceberam a

⁶ A espacialização seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial. [...] A espacialização é sempre o presente, um

importância de existirem enquanto instituição para lutar através dos trâmites legais, impostos pela sociedade de consumo, das leis negadas ao povo, como, pode-se ver na Ata de abertura da fundação da associação (figura1).

Figura 1- Ata da reunião de criação da Associação de Moradores.



Fonte: Imagem cedida - Arquivo moradora 3 (2021)

O texto da Ata (figura 1 - 1994) evidencia que a formação da associação tem como objetivo “ser um instrumento de luta em defesa das pessoas carentes que se encontram no bairro e do bem-estar social de todos”. Era de fato uma luta da minoria marginalizada esquecida pelo poder público e que buscavam forma de se organizarem por meio de associação, para que as vozes daquele novo bairro ecoassem, na certeza de que moradia é um direito de todos.

Os (as) moradores (as) não dispunham de ajuda do Estado, uma vez que lutas foram travadas para restituição dessas terras pelo governo, acreditando que os invasores do território público teriam de ser punidos pela força de Lei, visto que essas existem em sua grande maioria para punir os desfavorecidos do poder. Estes

foram tratados, como afirma Foucault (2013, p.109), a partir da seguinte perspectiva: “para cada crime, sua lei; para cada criminoso, sua pena”. Essa era a forma de exclusão do Estado para com a população que buscava terras para moradia.

Bauman (2005) escreve sobre o Estado francês e encontra relações com o Estado brasileiro. O autor diz, “este retira-se da arena econômica, proclama a necessidade de reduzir seu papel social a amplitude e extensão de sua intervenção penal” (p. 87). Torna-se mínimo para caber dentro das necessidades de uma classe favorecida do país, enquanto a grande maioria marginalizada é cada vez mais criminalizada.

Foi a associação de moradores que se preocupou com a vida daqueles que fizeram a ocupação do bairro, lutando pelos bens essenciais, como: abastecimento de água, construção de poço artesiano - pois ainda nos dias atuais os domicílios da Vila Luizão continuam sem abastecimento de água por rede geral - assim como, a coleta de lixo, que foi uma luta dos (as) moradores (as) do bairro para que a prefeitura municipal se responsabilizasse por tal ação.

As ações estavam sempre envolvendo os (as) moradores (as), porque esses (as) entendiam que a luta ainda não havia acabado. Até os dias atuais, a associação de moradores busca parcerias com o município para que desenvolvam atividades essenciais no bairro. O saneamento básico e a limpeza das ruas são ainda motivo de luta para a comunidade consiga que os órgãos se comprometam com a comunidade.

Nota-se que sempre as ações vêm da necessidade do povo daquela localidade e são reivindicadas através de representantes políticos para a conquista de direitos como: asfaltamentos das ruas, saneamento básico, construção de poço artesiano, iluminação das ruas, etc.

Os moradores organizaram-se enquanto associação para reivindicar melhorias para o bairro e para cobrar da prefeitura municipal a permanência de coletores de lixo para a limpeza pública no espaço, certo de que a batalha pela melhoria de infraestrutura apenas começava, pois o descaso pelo território periférico segue caminho a fora.

A figura 2 mostra uma página impressa do Jornal da Tribuna de 2003, em que a reportagem retrata a união dos moradores e a parceria com o município para a limpeza do bairro.

Figura 2 – Jornal da Tribuna 2003



Fonte: Imagem cedida - Arquivo da moradora 3

O crescimento do bairro demandou uma transformação do jeito de pensar o espaço habitado. Escolas e creches foram construídas para atender a população. Santos diz que a aceitação do novo lugar vai depender da ação dos (as) moradores (as),

Cada lugar combina variáveis de tempo diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, pela aceitação ou rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural (2014, p. 106).

As narrativas das moradoras 1 e 2 apontam para a ação de se perceberem como pertencentes àquele lugar, engajadas na luta de ocupação liderada pelo líder revolucionário Luizão. É do lugar de agentes sociais que a história dos (as) moradores (as) aparece e faz resistência ao poder público que negava terras para o cidadão viver de forma digna.

Mas na história narrada sempre existirão vários lados ou versões, e podemos apontar também pontos de divergências entre os (as) moradores (as) do bairro. Como a construção do Poço do Meio, em que só quem tinha direito à água era quem pagava a taxa cobrada pelo proprietário do poço, assim como a distribuição das

terras em alguns casos era feita com quem já tinha terra. Foram essas fissuras internas que acabaram enfraquecendo o movimento e causando divergências no grupo.

1.1 Território de experiência: convivendo no espaço de ocupação

A experiência⁷, segundo Bondía (2002), é o que nos atravessa através de nossas vivências e histórias. As narrativas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão nos fazem construir imagens de coletividade, que tinham objetivos semelhantes em proporcionar espaço de convivência, além de desencadear o surgimento de um bairro para todos.

Contar essa história é fazer ressurgir sentimentos e afetos pela caminhada, escutar os (as) moradores (as) que fizeram parte da ocupação é rememorar suas histórias e tradições. Segundo Walter Benjamin, no livro *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (1994), diz que aquele que viaja tem um repertório de histórias fantásticas, mas aquele que considera suas tradições é um narrador que fala da sua aldeia,

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito o que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece histórias e tradições. (BENJAMIN, 1994, p.198).

As narrativas dos (as) moradores (as) da Vila Luizão surgiam acompanhadas de lembranças afetuosas de um tempo vivido e experienciado com um grupo que lutava pelo bem da coletividade por melhores condições de vida e por dignidade para existir no espaço recém ocupado. Histórias de homens e mulheres que tinham o objetivo de exigir do governo o direito à moradia. Nesse sentido, a moradora 3 diz que, “ainda hoje moro no bairro e aqui é o meu lugar” (informação oral, 2019), isso é o mesmo que dizer: fiz parte da fundação e zelo pelo meu bairro como se também fosse meu. Esse pertencimento do território e do entendimento de viver em coletividade ajudando-se e fortalecendo uns aos outros desencadeia inúmeras lutas

⁷ A ideia de experiência para Bondía (2002) é, resumidamente, “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21).

por melhores condições de vida e é ainda a bandeira dos (as) moradores (as) da ocupação.

Ouvir as vozes do bairro é entender que um bairro periférico ainda sofre pela falta de políticas públicas que venham a suprir a carência de um povo, mas mesmo assim, não se deixam abater e seguem construindo territórios de diálogos entre a comunidade.

Como para aquela localidade vieram pessoas de bairros vizinhos e de cidades do interior, o líder da ocupação fazia a distribuição, informava-se sobre quem de fato não tinha terra e só depois era feita a ocupação. No artigo *Ocupação urbana e a luta por moradia: a organização social das ocupações*, (2015) as autoras Elisete Lídia Severino, Juliana Miranda Brochado e Sirlene de Fátima Ferreira Torres escrevem sobre a ocupação Rosa Leão em Belo Horizonte, a qual não se diferencia da história de ocupação das terras do bairro Vila Luizão. O crescente aumento da população nas cidades ocasiona uma desestruturação na considerada cidade formal, os autores definem esse processo da seguinte forma:

A cidade formal é aquela que possui o reconhecimento por parte do poder público e jurídico seguindo leis e normas quanto às práticas na utilização do uso e ocupação do solo, garantindo a habitualidade e segurança da população no quesito habitacional. (SEVERINO, 2015, p. 04)

A outra cidade construída através da resistência de indivíduos em busca de direito à moradia digna é considerada, segundo o poder público como,

Cidade informal caracteriza-se por ocupações urbanas, assentamentos e favelas, que não cumprem determinadas legislações e normas quanto ao uso e ocupação do solo, por não apresentar condições aptas para moradia humana conforme as práticas da arquitetura e urbanismo. Diante dessa dualidade de cidade formal e informal que a sociedade brasileira está inserida criam-se meios de manter sua sobrevivência, já que o Estado com suas políticas sociais de habitação não consegue sanar o problema da moradia digna para a sociedade (SEVERINO, 2015, p.04).

As ocupações urbanas dão-se devido à falta de condições dos indivíduos de conseguirem pagar aluguel em razão da falta de emprego que assola o povo brasileiro. Muitos estão vivendo com o auxílio do Bolsa família, tornando ainda mais distante o sonho da casa própria. A falta de comprovação de renda impossibilita o processo exigido pela caixa econômica federal que estabelece normas para aquisição. O desemprego crescente no Brasil retira a oportunidade de melhores condições de vida e aos excluídos resta lutar por direitos negados pelo Estado.

O relato a seguir traz características do líder da ocupação urbana na entrevista feita com a moradora 3, que reside no bairro há vinte e seis anos.

Luizão era uma pessoa voltada para a questão de comunidade. Ele fundou 13 ocupações, não costumava chamar de invasões, ele dizia que eram ocupações. Até hoje a gente usa esse termo de ocupação, ele ocupava. Ele tinha uma metodologia realmente de ocupar, ele chegava. Há! você não tem um terreno e não tem casa, então você vai ocupar aqui. Ele fazia uma pesquisa nas áreas que estavam abandonadas, procurava; saía reunindo um grupo de pessoas que não tinham moradia, pra dar início a essas ocupações. (Informação oral, 2019).

A narrativa acima (moradora 3) aponta para a criação da imagem de um personagem militante com traços heroicos, que lutava pela causa do outro, indignava-se com o sistema político, e ignorava a falta de moradia para a população maranhense que vivia à margem. O conflito fica evidente na luta entre povo e Estado e a necessidade de espaço para moradia, assim a ocupação feita no bairro Vila Luizão vai transformando a paisagem com a presença de homens e mulheres modificando o espaço.

O cenário da paisagem natural, ao iniciar-se a ocupação vai se transformando em imagens de desmatamento, construção de casas de papelão e taipa vão surgindo, nas quais, muitos moradores improvisavam sem nenhuma estrutura e faziam do espaço ocupado seu lugar de sobrevivência.

A moradora 3 diz que alguns moradores viviam debaixo da ponte e encontraram naquele lugar um espaço de refúgio e convivência. Muitas foram as lutas travadas, relata também as constantes derrubadas dos casebres pela polícia, construídos com tanto trabalho e com tantas dificuldades, assim como a perseguição feita por empresários que queriam se apossar das terras do Estado e usavam da força para expulsar os invasores como eram conhecidos. Nesse sentido, Bauman afirma que,

do ponto de vista da Lei, a exclusão é um ato de auto-suspensão. Isso significa que a lei limita sua preocupação com o marginalizado/excluído para mantê-lo fora do domínio governado pela norma que ela mesma circunscreveu. A lei atua sobre essa preocupação proclamando que o excluído não é assunto seu. Não há lei para ele. A condição do excluído consiste na audiência de uma lei que se aplica a ela. (2005, p.43).

Em meados de 1997, o líder da ocupação Luizão foi preso na penitenciária de Pedrinhas⁸ e, para controlar a invasão, o Estado usou a punição na intenção de manter a ordem crescente do território ocupado, tornando o ato de lutar por moradia algo subversivo e perturbador da ordem, mostrando que a luta pela ocupação era uma ação marginal.

Na ocupação do bairro tinha homens e mulheres lutando pelo direito à moradia, e as terras ociosas eram terrenos do Estado, por conseguinte, do povo por direito. Milton Santos apresenta alguns conceitos de pobreza, para ele o termo pobreza quase desaparece e torna-se sinônimo de marginalidade. O geógrafo afirma que “os pobres não são socialmente marginais e sim rejeitados, explorados e reprimidos” (2013, p. 36).

A forma marginal a qual trataram a ocupação, tanto o Estado como os empresários, que se consideravam proprietários das terras, provocou conflitos na forma de conviver no lugar, gerando o sentimento de vigilância e medo de que a polícia militar derrubasse as casas construídas de forma improvisada.

Espaços esses construídos sem planejamento, nem infraestrutura e com o agravamento dos problemas sociais, uma população que se junta num lugar sem saneamento básico e sem políticas públicas para reorganização das áreas, surgindo assim as áreas periféricas dos grandes centros. Nesse processo, o que resta é a esperança de um povo por melhores condições de vida, no qual juntos imbuídos com o mesmo objetivo de encontrar formas de sobreviver subvertem a engrenagem do sistema político-econômico.

O direito à moradia representa muito mais que ter um lugar para morar, traz uma perspectiva de recomeço, tornando-se uma conquista de direitos para os moradores de ocupações urbanas. A resistência dos (as) moradores (as) das terras do atual bairro Vila Luizão provocou muita violência e a morte dos integrantes do movimento, não sendo uma ocupação pacífica.

⁸ O Complexo Penitenciário de Pedrinhas, originalmente Penitenciária de Pedrinhas, é um conjunto de Unidades Prisionais, situada no 13 km da BR-135, Bairro Pedrinhas, na Cidade de São Luís, Maranhão. Disponível em: <https://mnpctbrasil.files.wordpress.com/2019/09/complexo-penitenciario-de-pedrinhas.pdf> acesso em 19 de janeiro de 2021.

1.2 Luta e derramamento de sangue

A luta pela ocupação de terra estendia-se por toda região nordeste. No Maranhão, desde o movimento da Balaiada, conhecido pela historiografia brasileira como um dos maiores e mais significativos movimentos sociais registrados em terras maranhenses. Ocorrida em meados de 1838 a 1841, na província do Maranhão, a Balaiada expandiu-se para o Piauí e o Ceará. Foi uma guerra de resistência contra as condições de miséria, opressão, escravidão, maus-tratos, contra o abuso de poder e contra todo tipo de injustiças instaladas na sociedade nesse período.

A história do líder da balaiada, Negro Cosme se aproxima das narrativas dos (as) moradores da Vila Luizão quando falam sobre o líder da ocupação, Luizão. Ambos desejavam liberdade e terra para seu povo.

No espetáculo *Negro Cosme em movimento*, o professor, pesquisador e encenador Luiz Pazzini⁹ que assina a encenação do espetáculo, ajuda-nos a pensar as vozes dos vencidos e como essa luta tem pontos de referência com a luta pela ocupação urbana liderada por Luizão, no início do espetáculo teatral Negro Cosme em Movimento uma voz anuncia a história ficcionalmente verdadeira que será contada,

O que vai se passar nesta peça tem tiro, sangue e brutalidade. No entanto, a voz que vai ser falada e a lágrima que vai ser chorada são as do outro lado, aquele que ficou adormecido no tempo, e sobre o qual, a história passou por cima, olhando apenas por detrás do ombro, como quem olha de passagem. Portanto, como verossimilhança, pra mim, é conversa muito da torta e a história pro teatro é pouco e a verdade pro palco é demais, vamos escolher aqui o meio termo, pra não queimar os miolos: Apresentamos aqui uma história verdadeira, só que fictícia, ou melhor, uma história ficcionalmente verdadeira! (NEGRO Cosme em Movimento. Encenador: Luiz Roberto de Souza. São Luís. Grupo Cena Aberta, 2013. Espetáculo teatral).

Pretende-se, então, narrar a história da ocupação do bairro Vila Luizão a partir das vozes do outro lado, dos oprimidos e marginalizados pela falta de habitação e condições de existir. Negro Cosme organizou a insurreição buscando superar a escravidão, criando quilombos como espaço de habitação. Luizão buscou os sem-teto para fazer a ocupação de terras ociosas, entre eles, existiam um único sentimento, o de liberdade.

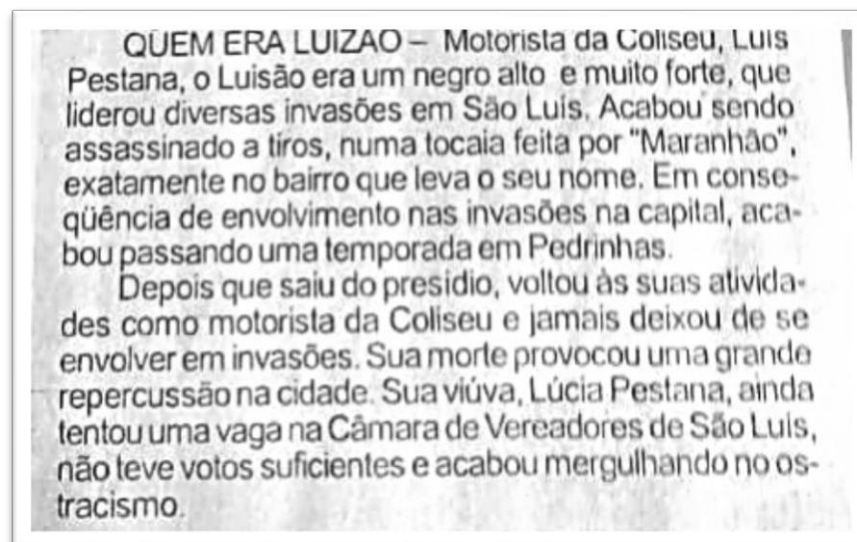
⁹ Luiz Pazzini é nome artístico do professor, encenador, pesquisador das artes cênicas e coordenador do Grupo Cena Aberta, Prof. Me. Luiz Roberto de Souza. Aposentado pelo Departamento de Artes Cênicas da UFMA. Falecido, em 29 de abril em decorrência da covid-19.

A moradora 4 relata em entrevista semiestruturada que “Luizão morreu defendendo seu povo”. Desenvolvem-se questionamentos acerca da personalidade do personagem real da história: Quais as intenções do líder da ocupação? Quem era Luizão? Herói ou anti-herói? Justicheiro ou cangaceiro do Nordeste?

Luiz Gonzaga Ferreira era funcionário público, casado com Lúcia Pestana, pai de três filhos e liderou 13 ocupações no Estado do Maranhão, foi perseguido pela polícia por lutar pela posse de terras para os desfavorecidos. Os (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão têm narrativas de afetos do líder do movimento da ocupação urbana, “se hoje tenho meu pedaço de terra, devo a Luizão” (Moradora 3, informação oral, 2019). São as memórias de conquistas e liberdade que ecoam nas falas.

Na reportagem do jornal Tribuna do Maranhão (1995) (figura 3), há o registro da morte do líder Luizão. Foi uma comoção entre os (as) moradores do bairro.

Figura 3 – Reportagem Jornal Tribuna do Maranhão (1995)



Fonte: Imagem cedida - Arquivo moradora 3

Conta a história que Luizão estava inaugurando o primeiro poço artesiano do bairro em 1995, o Poço do meio, como era chamado pelos (as) moradores, quando homens armados conduziram o líder para um terreno próximo e assassinaram o homem de ideais coletivos.

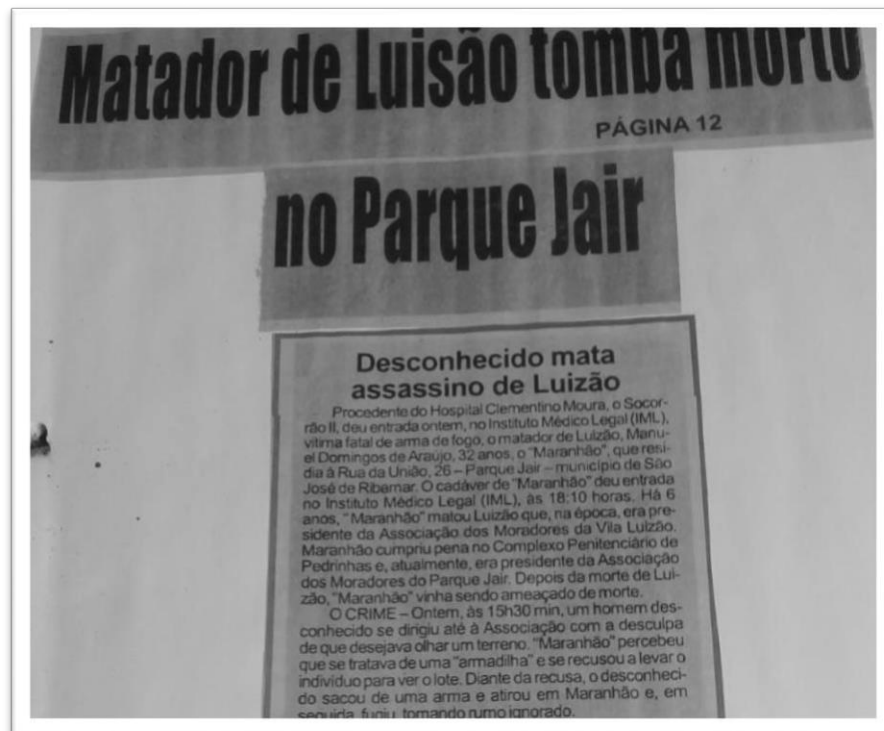
Houve grande comoção com a morte de Luizão primeiro porque viam nele um justicheiro capaz de compreender as necessidades daquele povo, segundo porque ele era para muitos um pai-amigo de longas caminhadas, diz a moradora 4, que se

emociona sempre que lembra da morte dele, “foi muito triste, perdemos uma pessoa que se interessava por nós.” (moradora 4, informação oral, 2019).

O conflito neste caso foi, segundo moradores do bairro, entre os integrantes do mesmo grupo de ocupação os quais desejavam a posição de presidente da associação que nos anos de 1995 estava na direção de Luizão. Nesse período, já havia uma creche para os filhos dos (as) moradores e uma escola de ensino básico, tudo isso sem apoio do poder público, apenas com o trabalho desenvolvido pela associação.

Em 2001, o possível assassino de Luizão é morto como é noticiado no jornal Tribuna do Maranhão (figura 4).

Figura 4 - Jornal Tribuna do Maranhão



Fonte: Imagem cedida - Arquivo moradora 3 (2021)

Quem mandou matar Luizão? São perguntas que continuam sendo feitas para aqueles que lutam pelo bem comum, frase que ainda ecoa nos ouvidos e coração dos (as) moradores na contemporaneidade.

Não sabemos se a história contada até aqui é verdadeira ou falsa, também não é função da pesquisadora investigar a veracidade das narrativas, o que intencionamos é possibilitar que as vozes silenciadas dos que subvertem o sistema e de forma abrupta constroem sonhos em terras muitas vezes inférteis sejam

ouvidas, e reverberem no corpo do receptor que poderá, a partir da imaginação, criar julgamento de valores de certo e/ou errado.

A escrita das vozes dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão aqui intencionadas por nós, não é a historiografia oficial, mas sim aquela que não foi contada nos livros e deixada pelos caminhos.

1.3 Festa na Luizão: Território de afetos

O bairro Vila Luizão é festivo e os (as) moradores (as) costumam comemorar alguns eventos com muita alegria. A brincadeira não é apenas um hábito das crianças, mas os adultos preparam a festa e participam, entendendo esta como recurso para realimentar o jeito de ser da comunidade. Segundo Walter Benjamin, “o adulto alivia seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra a sua experiência” (1994, p. 253).

O morador 5 narra a sua experiência com a festa de São João no mês de junho: “é a maior alegria quando começa os ensaios da quadrilha flor da amizade” a qual ele é fundador.¹⁰

Essa quadrilha existe no bairro há 26 anos, a brincadeira é descrita pelo morador como se a cada nova palavra proferida por ele revivesse o instante, e a felicidade surge nas expressões. No trecho da fala do morador 5, ele diz, “eu pensei essa brincadeira, porque os adolescentes estavam precisando brincar, sair das ruas e pensar um pouco sobre os nossos costumes e a brincadeira nos leva a imaginar um mundo melhor” (Informação oral, 2019).

A imaginação constrói novos lugares e refaz caminhos, muitos jovens da comunidade, a partir da convivência com outros refazem seus hábitos, que, segundo Benjamin,

é da brincadeira que nasce o hábito, e mesmo em sua forma mais rígida o hábito conserva até o fim alguns resíduos da brincadeira. Os hábitos são formas petrificadas, irreconhecíveis, de nossa primeira felicidade e de nosso primeiro terror (1994, p. 253).

O hábito de comemorar as festas juninas nesse bairro não se difere de toda a cidade de São Luís, que no mês de junho se transforma num grande arraial de

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ik778iu9eRQ>; acesso em 12 de abril de 2021.

alegria. Assim, também, a comunidade da Vila Luizão entende a necessidade de festejar a data de aniversário do bairro, e a associação de moradores compreende a importância de festejar uma luta de grande significado para a população que se junta para lembrar o processo de ocupação do bairro. A reportagem (figura 5) mostra a importância desse dia, 28 de agosto de 2003, para os (as) moradores do bairro.

Figura 5 - Pedido de divulgação no jornal

CLIPPING DE MATÉRIAS DA SEMTUR (e afins)	
JORNAL	TRIBUNA DO NORDESTE
DATA DE VEICULAÇÃO	São Luis, 28 de agosto de 2003 - quinta-feira
EDITORIA	CIDADE-
ASSUNTO	Vila Luizão em festa

Vila Luizão comemora nove anos de fundação

A Prefeitura de São Luis e a União de Moradores da Vila Luizão vão realizar uma grande festa em comemoração aos nove anos de fundação do bairro, que acontece no próximo sábado, a partir das 9h da manhã. O anúncio foi feito pelo presidente da União de Moradores, Ivaldo Rodrigues, ontem, durante um café da manhã oferecido à imprensa. Na oportunidade, ele aproveitou para falar sobre as obras da Prefeitura de São Luis no bairro e da programação de atividades que será realizada no dia do aniversário de fundação da Vila Luizão.

Ivaldo Rodrigues informou que para celebrar o aniversário do bairro, haverá uma grande festa. No sábado, serão entregues à comunidade poços artesianos e o prédio reformado da União de Moradores, que foram construídos em parceria com a Prefeitura

res do bairro. Em parceria com a Prefeitura de São Luis, durante todo o sábado, a população irá desfrutar de serviços como atendimento médico, odontológico, consulta jurídica e outros. Ainda haverá torneos esportivos e um grande show com bandas de forró e pagode para encerrar as comemorações de aniversário.

"Todas as conquistas da Vila Luizão mostram a nossa luta. Hoje, o bairro possui escolas, estádio de futebol, posto de saúde, ruas asfaltadas. Essas conquistas representam a vitória de nossa comunidade", disse Ivaldo Rodrigues.

A Vila Luizão é terceira maior ocupação da América Latina, com mais de vinte mil famílias habitando o bairro. A maioria das famílias é oriunda do interior do Estado. Atualmente, o local possui uma infra-estrutura básica com linhas

Fonte: Jornal Tribuna do Nordeste, 2003. Imagem cedida - Moradora 3

O morador 6 fala no jornal Tribuna do Nordeste sobre a conquista, desde o período da ocupação.

Todas as conquistas da Vila Luizão mostram a nossa luta. Hoje o bairro possui escolas, estádio de futebol, posto de saúde, ruas asfaltadas. Essas conquistas representam a vitória de nossa comunidade. (Fonte: Jornal Tribuna do Nordeste, 2003).

O bairro descrito pelo morador 6 é sinal de resistência de um povo que entendeu a importância de se unir em grupo e a partir da associação de moradores reivindicar por melhores condições para a comunidade periférica que construiu novas formas de sobrevivência distante do centro e de bairros considerados produtivos pelo poder econômico.

O sentimento de esperança trouxe para aquele bairro, famílias que ainda hoje permanecem residindo no mesmo lugar, criando relação de afetos com os (as) vizinhos que lutaram pela posse da terra. As narrativas desses moradores apontam para a importância da luta e da união de forças para criar espaços de sobrevivência. Não foi fácil resistir, mas, a conquista é comemorada a cada nova data de fundação.

1.4 Mapeando os espaços de convivência

O bairro Vila Luizão tem nos dias atuais 47 ruas e 21 travessas¹¹, e uma população de aproximadamente 22.000 habitantes. Ladeado pelos bairros, Divinéia, Sol e Mar, Alonso Costa, Santa Rosa, Brisa do Mar e Residencial Ivaldo Rodrigues. Quando o morador 7 descreve as ruas do bairro, não fala apenas de espaço, mas de território de vivência social, as ruas existem, mas também nelas as histórias dos (as) moradores (as), as lutas e conquistas para habitar aquele lugar. Para Certeau (2018), o bairro existe nessa relação de práticas sociais,

o bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um “engajamento” social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição (p. 37).

A relação dos (as) moradores (as) do bairro acontece quando esses se organizam enquanto instituição por meio de associações, criando um espaço de convivência a partir de objetivos comuns. As desavenças e intrigas entre moradores existem também no bairro, mas fazem parte do contexto privado e a luta coletiva deve ser dissociada, pois é pública. Para Certeau “é preciso conviver, encontrar um equilíbrio entre a proximidade imposta para salvaguardar a sua vida privada” (2018, p. 45).

É necessário entender a dinâmica das relações e como interagir nesses espaços sem ultrapassar os limites estabelecidos para uma boa convivência. Para isso, às vezes, constroem-se personagens para os palcos da vida cotidiana. Certeau afirma que,

O bairro é um palco “diurno” cujos personagens são, a cada instante, identificáveis no papel que a conveniência lhes atribui: a criança, o pequeno

¹¹ Dicionário Aurélio -Travessa é um substantivo feminino que pode ter diversos significados, sendo que costuma ser mais utilizado para se referir a uma rua estreita, secundária e transversal a duas outras principais. Disponível em: <https://www.dicio.com.br> acesso em 26 de maio de 2021.

comerciante, a mãe de família, o jovem, o aposentado, o padre, o médico, máscaras e máscaras por trás das quais o usuário do bairro é “obrigado” a se refugiar para continuar usufruindo dos benefícios simbólicos com os quais pode contar (2018, p. 49).

Esses espaços simbólicos são as ruas em que os passantes se encontram para praticar as vivências, segundo Michel de Certeau,

o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelo pedestre. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (1998, p. 203).

Assim, os (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão vão escrevendo a história do lugar, entendendo esse espaço como lugar de fala de cada um deles. E representa suas descrições orais. Segundo Certeau, as narrativas são o primeiro “corpus de análise” para conhecer o espaço habitado. “As descrições orais de lugares, narrados de um apartamento, relato de rua, representam um primeiro corpus” (1998, p. 203).

As descrições dos (as) moradores sempre indicam algo que aconteceu naquele lugar, sinalizando sempre com o dedo indicador na direção da rua, como se aquela orientação representasse simbolicamente a existência do mapa. O mapa (figura 6) orienta o leitor a ver a localização do bairro, mas quando perguntamos ao morador 7 onde fica a avenida principal ele ignora o mapa e segue narrando uma história na intenção de encontrar ligação com o espaço e diz que “ali acontece todas as festas do bairro”, aponta acrescentando, “já me diverti muito naquele lugar” e continua nos localizando, “se vocês seguirem em frente vão ver uma rua movimentada, é lá...” se referindo ao percurso feito em direção as principais ruas do bairro.

Figura 6 – Mapa do Bairro Vila Luizão



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/VilaLuizão>

O bairro Vila Luizão se constitui por cinco avenidas principais, sendo ela Luizão, João Alberto, Airton Sena, Mar e sol e Rio Branco, essas avenidas são lembradas pelos (as) moradores pelo valor afetivo, as quais recordam acontecimentos festivos, principalmente na Avenida Luizão onde foi construída a praça principal no mês de março do ano de 2004 e considerada o coração da Vila.

Neste espaço (figura 7) acontecem as comemorações do aniversário do bairro, carnaval com os blocos transitando pelo corredor da folia, cultos evangélicos e aula de zumba para a comunidade, os quais são lembrados nos relatos dos (as) moradores (as).

Figura 7 - Praça do Bairro Vila Luizão



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Sobre as narrativas dos (as) moradores fizemos entrevistas semiestruturadas na intenção de deixá-los à vontade para rememorar suas histórias de convivência no bairro. A respeito dos lugares habitados no bairro diz Certeau (1998, p. 207), “os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço”. Os mapas são uma descrição redutora totalizante das observações, as narrativas proporcionam um ver com mais detalhes dos espaços, pois as histórias são narradas por quem participou efetivamente do processo de formação do bairro, que construíram laços afetivos com as pessoas e os espaços habitados.

As ruas são descritas não apenas como um mapa de localização, mas como espaço de afetos, ruas de partilhas de histórias, compartilhadas com sentimentos, como as ruas descritas pelo morador 8 que sinaliza com o dedo indicador, “ aquela rua bem ali, são as mais iluminadas no mês de junho devido o arraial do São João”, são elas: as Avenidas Gonçalves Dias que acontece o festival de quadrilha sendo a Quadrilha flor da amizade pertencente ao bairro, organizada pelo morador Dasilva, e a Avenida Airton Sena com a quadrilha da Juventude do Sertão, organizada pela moradora Sandra.

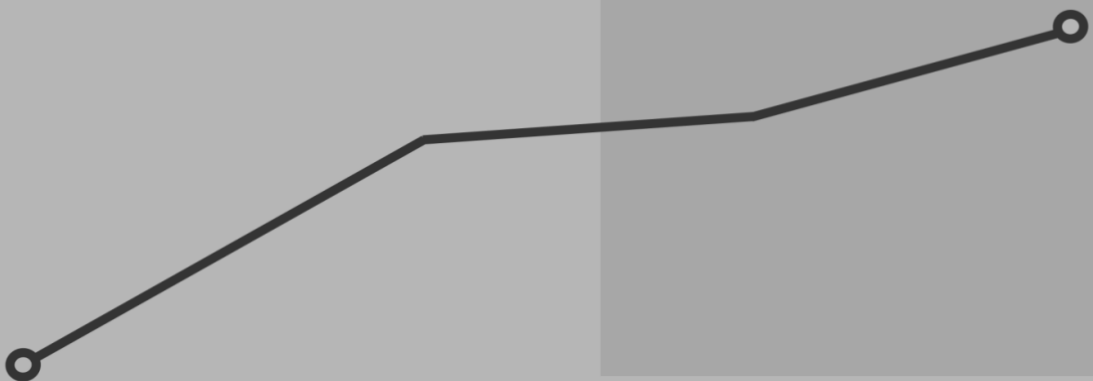
O bairro tem o Hospital Adécio Lopes e a Upa da Vila Luizão que atende aquela comunidade, possui igrejas católicas e evangélicas. O comércio é ativo, tendo supermercados, farmácias, depósitos de materiais de construção, vendedores ambulantes, casas lotéricas, banco 24 horas e a tradicional feira do Mangueirão que atende o bairro e circunvizinhos.

Há ruas consideradas violentas pelos moradores por mostrar um alto índice de homicídios, devido ao tráfico de drogas nesses lugares, são elas: rua Santo Antônio, conhecida pela rua da Pedreira; Rio Branco e rua do Canavial. Ruas as quais quando mencionadas sempre vêm acompanhada de uma expressão de medo, como se todos os (as) moradores (as) daquele lugar estivessem associados a marginalidade, o que Zygmunt Bauman escreve sobre o refugio humano no livro *Vidas Desperdiçadas* (2005), a miséria num país capitalista será sempre associado a criminalidade. O autor afirma que é preciso observar o conteúdo ao qual se denomina refugio, pois a sociedade necessita da mão-de-obra e conhecimentos dos que ficaram à margem do mercado capitalista, a noção de refugio humano descrita por Bauman (2005) está relacionada às diversas formas de vida humana excluídas dos processos produtivos da lógica do capital.

A população que se formou em volta das terras do futuro bairro Vila Luizão foram os que não conseguiram entrar no carro da modernidade consumidora devido à falta de emprego e com o aumento do exército de reserva de mão-de-obra ficaram à margem do sistema capitalista provocando a superpopulação em terras ociosas e ficaram fora do jogo, mas a ocupação trouxe esperança para os (as) moradores (as) que foram se juntando em associação para lutar por seus direitos dando-lhes vozes.

No capítulo 2 aprofundamos a escrita dessas vozes, trazendo um apanhado de memórias dos sujeitos da pesquisa e suas narrativas.

2. CAMINHOS PARA ESCRITA DOS TEXTOS-VIVOS: NARRATIVAS DE JOVENS E VELHOS



2 CAMINHOS PARA ESCRITA DOS TEXTOS-VIVOS: narrativas de jovens e velhos

As narrativas dos (as) adolescentes e moradores (as) sujeitos da pesquisa¹² possibilitaram a recriação do vivido através de relatos orais, cartas e mensagens via aplicativo de WhatsApp e Facebook proporcionando a elaboração da escrita dos textos-vivos com identidade pessoal e significados, com rastros de memória coletiva e pertencimento ao bairro Vila Luizão.

A autora Emanuella de Jesus na dissertação de mestrado intitulada *Processos criativos com alunos idosos: caminhos para uma dramaturgia de pertencimento* (2014), conceitua o termo dramaturgia de pertencimento, a partir da pesquisa com um grupo de idosos, percebendo a importância das imagens-lembranças que surgem quando acionadas pela professora-dramaturgista. Logo, as narrativas surgem como disparador para a elaboração do material dramaturgicovivo, extraído das experiências e vivências dos integrantes idosos. Sobre a dramaturgia do pertencimento Emanuella de Jesus afirma que,

tem como base um texto construído a partir dos arquivos de memória. [...] Pois, sendo o material dramaturgicovivo fonte de experiências vividas pelos atores que representam, eles estariam à vontade para burilar, reconstruir e transformar as palavras escritas da maneira que melhor lhes aprouvesse, gerando assim, um teatro vivo de significados, não mais através de um texto alheio a quem diz, mas na perspectiva de um texto retirado de quem diz, porque neste caso as histórias foram apropriadas de tal maneira que passou a ser, não mais de um “eu” mas de um “nós”. Nossa fábula, nossa pertença, nosso Drama. (2014, p. 112/113).

As histórias narradas pelos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão foram buriladas pelos (as) adolescentes e essas misturaram-se ao ponto de se perceberem suas vozes amplificadas, proporcionando assim materiais ativos para a ação dramática.

Não são textos de outro(s), mas textos dramaturgicovivos com identidade local, de memórias pessoais e de imagens-lembranças que fizeram parte de um tempo/espço vividos de forma coletiva. É importante a escuta dessas histórias como fio condutor para a criação das dramaturgias.

No artigo *Memórias ao sol: em busca de uma dramaturgia da escuta com mulheres em privação de liberdade* (2020), a pesquisadora Caroline Vetori de Souza

¹² Refere-se a adolescentes moradores do bairro e moradores que fizeram parte da fundação do bairro Vila Luizão.

escreve sobre um processo artístico-pedagógico com mulheres em situação de cárcere, em 2019, no presídio feminino de Florianópolis, em Santa Catarina. A pesquisadora propõe que a escuta das vozes das mulheres, possibilita a escrita da dramaturgia, a partir das narrativas de vozes oprimidas e subalternas que foram silenciadas, ou que, são esquecidas no discurso opressor das vozes dos colonizadores; a pesquisadora abre fissuras a partir das frestas do sistema capitalista, para que a escuta seja o processo pelo qual o (a) dramaturgo (a) utiliza para a feitura de textos dramáticos.

Para Souza, “compreender a dramaturgia como lugar de escuta salientam-se as vozes participantes do processo em um primeiro plano e não a própria dramaturga” (2020, p. 17).

As narrativas dos (as) moradores (as) e adolescentes do bairro Vila Luizão foram ouvidas e transformadas em textos fictícios para inventar um novo bairro, criado a partir do exercício da escuta das vozes internas e externas de si, ou seja, das vivências dos (as) moradores no bairro, mapeando as ruas e as imagens-lembranças as quais foram convidados a rememorar os caminhos percorridos por eles (as) e recriar o vivido, aventurando-se na ressignificação das lembranças, num flunar no sentido que aponta o cronista João do Rio no livro *A Alma encantadora das ruas: crônicas* (1995), de forma amorosa, mapeando as memórias-imagens da rua, as memórias-coletivas com a comunidade e como essas reverberam no jeito de olhar o bairro e sua relação com o mesmo. De acordo com o cronista ser um flâneur,

é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flunar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população [...]. É vagabundagem? Talvez. Flunar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas (1995, p. 11-12).

O flâneur descrito por João do Rio no século XIX é aquele que se relaciona com todos os passantes da rua, sabe dialogar com pessoas e espaços, porque entende a importância de todos para o processo histórico da urbe¹³, percebe as ruas como espaço de fantasia. O flâneur¹⁴ contemporâneo depara-se com outro espaço,

¹³ Centro urbano ou cidade; designação atribuída ao conjunto de pessoas que habitam uma área delimitada, com casas e atividades financeiras, comerciais, culturais, administrativas, (...) Disponível em: www.dicio.com.br; acesso em 17 de maio de 2021.

¹⁴ O Flâneur para Walter Benjamin, “é uma espécie de botânico do asfalto” (p. 39). Ou ainda, esse ser que vive o hábito de caminhar, flunar, pelas ruas, atento a tudo que possa propiciar o exercício do

esse agora é lugar de perigo e modificado pela evolução tecnológica, é o caminhante errante que se depara com os obstáculos da rua e a partir das práticas, modifica o espaço e modifica-se a si próprio.

Aos (as) adolescentes e moradores (as) foi proposto pensarem os espaços públicos do bairro e quais as imagens-lembranças-memórias que surgiram desse exercício. Talvez se não estivéssemos vivendo o contexto atual de pandemia, no qual a situação de confinamento potencializa nossos desejos pelo outro ser/espaço, pelo externo, pelo que se encontra para além de nós, seria utópico tal exercício que propõe interrupção no fazer, para pensar os espaços, ou seja, pensar a escrita das narrativas praticada por eles (as) nas ruas.

Exercita-se o flunar no sentido de mapear os espaços e as memórias da rua, acionamos imagens e propomos uma caminhada através das lembranças do lugar, quais as ruas e cenas que marcaram suas vidas e que permanecem na memória dos (as) adolescentes que são espaços de afetos importantes para a criação das dramaturgias, assim como memórias dos (as) moradores sobre a ocupação feita em 1994 pelo líder comunitário Luís Gonzaga Ferreira, conhecido por Luizão, que fundou a Vila Luizão e a partir das memórias-narrativas escrever os textos dramaturgicos de afetos do bairro.

Utilizam-se estratégias de escrita alternativa através das mídias sociais como: WhatsApp e Facebook, pois vivemos um tempo de profundas evoluções tecnológicas e os (as) adolescentes sujeitos da pesquisa são nativos digitais, o educador Marc Prenski afirma que,

Os Nativos Digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas. Eles preferem os seus gráficos antes do texto ao invés do oposto. Eles preferem acesso aleatório (como hipertexto). Eles trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos. (2001, p. 2).

Os (as) adolescentes estão habituados a receber mensagens, áudios e imagens e respondem positivamente a esse meio eletrônico, estão ligados nas redes sociais e relacionam-se com facilidade. Esse meio respondeu aos anseios da escrita dos textos dramáticos com os chamados nativos digitais. Agora, com os (as)

moradores que fizeram parte da ocupação do bairro Vila Luizão, foi realizado entrevistas semiestruturadas e utilizamos o recurso de cartas.

2.1 Vozes-narrativas, quem está falando?

O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história. Walter Benjamin

A História Oficial¹⁵ ensinada nas escolas através dos livros didáticos vem recheada de conteúdos de manipulação dominante, aos quais, habituamos-nos a rememorar sem uma reflexão do porquê o fazemos. As datas são lembradas por obrigação para que não nos esqueçamos dos feitos heroicos, exemplo disso, é a revolta da Balaiada, na qual Duque de Caxias¹⁶ aparece na História como herói e Negro Cosme o transgressor do sistema, perseguido e condenado pelo homem branco ocidental. Por que as vozes dos oprimidos são silenciadas? E, por que continuamos propagando o esquecimento dos líderes que surgiram da classe popular?

Intenciona-se com a pesquisa, utilizando a expressão de Walter Benjamin (1996), escovar a contrapelo a história, e buscar através da historiografia contemporânea no sentido de apresentar narrativas que fazem parte do cotidiano dos (as) moradores (as) da Vila Luizão que não foi escrito em livros didáticos.

O que os (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão querem falar? Querem falar de quem? Essas questões nos acompanharam durante todo o processo de escrita dos textos dramáticos. As vozes amplificam-se entre acontecimentos do passado acionados no presente e a lembrança de jovens pertencentes ao bairro, no qual as memórias entrelaçaram-se formando um fio de histórias narradas com o corpo-memória-afetivas e lembranças do passado.

Na civilização Grega, a memória era questionada a partir da visão do filósofo Platão como algo que se entrepunha entre corpo e alma, na qual as imagens

¹⁵História como ciência do conhecimento. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf acesso em 15 de abril de 2021

¹⁶ Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias (Porto da Estrela, 25 de agosto de 1803 – Valença, 7 de maio de 1880), apelidado de "O Pacificador" e "O Duque de Ferro", foi um militar, político e monarquista brasileiro. Comandou as forças lealistas de 1839 a 1845 na supressão de revoltas como a Balaiada, as Revoltas Liberais e a Revolução Farroupilha.

impressas no corpo traziam lembranças do passado que afeta de forma emotiva. Já em Aristóteles a memória era o retorno a lembranças do passado.

A História tradicional voltada para a escrita e reconhecimento da verdade através de documentos e arquivos, o método de verificação científica vem da corrente filosófica positivista, no qual o precursor August Comte afirma que, “a principal característica do estado positivo é a "subordinação da imaginação” e da argumentação à observação”, (1996, p.9) reconhecendo que,

Somente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados. Considerando como absolutamente inacessível e vazia de sentido para nós a investigação das chamadas causas, sejam primeiras, sejam finais. (COMTE, 1996, p. 24).

Com os ideais positivistas certamente não seria possível esta pesquisa, uma vez que trabalhamos com incertezas e imaginação de imagens-lembranças revisitadas. Como verificar a veracidade de lembranças memoradas? A memória é abstrata uma vez que se refere a memória individual/subjetiva e que não temos instrumentos para verificar a veracidade do acontecimento.

Sobre memória o filósofo Paul Ricoeur no livro *A memória, a história, o esquecimento* (2007) diz que; “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu se passou antes que declarássemos nos lembrar dela”. (p. 40). Para o autor a memória está intimamente ligada às experiências e às vivências, e memorar é contrário ao esquecimento, é um ato de resistência.

Trazer lembranças da ocupação do bairro Vila Luizão é de fato um ato de resistência, pois as lembranças memoradas por mais dolorosas que sejam quando narradas tornam-se suportáveis. Temos o dever de não esquecê-las. Acabamos, no entanto, utilizando de estratégias de esquecimento para evitar memórias dolorosas, o esquecimento é para Paul Ricoeur necessário, significa o luto;

O esquecimento tem igualmente um polo ativo ligado ao processo de rememoração, essa busca para reencontrar as memórias perdidas, que, embora tornadas indisponíveis, não estão realmente desaparecidas. [...] Rememorar é uma forma de trabalho; o trabalho de luto, ao qual Freud consagra um outro ensaio importante, *Luto e melancolia*, não está afastado dele. (2003, p.7)

O esquecimento, para o filósofo Paul Ricoeur, tem a ver com as memórias manipuladas, as quais se dão a partir de narrativas ideológicas, o que vem acontecendo com grande parte da população brasileira que aceita a manipulação a qual estamos vivenciando no governo atual, trazendo à tona a temática da ditadura

militar com uma roupagem ideológica e apresentando a nação como atos de patriotismo. Na verdade, as memórias desse período para nós, e em especial para quem foi vítima dele, trazem as piores imagens de um tempo o qual deveria estar no trabalho de luto e não sendo apresentado como memória-hábito que surge de forma natural e rotineira em nossas lembranças.

O esquecimento acontece através da manipulação ideológica, ou pela falta de interesse em participar ativamente, seja na vida pessoal, e ou, na coletividade, fazendo parte da história da comunidade. Os (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão que fizeram parte da pesquisa, tiveram dificuldade em relatar a morte do líder da ocupação Luiz Gonzaga Ferreira. O esquecimento nesse caso significa a necessidade de deixar um tempo vivido no passado e também pela dúvida sobre a morte. Quem matou Luizão? Essa pergunta para alguns (as) moradores (as) vem acompanhada de pausa, necessária para a busca de imagens vividas e que podem ser apresentadas ou guardadas no subconsciente.

Utilizamos memória-hábito, memória-perdida e memória-manipulada para escrever uma história ficcional do lugar e de sua gente, reinventar um novo bairro, buscar quais os esquecimentos dos (as) moradores (as) e dos (as) jovens para pensar os textos dramáticos incorporados pelos sujeitos da pesquisa.

Para entender as memórias dos (as) moradores, foi necessário pensar a história no tempo e espaço, que são lembranças narradas do início da formação do bairro e de jovens adolescentes que residem nesse nos dias atuais. Na verdade, são tempos e lugares diferentes, e caso as memórias-lembranças não forem acionadas perder-se-ão no tempo.

Para Paul Ricoeur (2007), o verbo lembrar está sempre relacionado ao substantivo lembrança, uma vez que o filósofo francês apresenta a memória como sendo pragmática. Isso significa que ela deverá ser exercitada, ou seja, não apenas lembrar o que passou, mas fazer alguma coisa em relação a essa lembrança.

Temos aqui dois grupos de sujeitos da pesquisa. O primeiro fez parte da ocupação e rememora aquele tempo a partir de suas percepções e imagens; o segundo são adolescentes que convivem com a temática atual do bairro periférico, que não se diferencia de tantos outros com relação a violência e falta de moradia na região.

Com o surgimento de novos acontecimentos, as memórias vão se apresentando borradas e os rastros apagados como afirma Ricoeur,

Buscamos aquilo que tememos ter esquecido, provisoriamente ou para sempre, com base na experiência ordinária da recordação, sem que possamos decidir entre duas hipóteses a respeito da origem do esquecimento: trata-se de um apagamento definitivo dos rastros do que foi aprendido anteriormente, ou de um impedimento provisório, este mesmo eventualmente superável, oposto à sua reanimação? Essa incerteza quanto à natureza profunda do esquecimento dá à busca o seu colorido inquieto. Quem busca não encontra necessariamente. O esforço pode ter sucesso ou fracassar. A recordação bem-sucedida é uma das figuras daquilo a que chamaremos de memória “feliz”. (2007, p. 57).

Não recordamos apenas memórias do passado distante, temos nessa pesquisa memórias recentes, pois os jovens trouxeram narrativas de vivências no bairro Vila Luizão e essas lembranças apontaram caminhos para a escrita dramatúrgica do lugar e das memórias de velhos e jovens.

Fizemos exercícios para lembrar, tais como: o mapa da vida¹⁷ para encontrar caminhos de escrita com os (as) adolescentes, criando um mapa dos personagens e em seguida desenhamos a vida desses personagens, e a partir das narrativas, realizamos a escrita de textos ficcionais para reinventar o bairro. Segundo Ricoeur lembrar é ter estado lá,

Lembro-me de ter gozado e sofrido em minha carne, neste ou naquele período de minha vida passada; lembro-me de ter por muito tempo, morado naquela casa daquela cidade, de ter viajado para aquela parte do mundo, e é daqui que evoco todos esses láis onde eu estava, lembro-me da extensão daquela paisagem marinha que me dava o sentido da imensidão do mundo. E, quando da visita daquele sítio arqueológico, eu evocava o mundo cultural desaparecido ao qual aquelas ruínas remetiam tristemente. Como a testemunha numa investigação policial, posso dizer sobre tais lugares que “eu estava lá” (2007, p. 57).

Lembrar é a ação de fazer, exercitando a lembrança na ação de rememorar, que se difere de memorização, esta que está ligada a memória-hábito, na qual não há nenhum esforço para aprender coisas novas, há apenas a lição decorada. Rememorar para trazer acontecimentos que já ocorreram em outro tempo num processo de recordação. Recordar imagens-memórias.

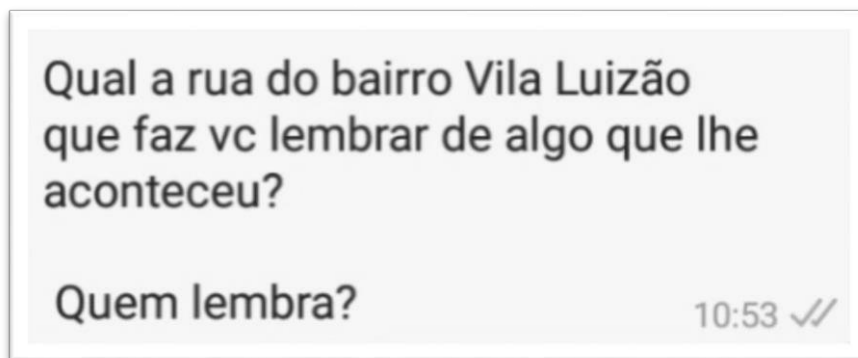
Em nosso primeiro contato com os jovens envolvidos na pesquisa foi lançada a pergunta: quem lembra? Esse contato foi realizado através das redes sociais,

¹⁷ Método do Mapa da Vida de Ilo Krugli –Diretor do Grupo Ventoforte (1970), o método propõe pesquisar sua própria história de vida. Fonte: Dissertação de Wilton Carlos Amorim Rezende, intitulada Teatro Ventoforte de 1985 a 1995- A formação de um artista e arte-educador. São Paulo, 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86880/rezende_wca_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y acesso em 17 de janeiro de 2021.

devido ao isolamento social que nos foi imposto com a Pandemia da Covid-19. Criamos através da utilização das TIC's uma ferramenta de diálogo entre nós, mudamos o nome do grupo que antes era dramaturgia da rua, para dramaturgia de afetos na intenção de propor a escrita dessas memórias construídas através de afetos, memórias, encontros e distâncias, utilizando os meios tecnológicos como: WhatsApp e Facebook na tentativa de aproximar as vivências dos (as) jovens da comunidade e suas narrativas. Não podemos deixar de lamentar a falta que fez as práticas em sala de ensaio ou, nas ruas, vivenciando e experimentando novos espaços cênicos, mas as mídias sociais oportunizaram-nos continuar existindo e o grupo seguiu de forma remota.

Acionamos as memórias dos (as) adolescentes, com a pergunta feita por mensagem de WhatsApp. Como podemos ver (figura 8) um recorte dessa pergunta.

FIGURA 8 - Mensagem enviada pela pesquisadora aos adolescentes



Fonte: arquivo pessoal da autora.

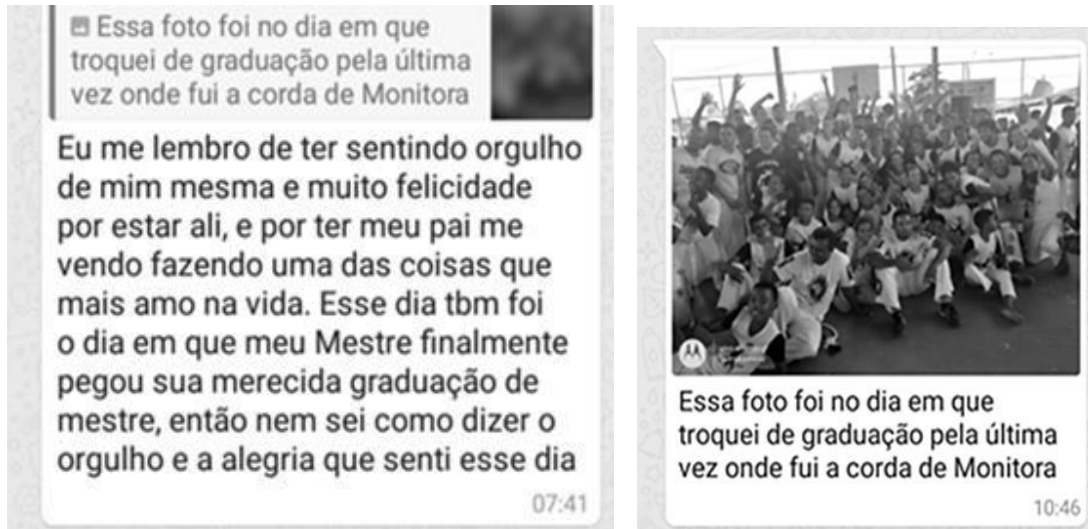
É certo que a dificuldade da escrita dos (as) adolescentes tornou lento o processo de escrita da (s) dramaturgia (s). O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)¹⁸ no ano 2020 aponta que ainda estamos distantes da meta de educação de qualidade para todos. As políticas públicas são ineficazes para o desenvolvimento educacional dos menos favorecidos e, em alguns casos, a escrita desses é de difícil entendimento, tanto com relação a organização das ideias, como a própria ortografia e, de apresentando erros gramaticais e - de pontuação, entre outros-, mas que será desconsiderada por nós. Será considerado o processo criativo dos (as) adolescentes, que está para além da forma padrão de escrita.

Tivemos como foco a escrita de narrativas do cotidiano ou de memórias registradas pelos (as) moradores (as) que fizeram parte da fundação e dos (as)

¹⁸ Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/ideb> acesso em 17 de junho de 2020.

adolescentes moradores (as) do bairro na produção de cenas armazenadas em suas lembranças e usadas na criação da escrita dramática.

FIGURA 9 - Mensagem enviada por adolescente do grupo dramaturgia de afetos



Arquivo pessoal da autora

A mensagem enviada pela adolescente 1 (figura 9) faz-nos entender o que Ricoeur (2007), diz sobre memória-lembrança e sobre as recordações de memória feliz, quando rememora a felicidade da participação do pai no evento de troca de faixa na capoeira, assim como a graduação do seu mestre. A adolescente 1 esteve naquele lugar/tempo, logo as lembranças vêm acompanhadas de memória afetiva. Ela se alegra por seu mestre ter trocado de graduação na capoeira.

A narrativa da adolescente 1 mostra um relato autobiográfico o que aproxima da memória cotidiana de outros (as) adolescentes. O texto autobiográfico aproxima as narrativas individuais. O relato da adolescente 1 pode reverberar em outros (as) jovens da sua idade que se identificam com sua história. Sobre memória autobiográfica (ou pessoal) afirma o sociólogo Maurice Halbwachs no livro *Memória Coletiva*,

Seria o caso de distinguir duas memórias: um pessoal e outra social, ou mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1990, p. 55)

A memória da adolescente 1 não faz referência a um tempo histórico, mas entende-se que fez parte de um tempo/lugar socialmente vivido no grupo de

capoeira. Ou seja, em sua narrativa encontramos o que Halbwachs escreve sobre a memória autobiográfica, que; “toda história de nossa vida faz parte da história em geral”. (1990, p. 55).

Não temos meios para mensurar a veracidade do fragmento de memória da jovem, uma vez que são memórias subjetivas apresentadas a partir de suas vivências. Poderíamos, a partir do relato, apresentar a personagem com a seguinte rubrica: uma jovem é abandonada pelo pai e esse no dia mais importante de sua vida chega de surpresa. A jovem, quando percebe a presença do pai, emociona-se e abraça-o.

A memória pode criar artimanhas de reapresentação do passado com doses de imaginação, recriando espaços de resistências, no artigo *Escola: memória e micropolítica na cena contemporânea latino-americana* (2014), Narciso Telles¹⁹ escreve sobre a poética/práxis do dramaturgo chileno Guillermo Calderón²⁰ no espetáculo *Escola*²¹ (2013) e, aponta que a memória latino-americana está permeada de esquecimentos dos que sumiram da cena cotidiana, por serem perseguidos pelos militares apoiadores do regime ditatorial, que sufocava qualquer pensamento contrário as suas ideologias de repressão.

A memória nesse caso pode ser considerada como espaço de micropolítica, subjetividade e resistência. Os grupos de teatro latino-americanos que persistiram em existir no período da ditadura têm características de resistência e de busca de identidade nacional, de contar sua história a partir das narrativas individuais e das memórias coletivas comuns de quem viveu na época. E, sobre a cena contemporânea e a utilização de textos autobiográficos,

A cena contemporânea, ao trabalhar com a memória política, promove outras possibilidades discursivas sobre o tema, agora calcadas na experiência do sujeito-ator, em sua capacidade de constituir memória a partir de um processo de acumulação sensível para, em cena, instituir-se

¹⁹ Professor Dr. do Curso de Teatro (licenciatura e bacharelado), do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e Mestrado Profissional em Artes na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e colaborador no Programa de Pós-Graduação em Educação/UFU. Pesquisador do CNPq e do GEAC/UFU. Tem estudos, publicações e prática artística na área de Artes/Teatro.

²⁰ Guillermo Calderón. Dramaturgo e diretor chileno, formado pela Escola de Teatro da Universidade do Chile e pela Dell'Arte School of Physical Theater, na Califórnia, com mestrado em cinema na NYU, Calderón vem ocupando um lugar de destaque na cena contemporânea latino-americana, com obras como *Neva*, *Diciembre*, *Clase*, *Villa Discurso* e *Escola*.

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PJ681ihZwWs> acesso em 01 de junho de 2021.

em corpo-memória, que resiste ao contínuo movimento de esquecimento. (TELLES, 2014, p. 99).

Resistir ao movimento de esquecimento macropolítico desumanizante que propões a amnésia a partir da lei de anistia, esquecimento obrigatório para crimes sofridos na ditadura. O espetáculo *Escola* (Calderón, 2013), não pretendia examinar a ditadura durante os quarenta anos de golpe, mas retirar fragmentos pessoais da época em que o dramaturgo Calderón Viveu para reconstruir a história do Chile a partir de memórias individuais e coletivas utilizando como metodologia conversas informais com pessoas que viveram esse período, com a intenção de rememorar os abusos dessa época para que não se repitam. A memória aqui pensada como recorte histórico de um tempo vivido.

No livro *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível* (2001), organizado por Stella Bresciani e Márcia Naxara, a historiadora Jacy Alves de Seixas²² escreve sobre *Percursos de memórias em terras de História: problemáticas atuais* (2001, p. 37). A autora traz alguns conceitos de memória em Maurice Halbwach e Henri Bergson os quais foram utilizados para pensar a escrita dos textos-dramatúrgicos dos (as) jovens.

Seixas escreve que, para o sociólogo Maurice Halbwachs, memória é um acontecimento social, “à memória coletiva, Halbwachs confere o atributo de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil”. (2001, p. 41). Segundo o sociólogo, a recordação das lembranças só pode ser efetivamente analisada se for levado em conta o contexto social no qual estamos inseridos, o sujeito social rememora a partir de um tempo/espço vivido por ele (a) e pela dinâmica do contexto. Como exemplo de memória coletiva podemos citar o atual contexto de pandemia no mundo ao qual estamos vivenciando, o que nos separa é a forma como cada sujeito tem suas vivências individuais.

O filósofo Henri Bergson (1999), fala das memórias voluntária e involuntária, “ambas as memórias para Bergson, as memórias que imagina e aquela que repete, vão lado a lado e se apoiam mutuamente” (p. 47). Utilizamos dessas memórias para compreender as narrativas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão as quais

²² Jacy Alves de Seixas é professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pesquisadora do "Núcleo História e Linguagens Políticas: razão, sentimentos e sensibilidades" (CNPq) e do "NEPHISPO - Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política" (CNPq), do qual é coordenadora.

surgem repetidas e enlaçadas à memória-hábito, acostumadas a relatar a mesma história. Mas também, memórias sensoriais que se lembram do cheiro do bairro no início da ocupação, narrativas militantes e desejosas de transformação permearam a escrita dos textos. De acordo com Seixas,

A memória é algo que “atravessa”, que vence obstáculos, que “emerge”: os sentimentos associados a este percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes. Não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade e, ainda que a integralidade do passado esteja irremediavelmente perdida, aquilo que retorna vem inteiro, íntegro porque com suas tonalidades emocionais e “charme” afetivo. (2001, p. 47).

Tivemos um olhar mais apurado para as narrativas emocionais e afetivas como afirma Seixas (2001) sobre o “charme afetivo das memórias”, existente nas memórias afetivas dos (as) moradores (as) e adolescentes do bairro Vila Luizão uma vez que, a intenção de criação dos textos dramáticos vem das vozes dos que vivem ou viveram o cotidiano daquela comunidade.

Sobre a experiência de processo de criação com comunidade, o Grupo de Teatro Latino-Americano La candelaria,²³ situado na Colômbia rememora as histórias narradas pelo povo colombiano desde 1966, com o dramaturgo Santiago García. As pesquisas eram feitas através de fontes documentais, mas também a partir de histórias orais e vivências com o grupo social pesquisado, aproximando assim os textos dramáticos das narrativas do cidadão comum e suas memórias.

No livro *Teoria e prática do teatro* (1988), o dramaturgo Santiago García fala sobre o processo de criação coletivo de algumas peças e aponta a importância da vivência e experiência dos atores com a criação do personagem. Para isso, compreendia a necessidade de conhecer a história pela lente dos esquecidos, marginalizados e oprimidos; a classe trabalhadora, subvertendo assim o sistema capitalista.

Sobre a criação do espetáculo *Cidade Dourada*, afirma García “travamos contato com as famílias camponesas que chegavam aos bairros populares de

²³ O Teatro La Candelaria foi fundado em 1966 por um grupo de artistas independentes e de intelectuais que vinham do teatro experimental e do movimento cultural mais abrangente na Colômbia. Dirigido por Santiago García, o Teatro La Candelaria é um dos agentes mais inovadores do teatro colombiano, modernizando o drama nacional ao mesmo tempo dirigindo-se às plateias populares. Disponível em: <https://hemi.nyu.edu/hemi/pt/entrevistas/itemlist/category/358-candelaria> acesso em 03 fevereiro de 2021.

Bogotá, e a partir dessas entrevistas fomos reunindo uma grande quantidade de material com o qual começamos as improvisações” (1988, p.114).

O contato do dramaturgo com a comunidade e com as histórias contadas a contrapelo fez do grupo de teatro La Candelaria eterno perseguidor de uma dramaturgia com identidade ou de uma dramaturgia nossa, como dizia García, “uma dramaturgia que venha a preencher o vácuo de identidade que a América Latina havia perdido”. (1988, p. 105). E, sobre a importância de evocar a memória latino-americana Seixas enfatiza que,

(...) necessidade de se apreender a memória ao mesmo tempo como reconstrução-evocação e irrupção, ao mesmo tempo consciência e emoção; com existência fora e dentro (inclusive de forma inconsciente, recalcada) dos indivíduos e grupos sociais e constituindo-se como fator essencial da constituição das subjetividades. (2001, p. 105).

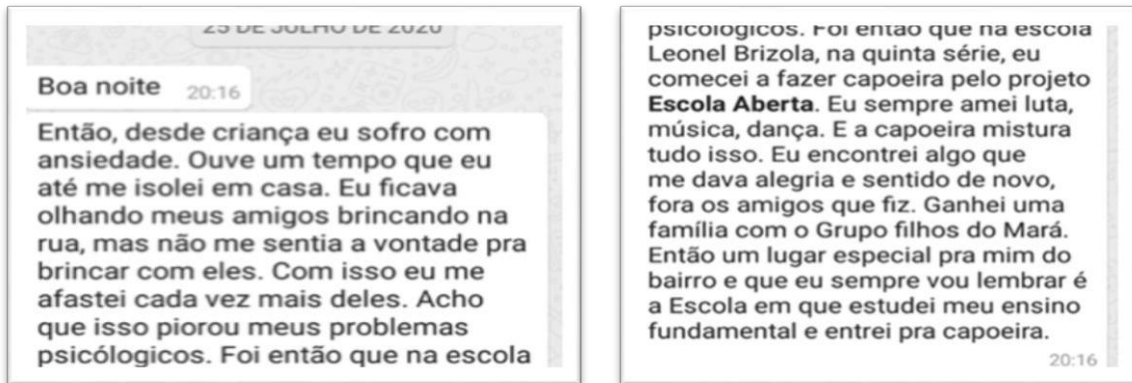
Buscamos evocar a memória para pensar as histórias dos (as) moradores (as) do bairro como instrumento para a criação dos textos. Nas narrativas dos (as) moradores (as) e jovens, sempre aparece os dois lados, o público e o privado, a memória individual que é narrada na primeira pessoa (eu) e a memória coletiva onde aparece o (nós) nas subjetividades do (eu).

No estudo da fenomenologia a experiência com o mundo exterior através das percepções dos fenômenos observados pelos sujeitos, o mundo percebido e modificado pela relação do homem interior e exterior, a ideia de homem interior que se lembra de si, resgata as lembranças do espírito (Ricouer, 2007).

É na escola do olhar interior que a memória individual surge como presentificação do passado, através de imagens e lembranças. As imagens entendidas como retratos, quadros, fotografias e estátuas, as lembranças como reapropriação do tempo perdido.

Nos textos dramáticos escritos pelos (as) adolescentes do bairro Vila Luizão, percebemos a utilização das imagens-lembranças do presente e do passado que se cruzam com as lembranças comuns. A escrita dessa pesquisa teve sempre uma pausa para dialogar com a interioridade das vozes dos (as) adolescentes que fizeram parte do processo de escrita deste trabalho científico.

FIGURA 10 - Mensagem enviada por adolescente 2 do grupo dramaturgia de afetos.



Fonte: Arquivo pessoal.

O trecho da mensagem enviada pela adolescente 2 (figura 10) faz-nos pensar a relação de memória individual em que a adolescente lembra de si, o que a fenomenologia aponta como a interioridade.

A narrativa da adolescente 2 trata sobre problemas pessoais; sofria de ansiedade e acabou isolando-se. Esse relato faz o emissor resgatar suas lembranças dolorosas e trazer ao tempo presente o acontecimento. Percebemos, entretanto, que no final do relato ela diz que foi a partir da capoeira que conseguiu encontrar alegria e relata também a importância da relação de amizade no grupo da escola.

A adolescente 2 traz memória²⁴ de infância o que não é um passado distante uma vez que tem apenas 22 anos de idade, o tempo das lembranças pode ser da memória de velhos, assim como memória de jovens. Para Ricouer, “retrocedo rumo à minha infância, com o sentimento de que as coisas se passaram numa outra época”. (2007, p.108). A adolescente também entende essa outra época como tempo passado. As lembranças não estão no presente elas são evocadas para a representação do passado no presente.

O relato da adolescente 2 (figura 10) abre caminho para refletirmos a subjetividade dos sujeitos participantes da pesquisa, uma vez que utilizamos a pesquisa narrativa e entendemos que devemos ouvir com atenção as vozes desses (as) jovens, e aproveitar todo e qualquer traço apontado por eles (as) para a escrita

²⁴ Dicionário: substantivo feminino - Faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente. substantivo feminino plural - Obra literária escrita por quem presenciou os acontecimentos que narra, ou neles tomou parte. Disponível em: <https://www.dicio.com.br> acesso em 28 de maio de 2021.

do texto dramático. No artigo *A pesquisa narrativa: uma introdução*,²⁵ (2008) da autora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, UFMG/CNPq/FAPEMIG²⁶, diz que a pesquisa narrativa é o relato de experiências e vivências,

Clandinin e Connely (2000, p.20) definem pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência” em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. (PAIVA, 2008, p. 3).

A experiência dá-se na relação do sujeito individual com as memórias coletivas. Para o sociólogo Michael Pollak “a memória é constituída por pessoas, personagens.” (1992, p. 201), pois quando se reapresentam as lembranças, pode-se estar construindo novas histórias.

Nesta narrativa (figura 10), a adolescente 2 resgata uma memória feliz de quando estudava na escola Leonel Brizola²⁷. Ela convida o leitor a conhecer memórias individuais de quando ainda era criança e fazia o 5º ano nessa escola, leva-nos a pensar a escrita da dramaturgia. Se iniciássemos com essa narrativa teríamos o entendimento do Onde, O que e Quando referenciado no livro *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor* de Viola Spolin (2007), proporcionando um norte para a escrita coletiva.

A escrita dos textos dramatúrgicos intercruza histórias narradas do cotidiano, assim como, memórias revisitadas pelos (as) moradores (as). São as histórias individuais e coletivas que nos interessam, na intenção de cruzamentos de narrativas para o exercício da escrita.

Para isso, acionamos as memórias dos (as) adolescentes e moradores (as) de forma remota. Foi enviado um vídeo pela pesquisadora narrando vivências de infância de uma lembrança pessoal, na tentativa de conhecer mais os (as) adolescentes, e de saber se as suas lembranças são de momentos vividos naquele bairro.

²⁵ Revista brasileira linguística aplicada 8 (2) • 2008 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001> acesso em 18 de maio de 2021.

²⁶ Artigo disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt> acesso em 14 de fevereiro de 2021.

²⁷ A UEB Governador Leonel Brizola fica no bairro Vila Luizão, em (MA), localizada na rua do Canavial. Oferece aulas de ensino fundamental I e II.

FIGURA 11 - Mensagens trocadas entre adolescente e pesquisadora



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As imagens-lembranças enviadas pela pesquisadora são de sua infância feitas no lugar onde nasceu, no interior do Ceará. Esse lugar exterior em contato com o corpo da pesquisadora provoca sensações e sentimentos diversos, fazendo com que o passado seja rememorado a partir de imagens extraídas do interior, e das relações com o exterior, o espaço habitado.

O livro *Matéria e Memória* do filósofo Henri Bergson (1999), apresenta as relações do corpo com o mundo exterior, e afirma que as relações com o movimento do mundo externo propõem imagens que podem ser percebidas através da percepção e das sensações que o objeto provoca.

O filósofo esclarece ao leitor que: “Este livro afirma a realidade do espírito, a realidade da matéria, e procura determinar a relação entre eles sobre um exemplo preciso, o da memória.” (BERGSON, 1999, p. 01). Apesar da dualidade em seus textos de matéria-corpo e espírito-consciência, ele tenta o caminho do meio, no qual evita as concepções realistas e ideológicas. Para ele, as imagens existem por si só e quando acionadas, não são apenas representação, mas as percepções conscientes dessa representação. Bergson escreve que, “a percepção tem um interesse inteiramente especulativo; ela é conhecimento puro”. (1999, p. 24). A percepção para o filósofo dá-se o tempo todo desde que adquirimos a capacidade perceptiva.

A pesquisadora partiu do presente para evocar imagens do passado criando uma relação entre o lugar e as imagens da memória-lembrança, lembrando-se de uma situação particular (figura 11). As imagens são da infância; fala sobre um lugar/espaço e um tempo diferente do presente, mas que a partir da evocação de

imagens da infância, consegue reapresentar o instante, apontando detalhes de quando era criança e brincava no terreno próximo a sua casa. Segundo Bergson,

o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo de fora” (2006, p. 47/48).

O passado está em nosso presente sempre vivo e pronto para ser revisitado e a partir das percepções do corpo revelá-los ao mundo.

Depois que a pesquisadora enviou suas lembranças, a adolescente 3 enviou uma mensagem de memória pessoal onde descreve que,

aqui do lado tbm tinha um terreno abandonado (pelo menos era o que a gente pensava kkk) eu e meus irmãos íamos lá pegar castanha pra assar, acho que essa é a melhor lembrança que eu tenho desse lugar.” (2020).

As memórias pessoais da pesquisadora provocaram o exercício de rememorar dos (as) adolescentes e nesse cruzamento de mensagens burilamos os textos para criação das dramaturgias habitadas pela escrita e reescrita dos (as) jovens.

2.2 Dramaturgia habitada: a morada dos textos narrativos

A escrita da dramaturgia habitada não foi feita por um dramaturgo trancado em seu escritório, mas por adolescentes que de forma coletiva escrevem fragmentos de vida o que vai surgindo uma dramaturgia em processo. Os textos narrativos foram habitados por fragmentos de histórias dos (as) moradores (as) e adolescentes, traçando rastros do presente/passado, recriando o bairro e um novo jeito de pertencer nele na tentativa de reescrevê-los para o teatro através de texto dramático, utilizando diálogos, sons e gestos possíveis para a representação.

Temos a impressão de que depois de um período longo de pandemia não teremos as mesmas compreensões de antes acerca de fazer teatro, nos reinventamos e utilizamos a tecnologia como aliada para produzir arte; pensadores do teatro, tais como: Jorge Dubatti²⁸ escrevem sobre as novas formas de fazer teatro

²⁸ A PANDEMIA REVELOU O PODER DO CONVÍVIO”. Diretor do Instituto de Artes do Espetáculo da Universidade de Buenos Aires, Jorge Dubatti reflete sobre as diferentes formas de fruição da arte teatral a partir do isolamento social. Texto Márcio Bastos. (01/12/2020). Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/240/ra-pandemia-revelou-o-poder-do-convivior> acesso em 25 de maio de 2021.

durante a pandemia, em entrevista, Dubatti (2020) diz que, “o convívio foi alterado para o tecnovívio (em que há mediação de máquinas), é uma ferramenta importante para discutir os híbridos de linguagens artísticas”, pensando o espaço cênico alternativo para além da caixa preta, rua, praça, cidade etc. Agora, o espaço cênico pode ser a sua casa, lugar habitado por nós nunca antes pensado como lugar de fazer teatro.

Não desconsideramos as vivências dos (as) adolescentes no bairro e utilizamos do recurso da rememoração para cartografar as lembranças dos lugares. Isso porque apenas nos resta pensar esse lugar de saudades, já que não podemos aglomerar nas ruas, devido à pandemia da Covid-19 que no momento dessa escrita ultrapassava um número de 586²⁹ mil brasileiros mortos.

A tecnologia ajuda-nos a aproximar os sujeitos da pesquisa e aponta caminhos para o processo criativo a partir dos recursos midiáticos aos quais temos acesso. Utilizamos das mídias sociais tais como: WhatsApp e Facebook para propor diálogos e escrita dos textos dramáticos.

Na tese de doutorado intitulada *Drama-processo e ciberespaço: O ensino do teatro em campo expandido* (2016), o ator e professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Wellington Menegaz, trabalhou com alunos do curso de teatro, utilizando o recurso midiático para criação de textos e cenas, no qual a comunicação acontecia também através de aparelhos celulares, utilizando-se de mensagens via WhatsApp e Facebook na intenção de inserir nas aulas de teatro o aparelho celular. Esse recurso, mesmo na contemporaneidade, ainda permanece em discussão, se deve ser utilizado como uma ferramenta na sala de aula, ou não, se o uso pode trazer benefícios ou malefícios para a aprendizagem, tornando um facilitador ou desviando a atenção dos (as) alunos (as) para aquilo que a educação destaca como importante para a formação do educando.

Menegaz traz à tona a questão do uso do celular pelos educandos, e aponta outro espaço propício para o jogo teatral que é o ciberespaço, no qual (as) adolescentes sabem se comunicar com facilidade entre eles, através da utilização da internet e rede social, o autor acima citado diz que,

os celulares não são apenas um instrumento de comunicação, mas também um marco contemporâneo da manifestação de uma identidade juvenil. Por

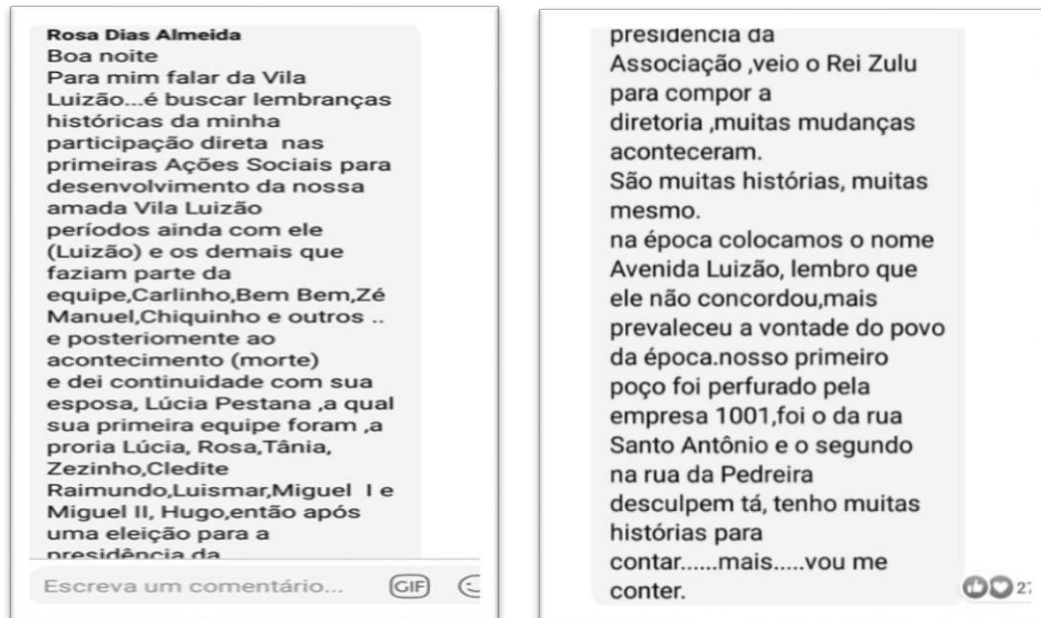
²⁹Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> acesso em 13 de setembro de 2021.

intermédio desses dispositivos móveis, os adolescentes e jovens interagem com comunidades que se estruturam por afinidades de pensamento ou gostos pessoais (como é o caso dos grupos de *WhatsApp*), criam e compartilham conteúdos que podem ser considerados visões de mundo em relação a determinado assunto. (MENEZES, 2016, p. 180).

Os interesses pessoais aproximam os integrantes das comunidades que circulam no ciberespaço das redes sociais, eles formam-se e compartilham de temas que se identificam formando uma tribo de afinidades.

Nas mensagens enviadas via facebook por moradores do bairro Vila Luizão, aparece a temática da fundação, porque acionamos essas lembranças e pela identificação destes com o líder da ocupação, na falta de moradia, saneamento básico e no precário abastecimento de água no bairro.

FIGURA 12 - Mensagem enviada por moradora 8 do bairro Vila Luizão



Fonte: Arquivo pessoal.

No ano de 2019, foi criada uma página na rede social Facebook intitulada dramaturgia do espaço habitado, na intenção que se tornasse um espaço de diálogo entre moradores do bairro Vila Luizão. Através dessa ferramenta, recolhemos alguns relatos, entre eles o da moradora 8 (figura 12), no qual deixa-se perceber a relação de afetividade entre adolescentes e moradores (as). Nesse relato, a moradora 8 fez-nos perceber a relação de afetividade com o bairro e com o líder comunitário Luiz Gonzaga Ferreira, conhecido como Luizão.

A moradora 8 narra a história do bairro e sua participação nas ações sociais, como ato de narrar uma ação vivida num tempo/espaço que não é o atual,

considerando que lembrar algumas histórias da formação do bairro é trazer as cenas de momentos vividos antes, ou seja, dizer é neste caso, a narração do fazer de outro tempo, o que mostra o historiador Michel de Certeau (1998), quando afirma que a narração é a arte da teoria e prática, é a arte do fazer e pensar. “A narratividade das práticas seria uma maneira de fazer textual, com seus procedimentos e táticas “próprios” (1998, p. 152). É esse fazer textual que nos interessa, escrever as memórias e criar um espaço de ficção para a dramaturgia do lugar.

Percebemos o momento em que a moradora 8 narra (figura 12) o fazer praticado pelo outro, o dizer do outro, das práticas de outros moradores que de alguma forma entrelaçam-se às suas memórias.

As lembranças da moradora 8 acionam as imagens subjetivas e também da coletividade e trazem nomes que de alguma forma sustentam seu fazer no dizer, quando acrescenta que; [...] “colocamos o nome Avenida Luizão, lembro que ele não concordou, mas prevaleceu a vontade do povo da época” (2020).

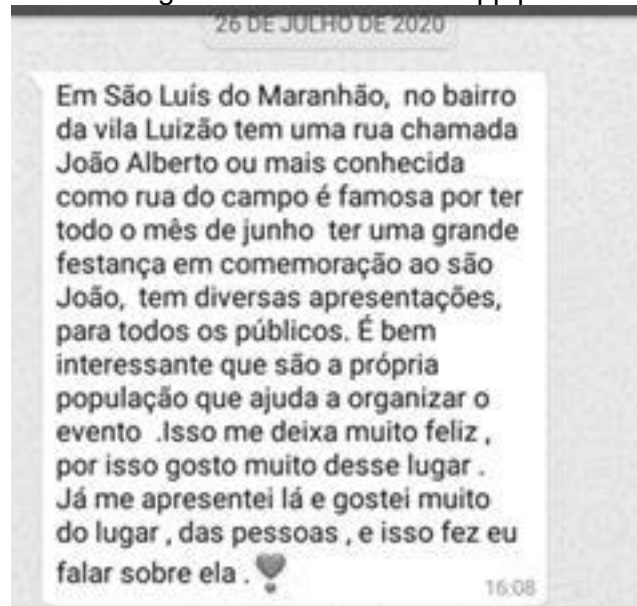
Essa moradora refere-se à figura do líder comunitário Luiz Gonzaga Ferreira. O tempo da história dá-se a partir do termo *na época*, o que se subentende que não é uma narrativa do cotidiano, mas que já fez parte de um tempo histórico que mais adiante entenderemos que foi em 1994, período de profundas manifestações por ocupações de terras no Estado do Maranhão.

As lembranças da moradora 8 deram-se devido a ter assistido o vídeo (figura 11) enviado pela pesquisadora via WhatsApp e facebook. Com isso, suscitou-se o que diria Michel de Certeau (1998), uma rememoração que é feita de clarões e fragmentos que pode ser real ou ficção, pois uma lembrança pode ser alterada ou não, dependendo do desejo do narrador. E sobre memória, afirma Certeau:

Talvez a memória seja, aliás, apenas essa “rememoração” ou chamamento pelo outro, cuja impressão se traçaria como em sobrecarga sobre um corpo há muito tempo alterado já mais sem o saber. (1998, p.163).

O chamamento foi feito pela pesquisadora para que as memórias rememoradas possibilitassem a criação dos textos, tecendo as dramaturgias a partir de várias mãos.

FIGURA 13 - Mensagem enviada via whatsapp por adolescente 4



Fonte: Arquivo pessoal.

A mensagem enviada pelo adolescente 4, morador do bairro Vila Luizão (figura 13), aponta para o mapeamento da rua como lugar de vivência afetiva e suas lembranças surgem como aquele que *namora a rua* embriagando-se com as lembranças e viajando nos pensamentos como o flâneur, que se encanta com o espaço público e amorosamente traz narrativas de lembranças pessoal-afetivas do lugar, no trecho que o adolescente 4 diz “gostar muito dessa rua” (2020). Essa relação amorosa tem a ver com o encontro festivo que aquela rua em especial oferece aos moradores e a memória pessoal e seletiva do adolescente faz rememorar momentos festivos e felizes.

Percebemos (figura 13) a referência do adolescente 4, sobre festejar o São João. “Nessa rua todo mês de junho é festa” mostra a memória seletiva do adolescente e a lembrança da rua como lugar de encontros, assim como acrescenta que, é interessante porque são os (as) moradores (as) que se organizam em grupo para preparar a festa. A rua aqui é entendida como lugar de encontro de afetos e alegrias.

No livro *A alma encantadora das Ruas: crônicas* (1995), João do Rio afirma que as ruas são espaços vivos de comunicação, “se as ruas são entes vivos, as ruas pensam, têm ideias, filosofia e religião. Há ruas inteiramente católicas, ruas protestantes, ruas livres-pensadores e até ruas sem religião”. (1995, p. 6).

O cronista João do Rio acredita que as ruas têm espaços de potências tanto de histórias do passado, como em fatos ocorridos no aqui/agora, e dialogam com os (as) moradores (as) proporcionando lembranças específicas daquela rua. As experiências no espaço público nos dias atuais, são apenas lembranças de afetos e de encontros que são registradas através de imagens-textos enviadas pelo grupo de WhatsApp o que nos ajuda a quebrar o silêncio e pensar sobre tema que vem crescendo no bairro periférico, que é o feminicídio, devido ao isolamento social e o crescente desemprego, a violência doméstica aumenta, e faz surgir nas narrativas dos (as) jovens como desabafo, trazendo para o texto a escrita subterrânea. Assim, como a saudade do espaço público da rua e o desejo que a população já seja vacinada contra o inimigo invisível o vírus da Covid-19, que puniu a todos com o isolamento. Sobre as ruas só as lembranças.

FIGURA 14 - Foto da quadrilha flor da amizade do Bairro Vila Luizão



Fonte: Foto cedida pela moradora 9

Em conversa informal a moradora 9 descreve outra rua do bairro que considera festiva e diz, “a Rua 25 de dezembro fica alegre e iluminada no São João, é festa todo o mês de junho” (2020) e segue rememorando o acontecimento e lugar. Narra o surgimento da *Quadrilha Flor da Amizade* (figura 14), uma simples brincadeira dos moradores da rua 25 de dezembro que ganhou proporções maiores, pois antes só participavam as crianças e apenas se apresentavam no bairro, agora é feita por adultos e apresentam-se nos bairros da cidade de São Luís e interior. O ritual de abertura da quadrilha permanece o mesmo, depois de 25 anos, uma menina representa a flor da amizade, a florzinha.

FIGURA 15 - Mensagem enviada por morador 10 do bairro Vila Luizão, via Facebook

Eu lembro que cheguei pra pegar um terreno e quando o Carlinhos e o bembem mediram eu já fui roçando a galera que tava na fila ficaram valente gritando pra eu ir para o final da fila
 Eu pensei que ia levar um no pé da zoreia
 Então ele disse :Deixa o rapaz ele mostrou que está precisando kkkk

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O relato do morador 10 (figura 15) produziu traços para escrita dos textos. A rememoração é do passado, o morador narra momentos da ocupação de terras no bairro e utiliza-se de elementos de comicidade quando descreve um fato ao qual tem uma segunda voz. Aparece aqui o diálogo entre o morador 10 e do líder comunitário, Luizão, “Então, ele disse: Deixa o rapaz, ele mostrou que está precisando”.

A memória aponta para o que Certeau (1998) escreve sobre a linguagem como o dizer de outro, o morador 10 (figura 15) relata uma fala de Luizão e aponta características de liderança e acrescenta um comentário subjetivo, que ele, mesmo não estando na fila é autorizado pelo líder comunitário a *roçar o terreno* e assim ganhá-lo. Segundo Certeau, “a história narrada cria um espaço de ficção. Ela se afasta do “real”. (1998, p. 153). Neste caso, a memória narra o real ou, o que dizem sobre Luizão é ficção? Essa pergunta não interferiu na escrita dos textos dramáticos, apenas nos fez pensar, a prática da escrita dos (as) jovens.

No cotidiano dos (as) moradores (as) do bairro surgem narrativas de ruas covardes (Rio, 1995). Segue o relato do adolescente 5,

Foi um caso que deixou a população muito revoltada, por se tratar de um jovem que foi morto no local não podendo nem se defender. Foram cinco dias de pânico aqui no bairro tendo manifestações em busca de justiça pela morte do Fagner. Teve lojas saqueadas, teve pessoas presa. E foi assim um dos casos que mais deixou a população revoltada (2020).

O adolescente 5 enviou a mensagem para o WhatsApp da pesquisadora junto com o seu relato a reportagem (figura 16) sobre a morte do jovem Fagner extraída do portal de notícias do G1 Maranhão no ano de 2015³⁰.

FIGURA 16 – reportagem enviada pelo adolescente 5



Fonte: G1 Maranhão - 2015

O personagem da história real (figura 16), era Fagner Barros, jovem, negro ocupante de um terreno na periferia; do outro lado, um policial militar que se diz soberano para decidir quem pode morrer. O portal de notícias G1 noticiou o acontecimento, “segundo informações da Secretaria de Segurança Pública, a Polícia Militar estava fazendo a retirada de invasores do terreno”.

Invasores? A mídia noticia os acontecimentos da periferia de forma imparcial, ou já rotula como sendo toda periferia igual no quesito violência? A voz desse bairro é ouvida? Dar voz ao outro significa saber a respeito de determinado povo, por ele mesmo, através da escuta das narrativas e falar através da língua do Outro. Mas,

³⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/08/pm-atira-e-mata-jovem-durante-desocupacao-de-predio-em-sao-luis.html> acesso em 02 de maio de 2020.

pode o subalterno falar? O termo subalterno é utilizado pela teórica indiana Gayatri Spivak (2010), se refere

as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. (2010, p. 12).

A teórica indiana Gayatri Spivak chama atenção para a representação, ou seja, falar pelo outro utilizando argumentos para reafirmar a dominação de um povo. O discurso político é carregado de fala que neutraliza o oprimido, em alguns casos, esses podem encontrar no silêncio uma forma de resistência, a mudez como ato de subversão.

O pesquisador que escreve sobre o outro precisa entender o seu lugar de fala e criar possibilidades para que se dê de fato o conhecimento epistêmico e não venha a violentá-lo, utilizando-se de tática para neutralização do outro, seja ele subalterno ou colonizado. Spivak (2010) diz que, “a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela faça, possa ser ouvido(a)”. (P.14).

Ouvir a voz dos sujeitos da pesquisa, que são os (as) adolescentes e moradores (as) do bairro, é conhecer sobre o jeito de viver daquela comunidade e compreender os problemas enfrentados por eles (as) cotidianamente. A cena apresentada (figura 16) e registrada pelo adolescente 5 aponta como é tratado pelo poder público, moradores de áreas periféricas.

O espaço periférico é compreendido como tudo aquilo que é distante do centro, que o capitalismo convencionou como espaço urbano desenvolvido, dividindo-os através das arquiteturas urbanas que se diferenciam do comércio e casas da região periférica. Socialmente a periferia é formada por uma população de baixa renda, carente de serviços básicos essenciais, sendo geograficamente distantes dos locais de trabalho e lazer.

No Brasil a violência contra moradores de periferia³¹ vem crescendo, o poder público entende que é nesse espaço o maior índice de criminalidade³² e para

³¹A morte de jovens negros, pobres e das periferias, principal alvo destas ações, demonstra um genocídio em curso em todo o país, o que não comove a sociedade, fruto do processo de desumanização que a população negra enfrenta no Brasil, resquício de séculos de escravidão”. Disponível em: http://bradonegro.com/content/arquivo/18062019_231355 acesso em 24 de maio de 2020.

combater os altos índices de violência, constrói um campo de guerra em torno de um povo sem fazer distinção entre miséria e marginalidade.

A memória coletiva dos (as) moradores (as) do bairro registrou a violência contra o jovem Fagner (figura 16). Então, vem a reflexão sobre o termo soberania, feita pelo filósofo Achille Mbembe no artigo *Necropolítica* (2016), o autor descreve as técnicas de morte em vários períodos históricos e aponta que existe no homem a necessidade natural de controlar seu semelhante exercendo poder sobre outros; a morte é o resultado final para identificar quem tem o poder. Isso foi visto nos campos de concentração nazista (1933/1945), no feudalismo (séculos V a XV), com a divisão de feudos e no Brasil colonial com a escravidão. Se por soberania entende-se um corpo de (povo) iguais e livres, a visão utópica desse termo vem mostrando homens subjugados à força por outros e o seu extermínio.

Mbembe (2016) formulou o conceito de *necropolítica*. Ou seja, o poder de ditar quem deve viver e quem pode morrer. É um poder de determinação sobre a vida e a morte, ao desprover o status político dos sujeitos. A diminuição ao biológico, desumaniza e abre espaço para todo tipo de arbitrariedade e inumanidade.

No entanto, para o filósofo há racionalidade na aparente irracionalidade desse extermínio. Utilizam-se técnicas e desenvolvem-se aparatos meticulosamente planejados para a execução dessa política de desaparecimento e de morte. Ou seja, não há, nessa lógica sistêmica, a intencionalidade de controle de determinados corpos, de determinados grupos sociais. O processo de exploração e do ciclo em que se estabelecem as relações neoliberais opera pelo extermínio dos grupos que não têm lugar algum no sistema, uma política que parte da exclusão para o extermínio.

Mas e na contemporaneidade, como se dá essa demonstração de poder? Não menos diferente do período feudal ou colonial, seja na conquista de terra, ou nas grandes tecnologias de aviões e mísseis de guerra e ou, no homem bomba. Na contemporaneidade o homem também segue encontrando formas de dominação e modernizam-se as técnicas, ou não. Em todos os casos a barbárie permanece e o resultado final ainda persiste em (re)existir. Viver ainda continua sendo a forma de poder e soberania sob aquele que morre.

³²Atlas da Violência 2019, produzido pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784 acesso em 24 de maio de 2021.

Para Mbembe (2016) a soberania não está nos termos legais de homens livres e iguais. Isto é utópico, principalmente para países que se recuperam de guerras e ataques à existência. O autor fala da luta não por autonomia, mas sim da “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (2016, p. 125). O excessivo uso de força e de agentes repressivos está articulado e indissociado dos interesses do capital especulativo.

Esse é de fato o real interesse do extermínio, a utilização do território para fins comerciais. E ao povo? Só resta resistir. A formação territorial brasileira ocorreu de forma desigual, o Estado redistribuindo terras públicas para empresas privadas. Assim o ato de ocupação de terra pública que é de direito do povo, ainda acaba em morte, o domínio do poder da bala mascarado pela ideologia e slogans da força da lei, de pôr ordem no local.

Diante do pensamento de Mbembe (2016), veem as seguintes reflexões sobre o relato do adolescente 5 (figura 16): O policial militar que atirou na testa do jovem de 19 anos devido à ocupação de terras, fez porque entende o poder que existe no ato de matar, ou também é subjugado ao Estado que tem o poder e decide quem deve viver e quem pode morrer? A Necropolítica é vivenciada neste caso, o corpo biológico não tem nenhum valor e o que se sobrepõe é o capital. O que foi construído neste local? E, seguimos no exercício de escuta das vozes que narram histórias e que nos propõem caminhos para a escrita dramática deste lugar.

Outra narrativa que traz lembranças de violência é o relato da moradora 8 (figura 17) que num desabafo sobre o líder comunitário, Luizão. Escreve via facebook.

FIGURA 17 - Mensagem enviada por moradora 8 do bairro.

Morreu lutando pelo povo

Fonte: Arquivo pessoal.

A moradora 8 (figura 17) refere-se à morte do líder comunitário, Luizão que aconteceu em 1995, enquanto inaugurava um poço artesiano para abastecer a comunidade. Homens armados fizeram uma emboscada para Luizão e mataram o

representante do povo do bairro³³. Uma história não diferente de outras que acontece num país com uma sociedade marcada pela lógica neoliberal, racista e patriarcal. Luizão também era negro, vivendo à margem da sociedade em região periférica; do outro lado o Estado, defendendo terras públicas com o discurso neoliberal de progresso e desenvolvimento. Aquelas terras que são o bairro Vila Luizão foram motivo de muitos conflitos e lutas.

FIGURA 18 - Luizão inaugurando o poço do meio para abastecer o bairro - 1995.



Fonte: Arquivo moradora 8

As pessoas que lutavam junto com Luizão intencionavam terra para construir suas casas, porque devido ao sistema capitalista que dita normas de quem pode viver com dignidade e deixa à margem sujeitos que são tratados como algo que pode ser descartados, a qualquer ato que subverta a engrenagem do sistema, e encontre novos caminhos para resistir.

³³ Fonte: Jornal Imparcial – 1995. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/> acesso em 20 de fevereiro de 2021.

As ocupações de terras que aconteceram nos anos 90 no Estado do Maranhão, são exemplo da perda de controle do Estado vigente, e para recuperar isso só através do uso da força. Foram presas e perseguidas diversas pessoas que lutavam pela reforma agrária no Maranhão.

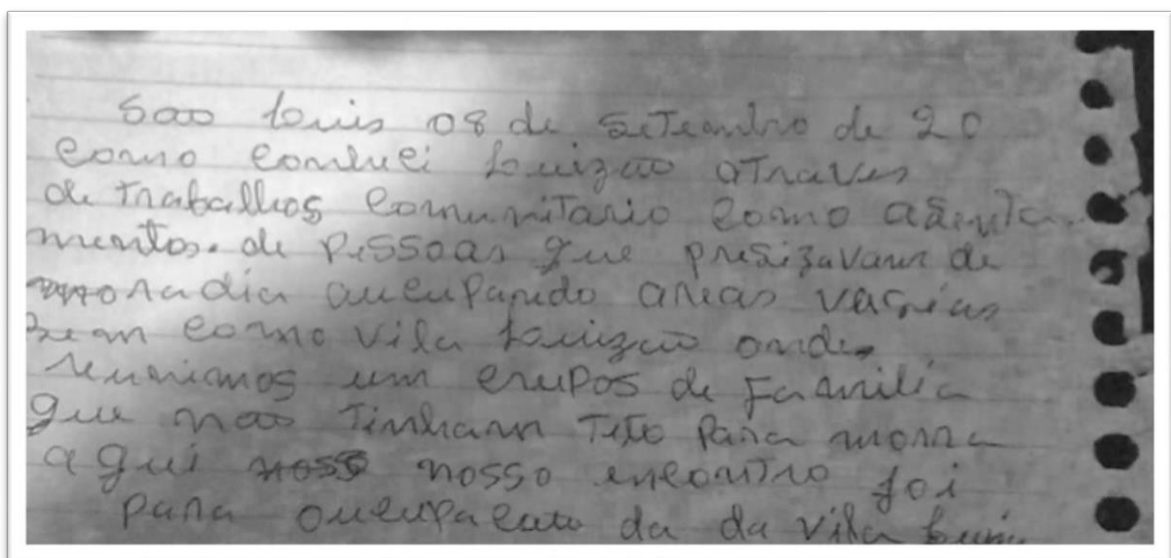
2.3 Dramaturgia de afetos: narrativas de histórias reais ficcionadas

Escrever textos afetados por corpos de memórias é trazer histórias que fizeram parte do imaginário dos (as) moradores (as) do bairro sobre a pessoa de Luizão. Com certeza seria um personagem enigmático e que encontraríamos características trágicas e cômicas, dessa figura amada por muitos e odiada por outros (as) daquela comunidade, um personagem encontrado na vida, ou que se ouviu falar, como afirma Pollak

falar de personagem realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagem que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. (1992, p. 202)

O personagem que encontramos fez parte de um tempo e espaço. Como relata a moradora 9, que não apenas ouviu falar sobre Luizão, mas participou da fundação do bairro. Quando perguntamos como ela conheceu o personagem da vida real, o Luizão, ela enviou-nos uma mensagem/carta (figura 19) lembrando como o conheceu.

FIGURA 19 – Carta enviada por moradora 9



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A carta foi transcrita para melhor compreensão: diante da escrita da moradora 9 (figura 15), porque não dizer, CENA 1.

São Luís 08 de setembro de 2020

Como conheci Luizão através de trabalhos comunitário como assentamentos de pessoas que precisavam de moradia ocupando áreas vazias bem como Vila Luizão onde nos reunimos em grupos de família que não tinham teto para morar aqui, nosso encontro foi para ocupação da Vila Luizão.

A moradora 9 escreve na carta que conheceu Luizão através de trabalhos comunitários e que o acompanhou nos assentamentos, sendo uma das seguidoras do movimento de ocupação do bairro participou também da fundação da associação de moradores na função de secretária, ou seja, conviveu com o grupo de moradores que buscavam construir o bairro Vila Luizão e preferiu escrever a carta como forma de trazer para o presente, lembranças de um tempo vivido e compartilhado com sujeitos que buscavam moradia.

Surgiu o desejo de utilizar o recurso da escrita de cartas para a criação do texto dramático. Além das trocas de mensagens pelos meios virtuais, o envio de cartas para o endereço da pesquisadora sem a preocupação de nomes reais, se preferir sem remetente, apenas intitulado carta afetos, e esperar essa relação de remetente e destinatário, foram enviadas algumas cartas para nos ajudar com a escrita das dramaturgias.

O grupo cultural peruano Yuyachkani³⁴ ajudou-nos a pensar o recurso da carta como resgate de memória-corpo-ausente, nesse caso a memória de um tempo vivido pela moradora 9 e o líder da ocupação Luizão, evocando o corpo-ausente. No espetáculo *Cartas de Chimbote*³⁵ (2015) de criação coletiva, o grupo Yuyackani recria as comunicações através de cartas, entre José María Arguedas sua psicanalista Lola Hoffmann, e um amigo, o antropólogo John Murra. Durante os últimos sete anos de sua vida, o escritor e antropólogo narra sua vivência, os conflitos enfrentados por indígenas pela posse de terras e o desaparecimento de corpos no Peru.

³⁴ Grupo teatral independente peruano fundado em 1971 por Miguel Rubio, o Yuyachkani nasceu de uma dissidência do Yego Teatro Comprometido, integrado por jovens universitários de classe média e orientado para o público juvenil. Uma parte do grupo, com expectativas mais vinculadas aos problemas sociopolíticos, passou a estudar a realidade nacional. Assim, apareceu Yuyachkani – em quíchua, “estou pensando, estou recordando”. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/y/yuyachkani> acesso em 30 de maio 2021.

³⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIb0EEEnPAT4> acesso em 30 de maio de 2021.

No artigo *Ritualidades em Cena a presença de José María Arguedas em cartas de Chimbote (2015)*, de Yuyachkani, *um wanka moderno (2021)* a pesquisadora Carla Dameane Pereira de Souza objetiva entender de que maneira Yuyachkani leva à cena a biografia e os escritos literários, ficcionais, antropológicos e autobiográficos de José María Arguedas. Como os fragmentos ou materiais coletados se transformam em cena espetacular? Como as cartas escrita pelos (as) moradores (as) do bairro contribuíram para a criação da cena?

Essas reflexões entrecruzadas e a escrita das *cartas de Chimbote*, levaram-nos a pensar como as narrativas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão puderam acionar a presença de corpo-ausente de homens e mulheres que lutaram pela fundação do bairro. Como, a partir de fragmentos de cartas-memórias pensamos os textos dramaturgicos dos (as) jovens. Sobre o espetáculo *Cartas de Chimbote* Souza escreve,

os fragmentos de cartas enviadas a sua psicanalista Lola Hoffman entre 1962 e1969 e os fragmentos de cartas enviadas ao seu amigo, o antropólogo John Murra, entre 1967 e1969, ao longo de suas viagens a Chimbote e da escrita do romance, imerso em uma crise de depressão que o levou ao suicídio. Não se trata, porém, de citações pedagógicas com a finalidade de apresentar ao espectador a vida e a obra do escritor peruano e sua importância como intelectual que alcançou a fama por sua organicidade frente a um projeto político-cultural de valorização da diversidade étnica do Peru. (2021, p. 48).

O grupo cultural Yuyachkani na investigação teatral sobre o escritor Arguedas interessou-se pelo diálogo que mantinha com as comunidades peruanas e suas contribuições antropológicas. Para Souza,

A circulação desta variedade de escrituras textuais e a narração visual de sua biografia em fragmentos sede lugar a um “fecundo diálogo”, como menciona Peter Elmore que Arguedas manteve permanentemente com os peruanos de origem serrana, com os peruanos procedentes das diversas etnias andinas e regiões do país. (2021, p. 49)

Como transformar a escrita das cartas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão em narração visual? Como escrever a dramaturgia habitada pelos corpos-memórias de moradores do bairro?

Quando pensamos em dramaturgia, provavelmente, a primeira imagem que nos ocorre é de um autor, o dramaturgo debruçado sobre um computador e imerso em papéis, concentrado numa sala silenciosa, criando diálogos e pensando conflitos entre personagens fictícios. Obviamente isto ocorre, devido a séculos de tradição literária e teatral. Mas, a dramaturgia, tal qual texto de teatro, já vem rompendo os

padrões literários de escrita, composição e/ou criação ao longo da história das artes cênicas.

Na cena contemporânea, os processos criativos em dramaturgia há muito saíram dos gabinetes, invadindo os palcos, as salas de ensaio, os corpos e as histórias de seus atadores.

A carta faz o escritor presentificar-se para o seu destinatário. E, não apenas, pelas informações concedidas. Trata-se, para Michel de Foucault no livro *Escrita de si. In: O que é um autor?* (1992), de uma presença imediata e física.

Escrever é, pois, mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. (p.129).

É esse dar-se a ver, que precisamos para reescrever as histórias narradas por adolescentes e moradores do bairro Vila Luizão e isso aconteceu com envio de mensagens entre pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, que rememoram com frequência a história da formação do bairro, de como era feita a distribuição de água no início da fundação, através de poços artesianos. Essa temática surge em conversas informais as quais foram realizadas em outubro de 2019 com moradores, que, de forma jocosa, lembraram-se do poço do meio construído por Luizão através da associação de moradores.

O relato da moradora 4, numa conversa informal, rememora a cobrança de uma taxa à comunidade para a população pegar água no poço. A forma que encontraram para saber quem pagava a taxa era pintando a árvore de frente de casa, um sinal de que aquela família poderia usar a água do poço. Esse relato é apresentado pela moradora de forma divertida quando lembrou que o companheiro de luta e integrante da Associação, ficou conhecido como “Dasilva pinta pau”, porque andava com um balde de tinta e pincel para marcar as residências.

Outro relato da moradora 4 também sugere a escrita da dramaturgia tendo como mote³⁶ o poço do meio, diz ele:

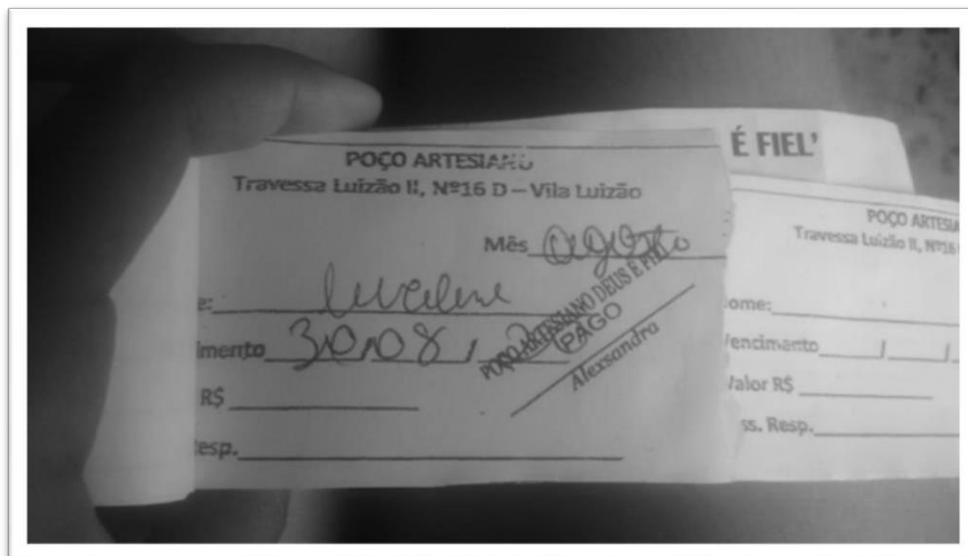
a rua do meio onde as pessoas se juntavam para pegar água, ali acontecia de tudo, inclusive briga, grandes momentos vivi aí neste bairro, na época recém fundado. Fui morar aí no período das casas de taipa. Era muito louco. Esta caixa

³⁶ Dicionário Aurélio: Aquilo que serve como tema (propósito) de algo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mote/> acesso em 26 de maio de 2021.

d'água, a gente coloca os baldes na fila, dava até briga por causa de água, kkk. Muito boa recordação!!! (Moradora 4, informação oral, 2020)

Não intencionamos uma escrita de dramaturgias que tragam a verossimilhança da história, mas uma proposta de caminhos para que, de forma coletiva, possamos encontrar a tessitura do lugar, de um tempo rememorado, assim como das histórias que continuam acontecendo atualmente. Exemplo disso, a adolescente 6 (figura 20) enviou-nos o boleto de pagamento da água de sua residência uma vez que são abastecidas por um poço artesiano e que o poder público ainda não conseguiu solucionar a questão da falta d'água no bairro Luizão.

FIGURA 20 - Comprovante de pagamento do poço artesiano Deus é Fiel enviada pela adolescente 6 do bairro Luizão.



Fonte: Arquivo pessoal

A escrita das dramaturgias intencionadas propõe a tensão entre o real e a ficção descrita pelo dramaturgo Evill Rebouças (2010) em suas criações e escreve sobre no artigo *Poéticas dramáticas no espaço inusitado*.

Uma questão que permeia nossas experimentações é explorar os significados de cada local como ponto de tensão entre o tema abordado e a historicidade do local. Nesse sentido, a carga histórica dos espaços é utilizada em conjunto com a ficção para suscitar ao espectador questionamentos em relação aos assuntos discutidos, mas não necessariamente precisa existir uma verossimilhança entre tema e ambiente ocupado, entre as personagens e as situações mostradas. (2010, p. 7)

Explorar a carga histórica do bairro Vila Luizão a partir das tessituras reflexivas e narradas por adolescentes e moradores do bairro, através das memórias desses, contribuiu para a escrita das dramaturgias.

Como referência de criação do texto teatral de histórias com identidade, temos o Grupo de Teatro Buraco d'Oráculo que criou o espetáculo *Ser Tão ser-narrativas da outra margem* (2009) a partir de histórias reais coletadas em diversas comunidades de São Miguel Paulista, bairro da zona leste da cidade de São Paulo. O texto foi escrito por várias mãos no processo de criação colaborativa, na qual os atores criaram histórias que foram misturando as que haviam escutado com as suas próprias.

No livro *Buraco d'Oráculo: 15 anos de história – Para muito ser Tão Ser, muito mais cuscuz* (2013), o ator, diretor e integrante do grupo Adailton Alves Teixeira escreve sobre o processo de criação do espetáculo *Ser Tão Ser-narrativas da outra margem* e relata que a pesquisa possibilitou um reconhecimento da identidade de um povo, que reside na região periférica, na sua grande maioria formado por imigrantes da região nordeste. Para o ator a relação com a comunidade proporcionou um repensar sobre o percurso do grupo, para entender a importância do pertencimento de classe. Adailton Alves diz que,

É possível afirmar que o processo de pesquisa e de criação do espetáculo propiciou o salto qualitativo aos integrantes do grupo, no que concerne à consciência de classe, ao perceberem que a própria história é também a do outro, quando pertencentes à mesma classe, é também a sua. (2013, p.87).

Na história narrada pelos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão, podemos perceber que os temas entrecruzam-se, parecendo ser uma única história, como se as lembranças fizessem parte do espaço comum. E fazem, pois a luta por moradia é uma constante entre os (as) moradores (as) desse bairro e encontra semelhança nas narrativas das vozes dos (as) moradores (as) da comunidade da zona leste em São Paulo. As histórias cruzam-se. Sobre o espetáculo *Ser Tão Ser-narrativas da outra margem*,

O espetáculo trata da questão da moradia, tomando por base as histórias de vida coletadas em cinco comunidades da zona leste da cidade de São Paulo³⁷, adotando, nessa coleta, a metodologia da história oral. (TEIXEIRA, 2013, p.89).

A história oral vista por longo período como conhecimento informal, que se utiliza da memória como ferramenta de pesquisa, o que provocou no meio acadêmico uma ruptura entre os que seguem a estrutura linear de pesquisa, com fontes bibliográfica, e aqueles da historiografia contemporânea, que entendem as

³⁷ As comunidades são: Vila Mara, União de Vila Nova, Cohab Prestes Maia, Jardim Lapena e Jardim Ipê.

lembranças do passado e narrativas como recurso para trazer o conhecimento do que aconteceu, na sua maioria nas comunidades periféricas e não ganharam amplitude nos livros didáticos por serem registros autobiográficos.

Sobre criação a partir de narrativas autobiográficas, a atriz-performer-pesquisadora Mara Lúcia Leal na Tese de doutorado *MEMÓRIA E(M) PERFORMANCE: material autobiográfico na composição da cena* (2011), parte de experiências pessoais para criar suas performances, assim como de material autobiográfico dos seus alunos (as) do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para compor as cenas. A atriz-performer entende que a partir do corpo-memória-percepção podemos acionar lembranças que poderão ser ressignificadas e possivelmente superadas em caso de traumas vivenciados na infância ou adolescência. Sobre a cena autobiográfica escreve que,

Penso a cena como um lugar privilegiado para ressignificar experiências. Ao reencenar, ficcionalizar dados autobiográficos cria-se a possibilidade de refletir sobre esses eventos, lançando luz ao que antes era escuridão. Ao dar visibilidade a acontecimentos muitas vezes negligenciados porque são da ordem do trauma, do tabu, da vergonha, do preconceito, ou porque são considerados temas menores, dá-se voz ao interdito, lançando novo olhar sobre a experiência vivida e convidando o espectador para também fazer o mesmo. (LEAL, 2011, p 216).

Dar voz ao interdito significa dar voz às narrativas silenciadas e/ou esquecidas, as vozes dos (as) moradores (as) da Vila Luizão trazem temas de um período de ocupação das terras do bairro, no qual a luta por moradia e direitos essenciais, como: saneamento básico, iluminação pública, abastecimento d'água, escola e saúde continuam sendo reivindicadas na atualidade. Apesar das conquistas, os (as) jovens continuam relatando descasos do poder público com relação à região periférica.

Dar voz à comunidade foi o que fez o ator, diretor e dramaturgo Peruano Lino Rojas, com o Grupo Pombas Urbanas que bateu asas no bairro de São Miguel na zona Leste de São Paulo em 1989 e posteriormente na cidade de Tiradentes, onde tinha o objetivo de fazer teatro com a comunidade e construir dramaturgias híbridas, a partir das imagens e narrativas dos (as) moradores (as) que, na sua maioria eram imigrantes nordestinos e chamava-lhes atenção a bagagem cultural que pertencia o lugar.

No livro *ESumBaú, pombas urbanas! 20 anos de uma prática e vida* (2009), a autora Neomisia Silvestre narra a história de Lino Rojas como se não houvesse

distinção entre vida e teatro. O caminho do dramaturgo sempre esteve interligado ao caminhar da comunidade e dos (as) adolescentes, aos quais seguiam seja nas oficinas, espetáculos ou pela vida afora, nessa relação de aprendizado Lino sabia escutar as vozes dos (as) adolescentes, e suas histórias estavam prontas para serem ficcionadas, pois, a base era a experiência dos (as) adolescentes na comunidade. E sobre o processo criativo coletivo do grupo Pombas Urbanas, diz Neomisia sobre Lino,

Eu não quero mediar, não quero aprofundamento, quero o que está aí, o teu momento agora, dizia ele ao jovem repleto de vontade de se expressar porque talvez, em outros lugares, - na própria escola, na roda de amigos ou mesmo com a família – não conseguisse esse espaço de expressão. (2009, p. 22)

Quando ele diz “quero o que está aí, o teu momento agora”, significa que importa o relato e vivência dos (as) adolescentes e conseqüentemente as temáticas surgiam da relação com o espaço de convivência no bairro. Segundo Neomisia,

Uma característica forte do Pombas Urbanas é o pensamento em conjunto, o ser e estar coletivo. Para aqueles jovens da periferia, o grupo virou um espaço de reflexão e descoberta e o teatro um meio de recriar suas histórias, repensar a vida e entendê-la, saber cada vez mais de si; além de tantas coisas compartilhadas por viverem sempre juntos. (2009, p.39).

Espaço de reflexão é o que também pretendemos, a partir dos encontros virtuais com os (as) adolescentes do bairro Vila Luizão. Acreditamos que as dramaturgias escritas pelos (as) adolescentes e moradores (as) do bairro, trarão uma rememoração de imagens outrora vividas, com possibilidade de surgir personagens históricos como também personagens que aparecem a partir dos relatos de cenas do cotidiano. Os relatos dos (as) adolescentes e moradores (as), nortearam nossa pesquisa.

Apresentamos recortes de relatos que foram compartilhados pelos (as) adolescentes no grupo dramaturgia de afetos. São memórias pessoais de moradores do bairro, aqui nomeados de 1 a 4, copiadas de mensagens enviadas em direct no Facebook, memórias seletivas relacionadas à pessoa do Luizão:

- 1 - O homem responsável pela fundação do meu bairro amado! Vila Luizão!!!!.
- 2 - Fui pra Vila Luizão com 04 anos e passei parte da minha infância. Bons tempos, acho injusto quando tem aniversário aqui do bairro e não fazem homenagem a ele.
- 3 - Eu mesma peguei muita carreira da fila dos baldes para encher, apenas com 11 anos kkk.

4 - Lembro até do foguetes que ele tocava chamando o povo pra reunião quando a gente ouvia um foguete era porque ia ter reunião. (2020)

Essas memórias entrelaçaram-se às histórias cotidianas dos (as) adolescentes e a partir do bricoleur interpretativo,³⁸ os fragmentos das narrativas, foram utilizados para a escrita dos textos dramáticos do bairro Vila Luizão. Analisamos esses relatos no grupo dramaturgia de afetos e produzimos novas possibilidades de pensar as histórias do ontem e de hoje.

No passo seguinte, foi pedido que cada adolescente trouxesse imagens dessas ruas tais como Rua do campo, Rua 25 de dezembro e que trouxesse a história do poço do meio com seus familiares e outros acontecimentos, assim como cartas enviadas por moradores do bairro, para entrelaçar à escrita das dramaturgias. As vozes deste lugar foram ecoadas na pesquisa. Como diz o ditado popular: fala de tua aldeia que estarás falando do mundo.

No próximo capítulo descrevemos o processo de criação da escrita dos textos dramáticos dos (as) adolescentes utilizando como metodologia as narrativas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão.

³⁸ O bricoleur interpretativo entende que a pesquisa é um processo interativo influenciado pela história pessoal, biografia, gênero, classe social e etnia, dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário investigado. O produto final é um conjunto de imagens mutáveis e interligadas. Na apropriação realizada por Lévi-Strauss (1976), o conceito de bricolagem foi definido como um método de expressão através da seleção e síntese de componentes selecionados de uma cultura. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/15.pdf> acesso em 10 de maio de 2020.

3. TEXTO HABITADO PELA PALAVRA DOS (AS) JOVENS DRAMATURGOS(AS)



3 TEXTO HABITADO PELA PALAVRA DOS (AS) JOVENS DRAMATURGOS (AS)

A pesquisa em Ação!

Neste capítulo descrevemos o processo de escrita dramatúrgica feita com os (as) adolescentes do bairro Vila Luizão, apresentando os sujeitos da pesquisa e suas relações afetivas com o bairro. Durante a escrita dos textos houveram momentos de reflexões sobre ser/estar naquele bairro, como o mesmo surgiu e, a partir das vozes do passado e presente buscou-se entender o percurso de existir num bairro periférico que ainda sofre com a falta de políticas públicas que ampare os (as) jovens do lugar.

De um lado temos os (as) jovens moradores (as) do bairro com vivências do lugar, e do outro, a pesquisadora artista/docente que se aventura no universo da escrita de textos de teatro produzido pelas narrativas orais e escrita dos (as) moradores (as) de forma coletiva com os (as) adolescentes envolvidos na pesquisa.

O processo de criação coletiva não é algo novo, desde 1966, o grupo de teatro colombiano La Candelaria já produziam textos com a colaboração dos atores/atrizes descentralizando a figura do dramaturgo como aquele que escreve o texto para os atores. O processo de criação orientado pelo dramaturgo Santiago García oportunizava ao grupo, pensar e repensar a história do seu país e de sua gente, como tema para a criação dramatúrgica, textos escritos a partir de experiências individuais e coletivas e que reverberavam no comportamento e jeito de ser de um povo. As narrativas de moradores das comunidades colombianas interessavam ao grupo de teatro como material para tecer com fios de vivências os acontecimentos do país. Segundo Santiago García sobre criação coletiva,

No nosso caso de La Candelaria ele é definido como processo de trabalho e não como um método, pois consideramos que as possibilidades de aplicação como modelo seriam hipotéticas. Um modelo pressupõe um processo definido ou teorizado que se pode repetir. Nós estamos longe de propor uma teorização que se pode repetir. (1988, p. 24).

Para o grupo La Candelaria não existe um método para descrever o processo criativo, a tentativa de teorização da prática oportuniza a escrita do processo de criação do grupo e a certeza de que no trabalho coletivo não existe receitas nem passo a passo definido. O diálogo dos (as) integrantes do grupo possibilitava novos caminhos e formas de construir os textos.

Sobre criação coletiva a pesquisadora Adélia Nicolete³⁹ no artigo *Dramaturgia em colaboração: por um aprimoramento* (2010), destaca o crescimento de coletivos de criação colaborativa no Brasil no início dos anos 90, com propostas de trabalho onde descentraliza o papel do dramaturgo de gabinete, para inserir o dramaturgo/organizador, aquele que partilha com o grupo e juntos seguem propondo não apenas o texto, mas a criação da cena.

Da criação coletiva o processo colaborativo parece ter herdado, em muitos casos, a concretização de um desejo grupal, que leva à pesquisa conjunta e à execução de múltiplas funções com interferências mútuas, de modo a que as linhas autorais esmaeam em nome da assinatura coletiva. (NICOLETE, 2010, p. 34).

A assinatura do (a) dramaturgo (a) dá lugar a um texto/cena colaborativo sem a presença de um traço autoral, mas com várias marcas, construído por várias mãos; a presença do (a) dramaturgo (a) na sala de ensaio possibilita um repensar e um refazer da escrita até que o grupo compartilhe suas experiências e vivências e faça surgir a partir desse momento um texto com identidade.

Nesta pesquisa os relatos orais e escritos dos (as) moradores (as) e dos (as) adolescentes moradores do bairro serviram de apoio para pensar a estrutura narrativa dos textos dramáticos, construído de forma coletiva.

Então veio o desespero da pesquisadora diante das seguintes perguntas: Como escrever dramaturgia com adolescentes? Como escrever textos dramáticos a partir de narrativas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão? Como organizar a escrita dos textos de forma remota, sem o contato físico dos (as) adolescentes, apenas com materiais textuais desvinculados de padrões dramáticos, como: memórias-narrativas, vídeos, fotografias, jornais, blogs e afetos? Como organizar as ideias dos (as) jovens para a escrita dos textos dramaturgicos? A função da pesquisadora/dramaturga passa a ser de ajuntadora⁴⁰ de palavras, frases, imagens, cartas/mensagens e textos enviados pelos (as) adolescentes para criar as dramaturgias das vozes-narrativas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão.

³⁹Dramaturga, professora, mestre em Artes pela ECA-USP e doutora em pedagogia do teatro pela mesma Universidade.

⁴⁰ Dicionário online de Português- Aquele que ajunta, que junta várias coisas, que une. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ajuntador/> acesso em 16 de agosto de 2021.

Apoiamo-nos nas referências do dramaturgo contemporâneo Sinisterra⁴¹ que escreve sobre processo de escrita narrativa, no livro *Da Literatura ao Palco* (2016), o autor escreve sobre o caminho percorrido como dramaturgo e a experiência de dramatizar textos narrativos,

Diferentemente do processo normal de dramaturgia de autor, em que nosso trabalho parte do nosso próprio imaginário, na dramaturgia de textos narrativos a primeira fonte do produto dramático, o fragmento de realidade que queremos explorar, a sensação a que queremos dar forma, não nos pertencem: pertencem a outro, são do autor do texto-fonte. (SINISTERRA, 2016, p. 14).

Os textos-fonte dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão aos poucos foram sendo ficcionados e surgiram novas histórias habitadas pelo corpo dos (as) adolescentes e suas vivências com o bairro. Os personagens, os conflitos, as ações, já estavam na memória e vivências que surgiam nos relatos dos (as) moradores (as).

Então, como teatralizar essas cenas? Segundo Sinisterra foi muito difícil para ele entender que a estrutura tradicional de personagens, conflito, tempo/espaço e etc deveria ser questionada a partir de textos narrativos,

Embora eu sempre estivesse tentando questionar minha própria teatralidade, eu percebia que não conseguia me libertar de certos cânones inamovíveis: por exemplo, a noção de ação dramática, a noção de personagem e as noções de tempo e espaço eram como que redutos inquestionáveis da teatralidade que eu não conseguia transgredir em minha escritura. Então me propus o projeto de questionar em mim mesmo essas pautas, esses padrões e essas matrizes – através da teatralização de textos narrativos. (SINISTERRA, p.10, 2016).

Os relatos dos (as) moradores (as) do bairro já é um texto-vivo de histórias habitadas por personagens da vida real, é ação, assim como o texto dramático é antes de tudo ação e deve ser pensado como tal, fugindo de pressupostos literários que não estejam conectados com o processo de criação coletiva.

A fala dos (as) moradores (as) é potente e aponta para uma sequência de ações narrativas que se materializam através da palavra. Na ação da fala de narrar à história, o dramaturgo Sinisterra (2016) reflete sobre o retorno à palavra, ao narrativo no teatro, a palavra, na boca do narrador oral, torna-se meio de comunicação e de encontro afetivo, estimulando o prazer de escutar, despertando

⁴¹ É dramaturgo e diretor de teatro espanhol. É um dos autores mais premiados e representados do teatro espanhol contemporâneo e um grande renovador da cena espanhola, sendo também conhecido por seu trabalho docente e pedagógico no campo teatral.

ressonâncias mágicas com as que o (a) espectador-ouvinte é capaz de recuperar suas imagens interiores mais primitivas e remotas.

Os (as) adolescentes escutaram os áudios enviados pelos (as) moradores (as) e a partir das histórias-memórias refletimos sobre existir no bairro Vila Luizão e como compreendem a própria identidade. Ao revalorizar a palavra, o narrador oral, ou seja, os (as) jovens e a pesquisadora/dramaturga/ajuntadora revalorizam a própria língua e a própria identidade cultural e a existência no bairro. Narrar sua existência no lugar, contar a sua história e do Outro, inventar um novo bairro e novas maneiras de (re)existir nele é importante para pensar a formação da identidade na comunidade da Vila Luizão.

No livro *Teatro Pós-dramático* (2007) Lans-Thies Lehmann afirma que o narrativo é, “um traço essencial do teatro pós-dramático [...]”; o que faz com que o teatro se transforme no “lugar de um ato de contar [...]”. O teórico alemão lembra que tal forma de teatro distingue-se categoricamente da epicização de processos ficcionais e do teatro épico, embora, ao mesmo tempo, apresente pontos em comum.

O ato de contar no processo de escrita dos (as) adolescentes não significa escrever a essência de si mesmo, mas a descoberta de outros que existem dentro deles como afirma o autor contemporâneo,

A escrita é habitada pelo paradoxo de que a subjetividade se encontra em permanente diálogo com a alteridade. A subjetividade e a alteridade se entrelaçam em processos tanto mais ricos quanto mais se assume, justamente, a alteridade da escrita. Escrever não é tanto chegar a “essência” profunda de si mesmo, mas talvez encontrar o outro que existem dentro de nós. (SINISTERRA, p.14, 2016).

Na escrita dos (as) adolescentes aparecem fragmentos de memórias assim como temas do cotidiano e vivências em comum com outros (as) moradores (as) do bairro, percebendo-se como sujeito social e escrevendo os textos habitados por histórias, amplificando as vozes da comunidade, não é a escrita do eu e sim, as vozes do nós, pertencentes ao bairro, segundo Sinisterra,

O pensamento contemporâneo nos revelou que o **eu** é uma ilusão, que a pessoa é uma construção sociocultural e que, definitivamente eu somos muitos”. No interior de cada um de nós, existe uma tribo em que predomina a lei da alteridade. Escrever teatro nos permite multiplicar essa voz individual, dispersar a subjetividade nas vozes, nos corpos e nas substâncias de diversos personagens que, aparentemente, nada têm a ver conosco, mas que, de uma forma ou de outra, fazem parte dessa tribo interior que nos habita e nos atravessa. (p. 14, 2016).

Escrever textos-vivos de teatro é pensar a ação dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão, como se organizaram em associação para lutar por direitos coletivos e como esse tema do passado pode interessar a jovens que convivem com o bairro e suas mudanças, sem se dá conta de que as transformações se deram devido à mobilização da comunidade e que as vozes das pessoas que viveram aquela época ressoam pelas avenidas em cada conquista.

Os temas narrados pelos (as) moradores (as) que vivenciaram a ocupação não se diferem muito dos acontecimentos atuais, tais como: a falta d'água, violência, falta de moradia, assim como, os afetos, pois as histórias dos (as) moradores (as) carregam um repertório de contentamento com a luta pelo processo de melhoria para o bairro, assim como a luta pelo transporte público que desde a ocupação era um ponto de profundas manifestações para que as linhas de ônibus circulassem pelo bairro facilitando a mobilidade para a comunidade. Nos dias atuais é uma realidade linhas de ônibus que ligam toda a cidade e região metropolitana, são essas melhorias que tornam o cotidiano dos (as) moradores (as) mais leve apesar da luta para consegui-las.

É o passado e o presente interligando as narrativas de jovens e dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão que se misturaram formando acontecimentos contemporâneos. O filósofo Giorgio Agamben no livro *O que é o contemporâneo?* (2009), afirma que ser contemporâneo é viver no presente sem desconsiderar a experiência com o passado,

é como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Segundo o autor ser contemporâneo não significa seguir modismos e sim ser conhecedor do passado, vivendo o presente e imaginando o futuro. “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62).

Ser contemporâneo é conter em si diferentes tempos, percebemos que os (as) adolescentes vivendo no presente se interessam pelo passado e recriam o futuro a partir da escrita dos textos, imaginando um novo bairro, ainda melhor para viver, pensando suas histórias e as vozes-memórias-narrativas dos (as) moradores (as).

A escrita do texto é para o (a) dramaturgo (a) contemporâneo à escuta de vozes do outro, o mundo externo dialogando com as vozes internas, na escrita com os (as) adolescentes as vozes internas se fizeram presente em todo o processo de escrita dos textos num processo autodidático de refletir sobre estar nesse bairro convivendo com os (as) moradores (as) e a escuta que ainda ecoam entre a comunidade sobre a ocupação do bairro.

Não é apenas uma escrita de textos, é a escrita de textos-vivos que encontram pontos de semelhanças entre os (as) jovens dramaturgos (as), não é apenas escrever peças teatrais, é escrever textos de histórias de vida, textos habitados por experiências e palavras, texto-corpo de vivências.

3.1 Encontro dos (as) adolescentes no espaço virtual através da plataforma Google Meet para pensar o processo criativo de escrita dos textos.

Iniciamos as atividades remotas utilizando a plataforma google meet⁴², em outubro de 2020 na intenção de pensar as vozes dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão como material potente para a escrita de textos habitados pelos (as) adolescentes, histórias de vivências com o bairro e a comunidade, narrativas históricas da ocupação do bairro, assim como relatos dos (as) jovens de acontecimentos atuais e que são afetados enquanto corpo presente naquela comunidade.

No dia 05 de outubro de 2020 fizemos o primeiro encontro virtual, antes nos falávamos apenas por mensagens e áudios via WhatsApp, foi uma alegria para todos (as) poder participar mesmo que de forma remota. As distâncias aos poucos diminuía a partir das conversas tecnológicas e assim nos aproximávamos de forma virtual. Nos encontros iniciávamos conversando sobre o cotidiano, as angústias de viver um período de isolamento, a dificuldade de se manter conectado, a falta de condições de continuar participando da pesquisa, devido o aparelho celular pertencer a outra pessoa da família, dificultando o acesso nos dias dos encontros, tudo isso era socializado semanalmente, os quais ficaram estabelecidos três

⁴² O Google Meet é uma ferramenta do Google que permite a realização de chamadas de vídeo por meio do computador (Web) ou do celular (Android, iOS). Disponível em: https://www.ifg.edu.br/attachments/article/22170/tutorial%20google%20meet_tec.integrado.2021.pdf acesso em 03 de agosto de 2021.

encontros remotos e o contato diário no grupo de WhatsApp intitulado: dramaturgia de afetos na busca por socializar a escrita, áudios e vídeos. A figura 21 mostra o momento em que iniciamos nossas atividades.

FIGURA 21 – Reunião de afetos - 2020

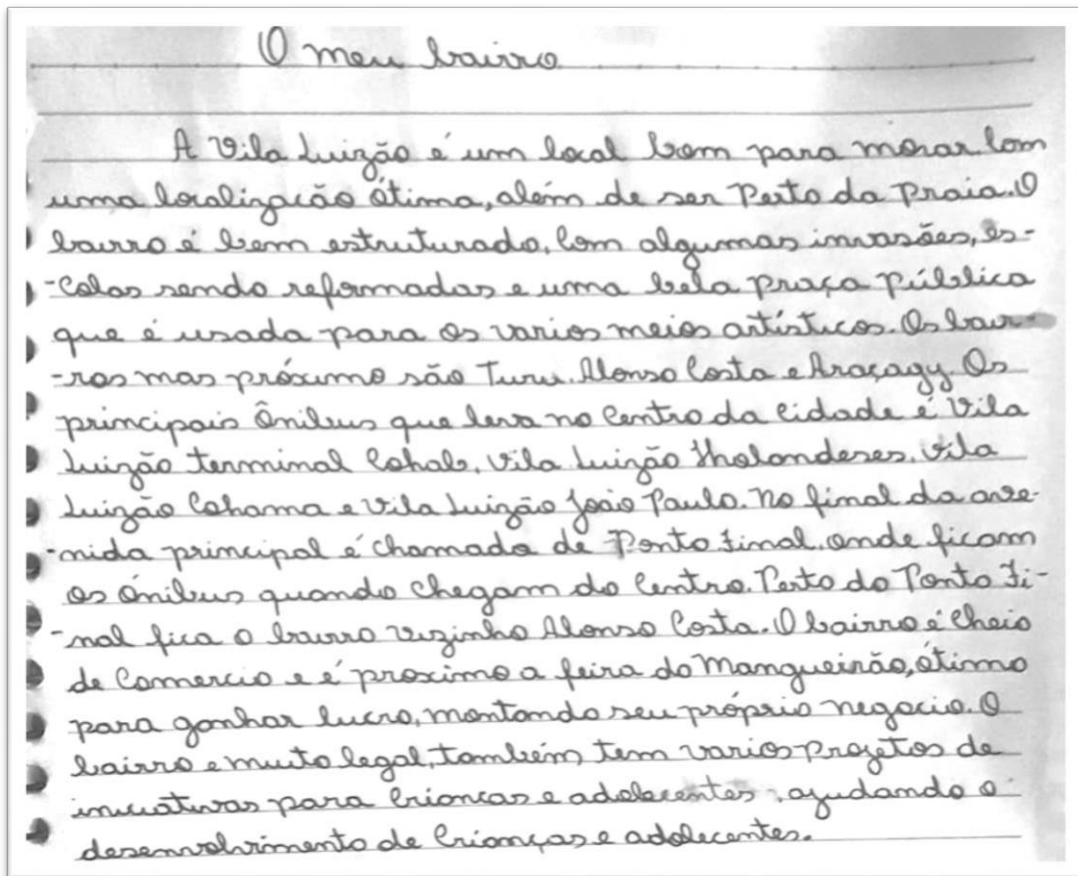


Fonte: Arquivo pessoal

Os (as) adolescentes são moradores (as) do bairro Vila Luizão com idade entre 12 a 16 anos, alguns já faziam parte do projeto dramaturgia da rua o qual iniciamos no ano de 2019 naquele bairro. As histórias narradas pelos (as) moradores (as) sinalizava uma ação, então todos os relatos foram socializados com os (as) adolescentes na intenção de acionar a escrita dos textos.

As narrativas dos (as) moradores (as) propõem a criação dos textos, a pensar as memórias num tempo/espaço e organizá-la na estrutura dramatúrgica, a ação existe em cada relato dos (as) moradores (as), assim como no relato dos (as) adolescentes, acionamos as lembranças dos (as) jovens que participam do grupo dramaturgia de afetos e a adolescente 3 descreve o bairro em que nasceu e vive até hoje (figura 22).

FIGURA 22 - Adolescente de 14 anos - Escrita sobre o bairro em que mora - 2021



Fonte: Arquivo cedido pela adolescente 3

Os (as) adolescentes são convidados (as) a pensar sobre a convivência nesse bairro e o quanto de afeto aparece em seus relatos proporcionando a escrita desse espaço habitado pelas histórias vivenciadas por eles (as), um corpo afetado pela experiência do lugar e as relações com outros corpos, escrever para repensar o espaço habitado e reler o que escreve como autorreflexão para entender como habita o bairro Vila Luizão.

Quando os (as) adolescentes escrevem sobre o bairro estão contidas nessa escrita as marcas que foram construídas no processo de formação naquele lugar, escrever foi para eles (as) um repensar esse lugar e reescrever outro bairro num processo de autoconhecimento e reivindicação do que poderia ser diferente e porque ainda continuam vivenciando quase os mesmos problemas do período da ocupação. As palavras pronunciadas pelos (as) jovens nos encontros virtuais ecoaram no desejo de mudança, como no auto processo educativo em que Paulo Freire (2001) escreve sobre ação-reflexão, agir no espaço habitado com suas lembranças de afetos, memórias, encontros, desencontros e nos dias atuais

distâncias é fazer uma autoanálise para transformar as histórias, de propor um novo bairro, um bairro imaginário possível de viver. O adolescente 5 escreve sobre o bairro imaginário,

Eu costumo contar vários tipos de história, conto mais na praça onde me sinto mais confortável, conto para o Carlinhos, Zé Manuel, e outros, mas pra quem eu gosto mais de contar essas histórias é para a Lúcia, Rosa, Tania, Zezinha, Cledite, o Raimundo, Luismar, Miguel 1 e Miguel 2 e também o Hugo. São muitas histórias que eu tenho para contar, a história que mais gosto de contar é a da Vila Luizão, o mês que eu fico mais contente é o mês de junho na época do São João. Onde tem vários tipos de comida inclusive na Rua 25 de dezembro fica alegre e iluminada no São João, é festa todo o mês de junho, mas só que não tem mais por causa do corona vírus. As danças da Vila Luizão que eu era mais fã era a quadrilha da flor da amizade tinha várias ruas onde tinha dança na rua que eu frequentava mais vezes era a Rua 25 de dezembro era a rua mais festiva da vila Luizão, espero que acabe logo essa pandemia para que volte o São João. (Texto enviado pelo adolescente 5)

A narrativa do adolescente 5 assemelha-se ao que o linguista e filósofo Tzevetan Todorov escreve no livro *As estruturas narrativas* (1997), sobre contadores de histórias e apresenta o conto de Sherazade⁴³ para explicar a importância das narrativas no mundo Árabe, narrar era uma forma de permanecer vivo. Segundo Todorov, “a narrativa é igual à vida; a ausência de narrativa é a morte”. (1997, p. 128).

Quando o adolescente 5 escreve “eu costumo contar vários tipos de histórias” aponta para o desejo de narrar a si e o outro, contar a história do lugar e estar confortável no espaço que convive para iniciar a história, em sua narrativa utiliza nomes de pessoas de outro tempo-espaço, as quais fizeram parte da ocupação do bairro, isso se deu devido a socialização no grupo de WhatsApp de relatos dos (as) moradores (as) do bairro e neles aparecem os seguintes nomes: Carlinhos, Zé Manuel, Lúcia, Rosa, Tania, Zezinha, Cledite, o Raimundo, Luismar, Miguel 1, Miguel 2 e Hugo, sinaliza a intenção de trazer personagens reais e apresentar o bairro a partir das imagens existentes nas lembranças antes da pandemia da Covid-19. A tentativa de pensar o espaço aparece no relato dos (as) adolescentes quando sugerem apresentar o bairro, a localização, as ruas, comércios e a percepção afetiva pelo lugar.

A minha Vila é um lugar maravilhoso, tem quadra, tem as ruas, as pessoas, gente legal. As pessoas são unidas, na Rua 21 tem um monte de crianças

⁴³As Mil e Uma Noites. Disponível em: https://www.objetivo.br/arquivos/livros/as_mil_e_uma_noite.pdf acesso em 20 de agosto de 2021.

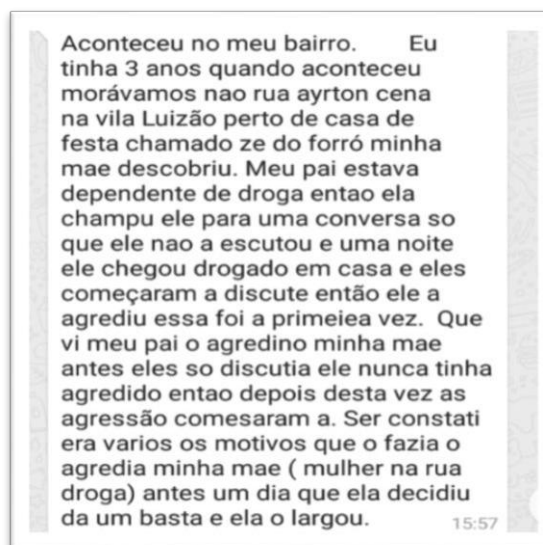
alegres e animadas, os adultos são muito unidos. Eles levam a gente pra jogar bola e empinar pipa, na Rua 21 tem mais crianças do que adulto. (Adolescente 8, relato oral, 2021)

Os (as) adolescentes apresentam o bairro com histórias afetuosas as quais não aparecem isoladas estão sempre ligadas a outras pessoas que fazem parte do cotidiano e de suas vivências, os familiares, amigos e vizinhos, as histórias narradas por eles (as) na sua grande maioria acontece no espaço público, tendo nos dias atuais apenas as lembranças e o desejo que tudo volte à normalidade pós-pandemia.

Algo que vem afetando a todos nós, momento de muita tristeza no grupo foi quando a mãe de uma adolescente que fazia parte da pesquisa morreu de Covid no mês de janeiro de 2021, interrompemos nossos estudos por alguns dias e depois retornamos sem a presença da colega, a certeza de estarmos juntos nos encontros semanais na busca de escrever textos habitados por nós, acalentava e seguimos nos apoiando nas diversas camadas de escritas de experiências daqueles (as) jovens.

Depois desse acontecimento a escrita dos (as) as adolescentes seguiu outro caminho, pensar as vivências coletivas e questões sociais que afetam a vida na comunidade, a mensagem enviada pelo adolescente 5 (figura 23), relata a dependência das drogas que aconteceu em sua família, proporcionando o debate dos (as) adolescentes, sobre o problema social que circula o bairro Vila Luizão.

FIGURA 23 - Mensagem enviado pelo adolescente 5



Fonte: Arquivo cedido pelo adolescente 5

A partir da socialização no grupo dessa mensagem onde o adolescente compartilha vivências de âmbito privado, a qual diz respeito a sua família, os temas surgiam a partir das conversas tecnológicas e percebemos que a necessidade de narrar suas experiências e socializar com o grupo proporcionava um envolvimento maior entre nós que compartilhamos das vivências e que em alguns momentos se entrecruzavam as histórias fazendo parte do contexto de todos (as).

Os temas surgiam como uma necessidade de ser ouvido e sentido por nós, a violência doméstica faz parte do repertório da maioria dos (as) adolescentes, vista na própria família ou no entorno do bairro, cidade etc.

Neste momento iniciamos o processo de pensar o que é dramaturgia que na pesquisa propõe ser a ação de narrar vozes do passado, de moradores que tem um repertório de experiências com o lugar, vozes individuais e coletivas dos (as) adolescentes, histórias habitadas pelas vozes-memórias dos (as) moradores (as) e histórias oral e escrita dos (as) adolescentes, a dramaturgia como a escuta de vozes para escrever o texto-habitado pelo corpo, que habita a palavra e se torna texto.

Segundo a dramaturga Patrícia dos Santos Silveira⁴⁴ em sua Tese sobre escrita criativa intitulada *Trilogia da violência entre cantos de vida e morte: a construção de uma dramaturgia* (2016), nesse trabalho a autora propõe a reflexão sobre o processo de escrita de textos dramáticos, abre seus diários para partilhar questionamentos sobre dramaturgia contemporânea e qual a importância de narrar temas cotidianos para o teatro. Em sua pesquisa escreve sobre violência partindo da escuta de vozes exteriores para pensar a escrita dramática,

Enquanto escrevia com uma voz interior minha, ainda que ficcional, não conseguia escrever para teatro. Só comecei a criar textos teatrais quando fui capaz de escrever como se ouvisse a voz de um outro, interagindo com outras pessoas, de cuja ação participo apenas como espectadora. Não posso fazer parte do que escrevo, sou uma observadora de algo que acontece fora de mim. A voz do teatro é uma voz externa, ainda que exista primeiro apenas na minha própria imaginação. É preciso imaginar um outro, um lugar, um contexto emocional, um espaço que vai aos poucos se delineando. (SILVEIRA, 2016, p.167).

Imaginou-se o bairro Vila Luizão com personagens em ação pelas ruas, apresentando o lugar em que vivem, os temas surgiram de vivências cotidianas dos (as) jovens, infelizmente a violência doméstica dá o mote para a entrada na escrita dos textos.

⁴⁴ Professora de dramaturgia e escrita criativa, atriz e diretora de teatro. Atualmente é professora contratada da área de Literatura na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Escrevemos a primeira cena partindo da estrutura narrativa dramática de tempo/espço/personagem/discurso/figuratividade. Organizamos os quadros (quadro 1) a partir das vivências dos (as) adolescentes no bairro e aos poucos fomos entendendo como compreendem os temas cotidianos e conseguem ficcioná-los.

QUADRO 1 – Estrutura da narrativa

Temporal	O narrador hoje com 16 anos escreve fatos de quando tinha 3 anos.
Espacial	Bairro Vila Luizão Rua Airton Sena Clube: Zé do forró
1 Personagem	Uma criança de 3 anos de idade
2 personagem	Pai: dependente de drogas
3 personagem	Mãe: vítima de agressão
Discurso	Diálogo Agressões
Figuratividade	Chega drogado discute com a mãe e agride Decidiu dar um basta Largou o marido (separação)

Fonte: Arquivo pessoal

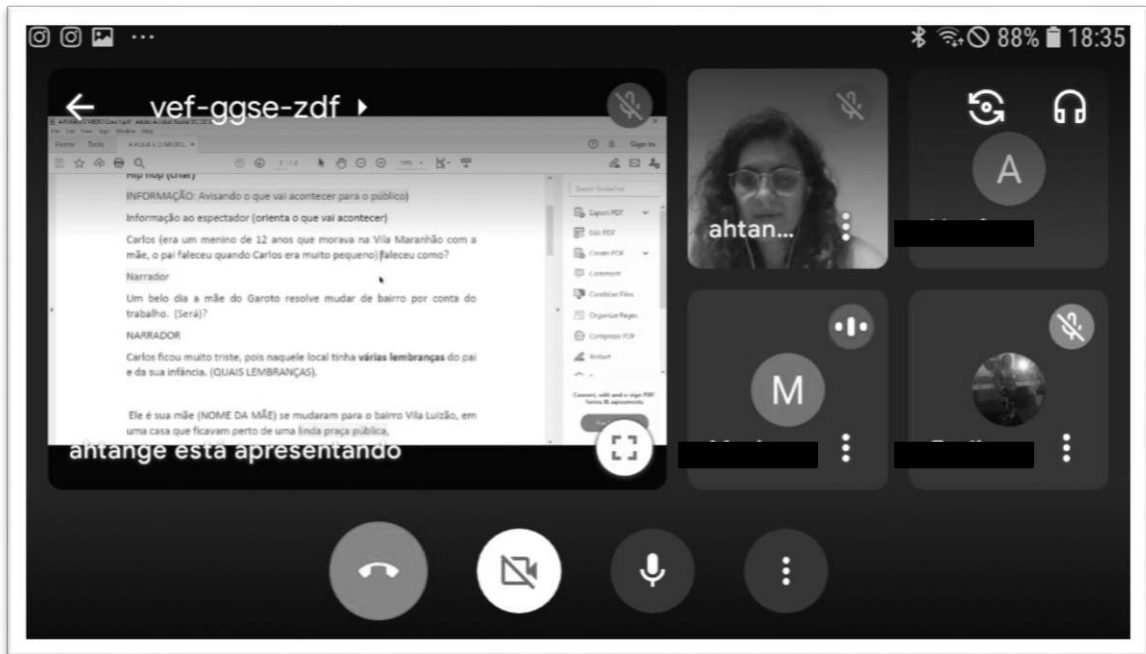
Depois da organização do quadro com os (as) adolescentes, fizemos a leitura do trecho do texto *Sinfonia do Caos* de Mauri de Castro do livro *Eco de vozes sem alento: Brasil-Colômbia*. Segue o trecho:

Justino (ENTRA EM CENA, AJOELHA-SE COM UM SÓ JOELHO NO CENTRO DO PALCO, ERGUE SEU CAJADO E COMEÇA A FALAR COM DEUS). Senhor, Meu pai saiu de casa direto para a penitenciária... Aí, a polícia me falou: Óh, o seu pai morreu. Mas eu não acreditei nessa história não. Por isso virei andarilho, com a finalidade de encontrar meu pai. (2021, p. 67).

Escolhemos esse trecho porque o adolescente 5 falou que não acreditava que seu pai era violento e só depois que entendeu o sofrimento de sua mãe e desistiu de procurá-lo. Em seguida iniciamos a escrita do bairro imaginário, nos encontros pelo

google meet (figura 24) encontramos formas de socializar os textos e cada um apresentava a sua ideia para pensar as cenas.

FIGURA 24 - Apresentação dos textos dos (as) adolescentes.



Fonte: Arquivo pessoal

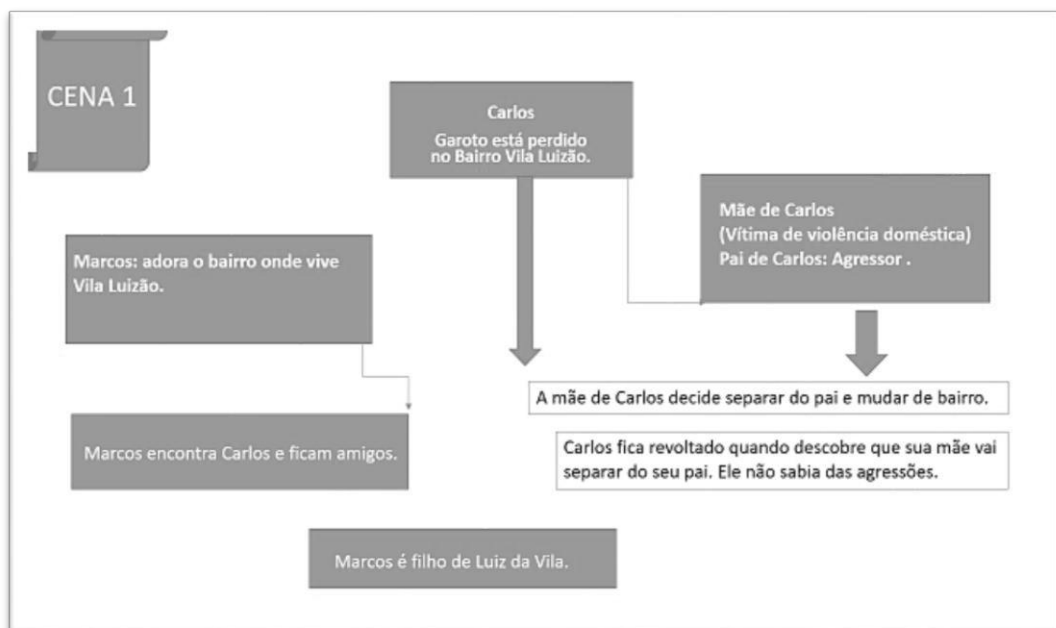
A ideia central para a escrita do texto narrativo foi descrita pelos (as) adolescentes da seguinte forma: “história de uma mulher vítima de violência doméstica que é obrigada a fugir de casa devido às agressões sofrida pelo marido, pai de Carlos. O garoto não sabia das agressões e insatisfeito com a sua mãe resolve fugir. Em outro ponto da narrativa surge um garoto que mora no bairro Vila Luizão e vai ajudar o novo amigo a ver o bairro com outros olhos, a se encantar como ele era por sua comunidade”.

Essa exposição do texto é entendida por David Ball no livro *Para trás e para frente: um guia para leitura de peças teatrais* (1999) como necessária para situar o (a) espectador (a) para o que vai acontecer. Segundo Ball

Ao iniciar-se uma peça, os espectadores não têm conhecimento de nada. E antes que a ação avance, deve-lhes ser dada uma certa informação; nada depois adquire sentido. [...] Em geral, essa informação começa com a natureza do universo da peça, em sua estase inicial. Onde estamos? Como é esse lugar? Qual a situação? Qual a hora e o período? Em seguida, necessitamos de informações sobre as pessoas e sobre suas relações fundamentais. Quem são todas essas pessoas? O que têm a ver umas com as outras? E o que fazem aí? Exposição vem a ser a revelação dessa informação necessária. (1999, p. 63).

Durante a escrita dos textos fomos pensando nas informações que daríamos ao leitor/espectador (a) e organizamos um organograma (quadro 2) para apresentar as cenas e a ação dos (as) personagens, o texto surgia e já conseguíamos ver o desenrolar de algumas cenas, não era apenas um texto narrativo, mas um texto dramático carregado de intenção de representá-lo. Segundo David Ball (1999, p. 29), "Uma ação é constituída de dois eventos: um detonador e um monte. Cada monte se torna um detonador da ação seguinte, de modo que as ações são como dominós, tombando cada um sobre o próximo." Essa seria a peculiaridade do texto dramático: enfatizar o problema pelos quais os personagens estão passando. O conflito de Carlos é a não aceitação de mudança do bairro e a distância do seu pai.

QUADRO 2 - Organização da cena 1 – Realizada pelos (as) adolescentes



Fonte: Arquivo pessoal

Os nomes dos personagens foram pensados pelos (as) adolescentes a partir das suas relações com outros (as) jovens que fazem parte do cotidiano, então Carlos e Marcos surgiram, assim como as características psicológicas. Como o personagem Carlos estava perdido resolveram que este seria tímido e medroso e Marcos um garoto esperto, amigo de todos. Iniciaram a criação dos personagens

através de aplicativos de computador e criaram os dois personagens (figura 25) através do app Avata⁴⁵.

FIGURA 25 – Personagens produzidos através do aplicativo Avata



Marcos



Carlos

Sobre a criação de personagens Renata Pallottini no livro *Dramaturgia Construção do personagem* (1989), escreve sobre a importância da caracterização do personagem para entender as características físicas e psicológicas e a importância da criação do nome para a caracterização do (a) personagem; “Naturalmente, o nome do personagem é fundamental - quantas vezes o nome o caracteriza mais que qualquer outra coisa!”. (PALLOTTINI, 1989, p. 64/65). Acrescenta ainda que, “Importa conhecer o *modo de ser* do personagem, sua constituição psicológica, sua afetividade, emoções, sentimentos” (p. 65), para os (as) adolescentes o personagem Marcos que vive no bairro Vila Luizão nutre sentimentos afetuosos com o lugar e a comunidade.

Organizou-se o texto a partir das perguntas *quem* são os (as) personagens, o *que* acontece nas cenas, quais os conflitos e motivações e *onde* acontece nas cenas, quanto ao tema esses surgiram nas conversas sobre o bairro.

⁴⁵ O app permite criar caricaturas femininas e masculinas com olhos grandes que mais se parecem bonecos. Você pode definir o tom da pele do avatar, a cor dos olhos e dos cabelos, o estilo de penteado e pode adicionar acessórios como brincos, colares e modelos diferentes de óculos. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/10/aplicativo-para-criar-avata-6-opcoes-para-fazer-caricaturas-no-celular.ghtml> acesso em 03 de agosto de 2021.

A estrutura dramática dos jogos teatrais de Viola Spolin (2005) se refere a três elementos: Quem (personagem/relacionamento); Onde (ambiente/cenário); e O Quê (ação/atividade). A autora Viola Spolin prefere utilizar essas denominações (quem/onde/o quê) para ampliar a significação dos termos personagem, cenário e ação de cena, os quais ela considera limitados e engessados para o desenvolvimento da situação teatral e para as discussões entre os jogadores. Spolin define cada um desses três elementos como:

Onde- Objetos físicos existentes dentro do ambiente de uma cena ou atividade; o ambiente imediato; o ambiente geral; o ambiente mais amplo (além de); parte da estrutura; **O quê-** Uma atividade mútua entre os atores, existindo dentro do **Onde**; uma razão para estar em determinado lugar; “O que você está fazendo aí?”; parte da estrutura. Quem- As pessoas dentro do Onde; “quem é você?”; “Qual é o seu relacionamento?”; parte da estrutura. (SPOLIN, 2005, p. 344, 346.)

A estrutura dramática criada por Viola Spolin possibilitou aos (as) adolescentes pensar as cenas de forma didática, compreendendo: de quem estamos falando, o que se fala e o espaço-lugar onde acontece.

QUADRO 3 – Estrutura dramática

QUEM	O QUÊ	ONDE
Marcos Carlos Mãe de Carlos Pai	Carlos é um menino de 12 anos que morava na Vila Maranhão com a mãe e o seu pai. O pai de Carlos agredia sua mãe, mas Carlos não sabia. Carlos e sua mãe se mudaram para o bairro Vila Luizão. Carlos não se conformou e resolveu fugir.	Ruas da Vila Luizão Upa Praça Casa de Marcos
	Marcos era um menino de 12 anos, a mesma idade de Carlos. Ele morava no bairro deste que nasceu em uma invasão chamada 21 de junho.	
	Carlos quer fugir do bairro Vila Luizão Marcos adora o bairro em que nasceu	

Fonte: Arquivo pessoal

A partir dessa estrutura dramática (quadro 3) iniciou-se o processo de escrita das cenas através de encontros no google meet para que partilhássemos as ideias que surgiram.

Na necessidade de entender o conflito existente no texto os (as) adolescentes que rememoram fatos reais de violência doméstica e apontam para um crescente aumento de violência contra a mulher no bairro Vila Luizão, depoimentos foram socializados por eles (as) de familiares e vizinhas que sofreram ou sofrem violência por parte dos companheiros.

O personagem Carlos mantém um conflito interno o que David Ball (1999, p. 51), chama de *Eu contra mim mesmo*, onde foge de casa por revolta devido à mudança de bairro, mas quando descobre os reais motivos dessa mudança fica envergonhado por ter sido rebelde com sua mãe. Conflitos que os (as) adolescentes convivem no cotidiano, conflitos existências os quais foram narrados nos encontros virtuais, casos de depressão, namoros escondidos, histórias silenciadas, não ditas e abafadas pelos padrões sociais estabelecidos pela sociedade.

O racismo também foi um dos assuntos que os (as) adolescentes trouxeram para os encontros tecnológicos, eles (as) relataram que convivem com o preconceito que deixa marcas que nem o tempo é capaz de apagar. Assim, entre histórias reais e inventadas como eles (as) costumam perguntar; “é para inventar a história?”, entre realidade e ficção seguimos *ajuntando* palavras e escrevendo histórias.

Essa pergunta nos faz lembrar o que Lino Rojas fundador do Grupo Pombas Urbanas (2009, p.30) falava aos (as) jovens da comunidade de Tiradentes: “Gente, eu já não sei mais quando estou mentindo ou quando estou dizendo a verdade porque eu acredito tanto no que estou falando”.

O texto narrativo que segue (quadro 4) foi criado de forma coletiva durante os encontros remotos, escrevendo e reescrevendo impressões sobre viver no bairro Vila Luizão.

QUADRO 4 – CENA 1

Cena 1: perdido no bairro Luizão

Carlos é um menino de 12 anos que morava na Vila Maranhão com a mãe e o seu pai. O pai de Carlos agredia sua esposa, mais Carlos não sabia. Um belo dia a mãe do garoto resolve ir embora. Carlos ficou muito triste, pois naquele local tinha várias lembranças de sua família e da sua infância. Ele e sua mãe se mudaram para o bairro Vila Luizão, em uma casa que ficava perto de uma linda praça pública, Carlos não se conformou e resolveu fugir, sabendo que não conhecia o local.

Depois de ter fugido de casa o garoto passou por uma grande avenida de vários comércios e lojas, o que mais chamou atenção do menino foi uma rua estreita, Carlos ficou com medo, mas resolveu seguir em frente. *O medo dele era tão grande que teve a ilusão de ter visto alguém seguindo ele, na mesma hora correu sem olhar para frente, ele correu tanto que esbarrou em um garoto e acabou se machucando muito.*

- Desculpa por ter esbarrando em você. Acho que...

Olhei alguém me seguindo. – disse Carlos levantando.

- Não foi nada. Olha, não tinha ninguém atrás de Você. – disse Marcos procurando alguém.

- Você tem razão não tinha ninguém me seguindo, foi o meu medo.

Qual seu nome? – perguntou Carlos.

Meu nome é Marcos. E o seu?

- meu nome é Carlos.

Depois de Carlos ter pedido desculpa Marcos Percebeu que Carlos estava muito ferido e resolveu ajudá-lo.

Fonte: Arquivo pessoal

QUADRO 5 – CENA 2

Cena 2: Unidade de Pronto Atendimento

Marcos era um menino de 12 anos, a mesma idade de Carlos. Ele morava no bairro deste que nasceu, em uma invasão chamada 21 de junho. Quando Carlos esbarrou em Marcos, era uma tarde de sexta-feira as 15:30horas, Marcos estava indo para sua casa. Logo depois deles se apresentarem, Marcos levou urgentemente Carlos para uma UPA que era próxima.

Quando chegaram na recepção da upa a recepcionista pediu que eles aguardassem nos assentos da recepção. Marcos aproveitou o momento e perguntou para Carlos:

- Em que local da Vila Luizão você mora? Você mora aqui? – disse Marcos.

- Na verdade, eu não sei onde moro e nem aonde estou. – disse Carlos.

- Como você não sabe aonde mora? E nem que local é esse ?!. – Marcos perguntou confuso.

- Eu fugi de casa, Porque não queria vim para esse lugar. – disse Carlos- (expressão de tristeza).

- Você quer volta para casa? – disse Marcos segurando o ombro de Carlos.

- Sim, por favor, Preciso pedir desculpas para minha mãe. – disse Carlos com lágrimas no rosto.

- eu irei te ajudar.

- também vou apresentar toda Vila Luizão, esse lugar maravilhoso. – disse Marcos alegre.

Depois de alguns segundos a recepcionista chamou os dois e levou para sala de curativos. Depois de fazer os curativos na upa Marcos foi para casa e levou Carlos junto. Carlos sentia tristeza por ter fugido de casa e deixado sua mãe preocupada, tristeza e raiva não deixaram ele pensar, pedia para Deus que logo voltasse para casa.

QUADRO 6 – CENA 3

Cena 3 Muito amor pelo meu bairro

A casa de Marcos era pequena e humilde, sua mãe tinha outra filha caçula. Carlos ficou na casa de Marcos por algumas horas, lanchou e descansou, depois os dois saíram da casa e começaram a caminhar em direção à avenida principal. Cada local Marcos apresentava.

- Olha Carlos essa rua é a principal. Os ônibus percorrem todo o trajeto da rua principal, o final da rua principal é chamada ponto final, aonde fica todos os ônibus perto de lá é o bairro Alonso Costa.

-Os principais ônibus que levam para o centro e Vila Luizão, passam no terminal Cohab, Cohama, holandeses e João Paulo. – disse Marcos.

- Como é o nome daquela upa que você me levou? – perguntou Carlos.

- Essa upa é conhecida como unidade de pronto atendimento. Fica perto de uma igreja católica, lá perto tem um ponto de ônibus. – disse Marcos.

Carlos observa todos os locais por onde passava. Aqui tem várias lojas e comércio – disse Carlos observando o local.

Sim, além de ser perto da feira do Manguetão. – disse Marcos

Depois de ter passado por vários locais e Marcos ter apresentado cada um, eles foram para uma praça que parecia bem familiar para Carlos, embora não conhecia.

- Engraçado lembro de ter visto essa praça– disse Carlos fixando o olhar na praça.

- Não, deve ser engano. Aqui é a praça pública Mairlon Aguiar Pires. - Tem várias programações artísticas, é bom por que é tudo de graça. – disse Marcos.

-Olha eu acho que minha casa é perto dessa praça, só não me lembro onde fica. Disse Carlos procurando por toda praça.

Depois de um tempo procurando a casa, eles acabaram achando. A Imensa felicidade de sua mãe foi tão grande que ela abraçou bem forte Carlos. Ele pediu perdão para mãe e foi se despedir de Marcos.

-Muito obrigado por tudo. Não sei como agradecer. Disse Carlos com imenso sorriso.

Depois da escrita das cenas sugerimos a leitura do texto sem preocupação com interpretação, apenas uma leitura para entender a dinâmica das falas dos (as) personagens, em seguida foi sugerido por eles (as), que cada um fizesse à leitura percebendo dessa vez a entonação de voz, respiração, pausa e etc. Após a gravação da leitura, foi enviado no grupo do WhatsApp e juntos (as) selecionaram um dos áudios enviados para ser feito a escuta por todos.

E agora, nós convidamos os (as) leitores/espectadores (as) a apontar a câmera do celular para o QR-Code 1 e 2, e a escutá-los utilizando o fone de ouvido para que o barulho externo não atrapalhe a intenção da voz em cena. Com vocês o experimento de um áudio-leitura realizado pela adolescente 7

QR-CODE 1 – Cena 1 - Áudio adolescente 7



Fonte: Arquivo pessoal

QR-CODE 2 – Cena 2 - Áudio adolescente 7



Fonte: Arquivo pessoal

A adolescente 7 faz imitação de voz e narra a história do garoto perdido no bairro com pausas para mudanças de voz quando surge o diálogo entre os personagens e nos envia a áudio-leitura trazendo intenções para possíveis encenações presenciais.

3.2 Ficcinar as memórias-narrativas dos (as) moradores da Vila Luizão.

As vozes dos (as) moradores (as) foram socializadas através de áudios enviados no grupo de WhatsApp dramaturgia de afetos e em seguida inicia-se a escrita de textos partindo do tema ocupação da Luizão que é narrado pela moradora 3. Para ouvir aponte a câmera do celular para o QR-Code 3.

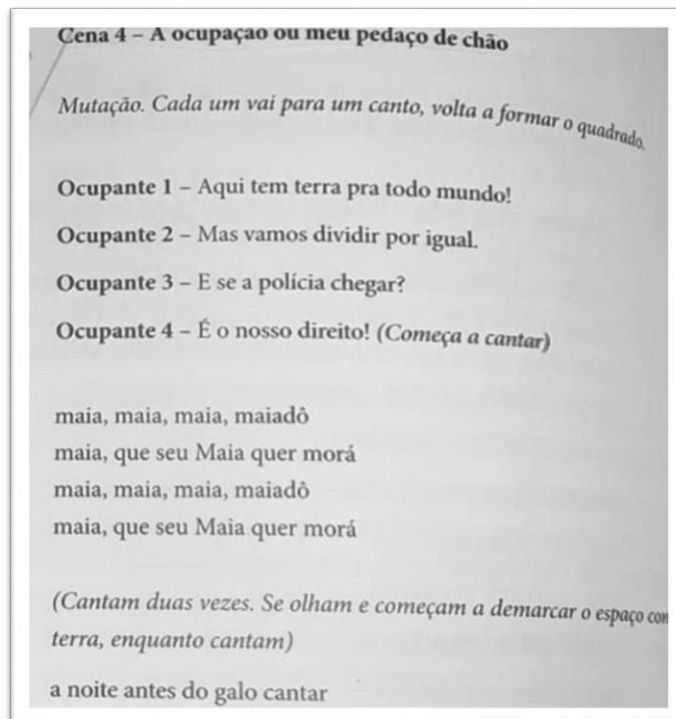
QR-CODE 3 – Áudio: Ocupação



Fonte: Arquivo pessoal

Os (as) adolescentes questionavam-se sobre quem era Luizão e como a ocupação contribuiu para que nos dias atuais as famílias da comunidade Vila Luizão tivessem moradia. Durante os encontros no Google Meet, foi realizado a leitura da peça *Ser Tao Ser- Narrativas de outra margem* (figura 26) do grupo Buraco d'Óráculo⁴⁶, os atores/atrizes narram histórias de homens e mulheres nordestinos que se aventuram no sul do país em busca de melhores condições de vida, cena 4

Figura 26 - Trecho da peça Ser Tão Ser- Narrativas da outra margem.



Fonte: Imagem retirada do Livro: Buraco d'Óráculo: 15 anos de história – para Muito Ser TÃO Ser, muito mais Cuscuz

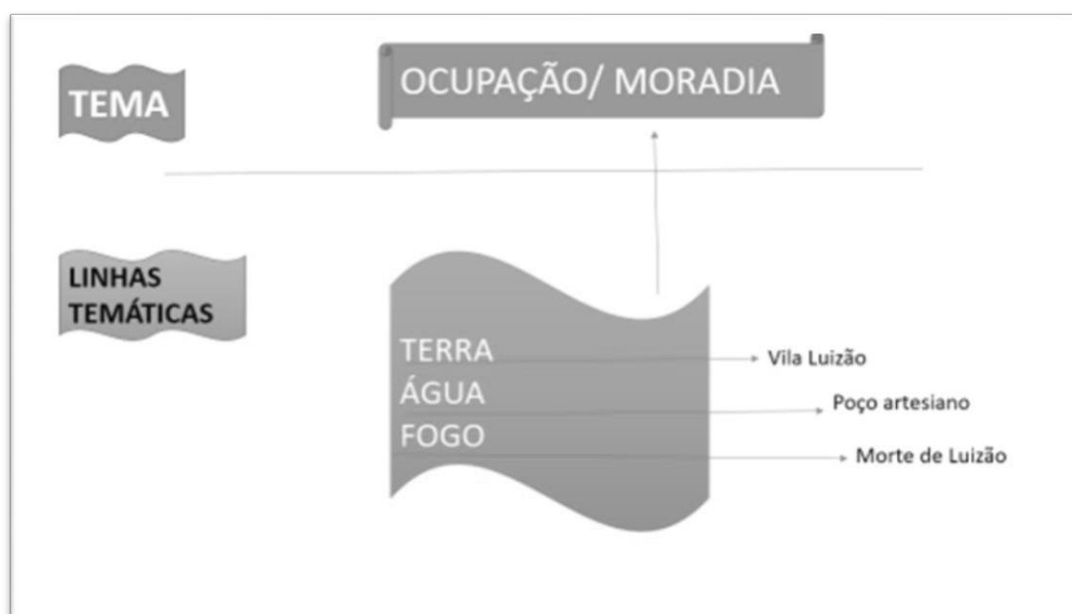
⁴⁶TEIXEIRA. Adailton A. Buraco d'Óráculo: 15 anos de história – para Muito Ser TÃO Ser, muito mais Cuscuz. Org. Adailton Alves: Ed Grafnorte. São Paulo, 2013, p.99/122.

O texto fez pensar as narrativas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão, por isso, foi realizado o recorte do trecho da cena 4 da peça *Ser Tão Ser* que fala sobre ocupação de terras, em seguida assistimos ao espetáculo⁴⁷, para que após os questionamentos levantados, inicia-se a escrita de textos a partir das lembranças dos (as) moradores (as).

As narrativas dos (as) moradores (as) apontam para algumas linhas temáticas como: Terra, água e fogo, possibilitando pensar sobre a terra no período da ocupação, a distribuição de água no bairro e a morte do líder da ocupação, o Luizão.

Sobre linhas temáticas afirma Santiago García: “são as diferentes formas ou níveis em que se expressa o tema ou assunto fundamental” (1988, p.33), o dramaturgo acrescenta que determinaram três temas no processo de escrita da peça *Os dez dias que estremeceram o mundo*⁴⁸ (1977), que trata da montagem da Revolução Russa ocorrida em outubro de 1917 que fundou a União Soviética a partir dos movimentos Bolcheviques ou, (partido comunista) liderado por Lênin. As linhas temáticas foram: soldados (paz), operários (pão), camponeses (terra). Organizamos as linhas temáticas da ocupação do bairro Vila Luizão da seguinte forma (quadro 7):

QUADRO 7 – Linhas temáticas



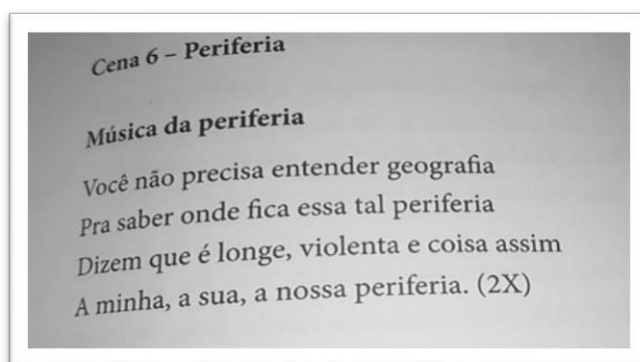
Fonte: Arquivo pessoal

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=azAvA-swoDc> Acesso em 25 de agosto de 2021.

⁴⁸ Livro-*Os dez dias que abalaram o mundo*, escrito pelo jornalista John Reed (1919). Disponível em: <http://docplayer.com.br/31637-Os-dez-dias-que-abalaram-o-mundo.html> acesso em 26 de abril de 2021.

Para os (as) adolescentes as temáticas possibilitaram pensar sobre os seus direitos e deveres enquanto cidadãos conscientes no meio em que vivem, na comunidade em que fazem parte. O resgate das memórias ajudou aos adolescentes a refletir sobre que comunidade estão inseridos, e na necessidade de resistir para existir naquele bairro. A partir de questionamentos sobre o lugar em que vivem criaram o refrão em hip hop⁴⁹ sobre o direito à moradia, tendo como referência a música do espetáculo (figura 27) *Ser Tão Ser- narrativas da outra margem*,

Figura 27 - Refrão de música do espetáculo: *Ser Tão Ser narrativas da outra margem* do grupo de teatro Buraco d'Oraculo



Fonte: Arquivo pessoal

E, sobre a periferia os (as) adolescentes escreveram o seguinte refrão,

Que ironia! Quando chove os buracos aparecem - ninguém vem consertar as ruas e nos aborrecem viva a minha periferia! todo dia falta água temos que esperar chover para pegar água nas biqueiras. Viva a minha periferia! temos hospitais mas logo ele... estamos esperando por muito tempo e.... Não vem. Nosso bairro precisa de uma praça, mas o que tem é uma bagaça, viva minha periferia! que ironia. (Adolescente 8).

Em seguida produziram o vídeo e o áudio cantando a música moradia direito de todos,

QR-CODE 4 – Áudio: Música



Fonte: Arquivo pessoal

QR-CODE 5 – Vídeo adolescente 5



Fonte: Arquivo pessoal

⁴⁹ DICIO- substantivo masculino- Manifestação cultural que, fruto da indignação de jovens norte-americanos desfavorecidos economicamente, usa a música, artes plásticas, dança, grafite etc. para expressar suas ideias. (...) Música que mescla o rap com batidas eletrônicas. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hip-hop/> acesso em 23 de agosto.

No refrão da música produzida pelos (as) adolescentes, à periferia é vista pelos mesmos como espaço de luta e de afetos partilhados entre os (as) moradores (as), vizinhos e familiares. Fazer teatro comunitário pensando a história dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão é reafirmar a identidade de um povo. Segundo Ademar Bianchi⁵⁰, diretor do grupo de Teatro Catalinas Sur⁵¹ o teatro comunitário se define como um teatro feito por vizinhos para os vizinhos, com sua própria memória, sua própria identidade e com vinculação territorial (NOSÉ, 2014, p. 98).

O grupo dramaturgia de afetos foi criado pela pesquisadora para socializar o processo de escrita dos textos com os (as) adolescentes do bairro Vila Luizão e partilhar histórias individuais e coletivas da comunidade, no artigo *A transmissão de experiências no Teatro de Vizinhos – Território, Memória e Identidade* (2016), o autor Zeca Nosé⁵² aponta para o teatro feito por grupos vizinhos nas comunidades periféricas através da transmissão de conhecimentos de memória individual e coletiva, o espaço habitado e a formação da identidade. Para Zeca Nosé, “o termo teatro de vizinhos vem da denominação de “vizinho” para qualificar os participantes dos grupos” (2016, p. 87). Os participantes do nosso grupo são atores/atrizes não profissionais e se ligam a partir de vivências com o bairro.

Nos dias atuais devido à Pandemia da Covid-19 limitou o convívio com as pessoas e a movimentação nas ruas, mas a tecnologia aproximou os (as) adolescentes promovendo experiências de tecnoconvívio, as selfs podem em alguns casos apresentar um (a) personagem que mostre uma camada possível de comunidade e, ou traço individual para a escrita das dramaturgias com identidade. A

⁵⁰ Adhemar Bianchi é uruguaio e chegou à Argentina na década de 1970. Em seu país trabalhou com o Grupo 65 e o Teatro Circular, onde teve suas últimas experiências teatrais antes de chegar em Buenos Aires. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202938/000907978.pdf?sequence=1> acesso em 13 de agosto de 2021.

⁵¹ O Grupo Catalinas Sur foi criado em 1983, por Adhemar Bianchi e por um grupo de vizinhos do bairro La Boca, em Buenos Aires. O grupo nasce a partir da vontade comunitária de fazer teatro. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202938/000907978.pdf?sequence=1> acesso em 13 de agosto de 2021.

⁵² Professor da Universidade Federal do Amapá. Artigo disponível em <http://www.socioespectacular.com.uy/archivoentrevistas.html> Acesso em 12 de agosto de 2021.

adolescente 9 enviou um selfie⁵³ (figura 28) e escreveu que apesar do esquecimento das autoridades pelo bairro em que vive, mesmo assim, “amo minha periferia”.

Figura 28 – Selfie no bairro Vila Luizão – 02 de maio de 2021.



Fonte: Imagem cedida pela adolescente

A imagem enviada pela adolescente 9 (figura 28) aponta para necessidade de apresentar-se aos (as) jovens amigos (as) e mostrar o lugar em que vive a partir do recorte da moradia na periferia apresentando uma construção da imagem individual que faz a partir da própria visão de si mesmo e dos recortes que faz de sua identidade, criando um personagem hiper-real.

Os (as) adolescentes a partir da selfie, reconstroem e reapresentam suas características aperfeiçoando a realidade e criando personagens para as postagens de si mesmo via rede sociais. Outra forma de apresentar-se e apresentar o bairro Vila Luizão foi com a criação do mapa da vida, metodologia utilizada pelo dramaturgo Ilo Krugli⁵⁴ (ABREU, 2009) onde a comunidade cria desenhos dos (as) seus (as) personagens e espaços, para depois virar dramaturgia, incorporada pelos

⁵³ DICIO- substantivo masculino e feminino - Fotografia que alguém tira de si mesmo, geralmente utilizando um celular, para divulgar em redes sociais; autorretrato, fotografia. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/selfie/> acesso em 02 de maio de 2021.

⁵⁴ ILO Krugli. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22125/ilo-krugli> acesso em: 13 de setembro de 2021.

capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a própria situação. (CANDIDO, 1976, p. 38).

O lugar de ficção da pesquisa é o bairro Vila Luizão e os personagens nasceram das narrativas compartilhadas pelos (as) adolescentes e moradores, histórias reais e, ou imaginadas que foram recriadas. Candido diz que a lógica da personagem consistiria em ser mais complexa do que o homem,

As personagens reais, assim como os objetos reais, são totalmente determinados, apresentando-se como unidades concretas, integradas de uma infinidade de predicados, dos quais somente alguns podem ser “colhidos” e “retirados” por meio de operações cognoscitivas especiais. Tais operações são sempre finitas, não podendo por isso nunca esgotar a multiplicidade infinita das determinações do ser real, individual, que é “inefável”. Isso se refere naturalmente em particular a seres humanos, seres psicofísicos, seres espirituais, que se desenvolvem e atuam. A nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres humanos individuais, é extremamente fragmentária e limitada. (CANDIDO, 1976, p. 24).

A criação de textos-vivos apresenta fragmentos de histórias do líder comunitário que fez a ocupação do bairro, história real, mas para, além disso, os relatos de outros inúmeros casos de homens e mulheres que por falta de moradia ocupam terras do Estado que é do povo por direito, e que essa mesma população é violentamente despejada, figura contemporânea sem corpo, nem formas estabelecidas, apenas uma voz, um alto falante na praça do bairro, um cartaz, um homem despido, sem rosto, nem forças.

No artigo *Oficina de escrita dramática* de Jean Pierre Sarrazac (2005) o dramaturgo francês apresenta alguns exercícios de escritas dramáticas e utiliza o termo “*escrevedores*”, para os que se aventuram nos textos literários, e escrita de peças teatrais, que não precisa necessariamente ser profissionais do teatro para a prática da escrita, basta apenas ler o passado e o presente, tanto de peças de autores clássicos como a escrita do cotidiano que surge nos muros das cidades, na escuta de conversas, nos passeios matinais.

A referência para a escrita nas oficinas ministradas por Sarrazac rompe com a estrutura aristotélica e parte para construção da personagem que surge do espaço público, das conversas informais e das escutas das ruas em profunda transformação industrial dos tempos modernos, sobre a prática de coordenador das escritas dramáticas nas oficinas de dramaturgia, Sarrazac diz que,

[...] não começo jamais uma oficina sem haver transmitido minhas “encomendas” aos participantes. Eu lhes peço para reunir um pequeno material. “Na próxima vez vocês virão com os frutos de suas colheitas: uma conversa roubada, ou seja, as vozes de alguns de nossos compatriotas anônimos, recolhidas num trem, num

café, numa parada de ônibus, etc. [...] um ou vários artigos de jornais relativos a um acontecimento real que tenha chamado a atenção de vocês, uma pequena documentação a respeito de um fato da história ou de uma lenda que, particularmente, seja intrigante para vocês; um fragmento de uma narrativa de vida, retirado de uma entrevista que vocês mesmos tenham feito ou que vocês tenham tirado de um livro de pesquisas. (2005, p. 210).

As vozes dos (as) moradores (as) provocaram nos (as) adolescentes questionamentos sobre a ocupação do bairro Vila Luizão e num gesto de resistência a adolescente 10 (figura 30) usando máscara, devido a pandemia da Covid-19, saiu as ruas do bairro segurando um cartaz com a seguinte pergunta. Quem matou Luizão? Essa ação nos leva a pensar a narrativa do bairro com ecos na resistência e em busca de identidade.

FIGURA 30 - Foto performance



Fonte: Imagem cedida pela adolescente

A adolescente, mulher-negra se indignou depois de algumas conversas no grupo dramaturgia de afetos e decidiu sair as ruas do bairro Vila Luizão na tentativa de rememorar a história do fundador da ocupação e a partir desse acontecimento performativo a adolescente desabafa, “chega de tantos desaparecimentos de vidas negras, estou cansada de assistir e vivenciar preconceitos por questão de cor da pele, precisamos de respeito”.

3.3 Dramaturgia habitada por histórias de terras-lutas-resistências

Percebe-se na escrita dos textos dos (as) adolescentes a partir da escuta das memórias dos (as) moradores (as), o quando surge à palavra luta, de fato, a luta por moradia fez daquele espaço um nascedouro de diferentes pessoas que se deslocaram da zona rural e localidades vizinhas para construir suas casas de papelão e realizar o sonho de ter um lugar para morar. O vídeo-teatro aponta para resistência em permanecer no bairro,

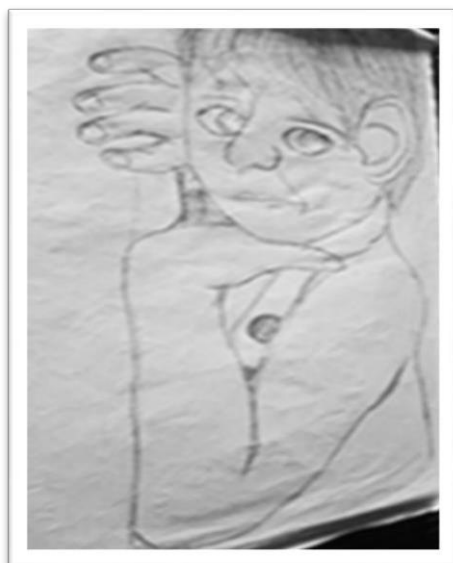
QR Code 6 – Viva a resistência.



Fonte: Arquivo pessoal

Questionou-se quem era Luizão e qual a importância dele para a formação daquela comunidade. Que cara tem Luizão? a adolescente 6 desenhou o personagem ainda criança (figura 31) para tentar encontrar nas características a personalidade do homem que fez treze ocupações na cidade de São Luís. Quem foi Luizão? E, se Luizão voltasse para contar a sua própria história o que diria? Como descrever o personagem Luizão?

FIGURA 31 – Desenho feito por adolescente- Luizão criança.



Fonte: Arquivo cedido por adolescente

Para David Ball (1999, p.88) “um personagem se constitui de todas as qualidades, traços e aspectos que criam a natureza de uma pessoa e distinguem essa pessoa de outra”. Em que se distingue o personagem Luizão dos (as) moradores da Vila Luizão? E, se Luizão fosse jovem vivendo neste bairro nos dias atuais?

Pensar o personagem enigmático da vida real é trazer à tona temas que fazem parte do nosso contexto latino americano, das histórias silenciadas e pessoas invisíveis, quando apresentadas provocam debates acerca de como compreendemos o direito de existir nesse país e como trazer para cena temas que fazem parte do cotidiano. O texto (quadro 6) foi escrito pelo adolescente 4 na tentativa de encontrar rastros de histórias que ainda acontecem na contemporaneidade, sendo o tema a morte nas comunidades periféricas, segue texto.

QUADRO 8 – Texto produzido por adolescente 4

-Gabriel encontra o senhor João na praça Luizão.
 - Eles começaram a conversar.
 - (Gabriel perguntou ao seu João.)
 -O senhor conhece a rua do Campo? Seu João respondeu: - Sim Gabriel, por quê? - Estou perdido e não consigo encontrar minha casa. Eu posso te levar lá. Eu moro nesta rua, ela é a mais famosa do bairro Luizão.
 (VENTANIA) barulho...
 -Eles estavam sentados na praça quando de repente o vento trouxe um jornal - o senhor começou a ler uma notícia - Eles ficaram apavorados por saber que um motorista da COLISEU integrante de diversas (invasões) de São Luís foi morto a tiros. - O nome do motorista era exatamente o mesmo nome do bairro, Luizão. Vamos seu João! Preciso ver o que aconteceu com ele. Vamos!
 - Seu João! (Gritou Gabriel) – Porque o senhor não me falou? O senhor é o Luizão? Seu João morreu, a polícia matou seu João. Por quê? O que ele fez? Distribuiu terra para os sem teto...

Fonte: Arquivo pessoal

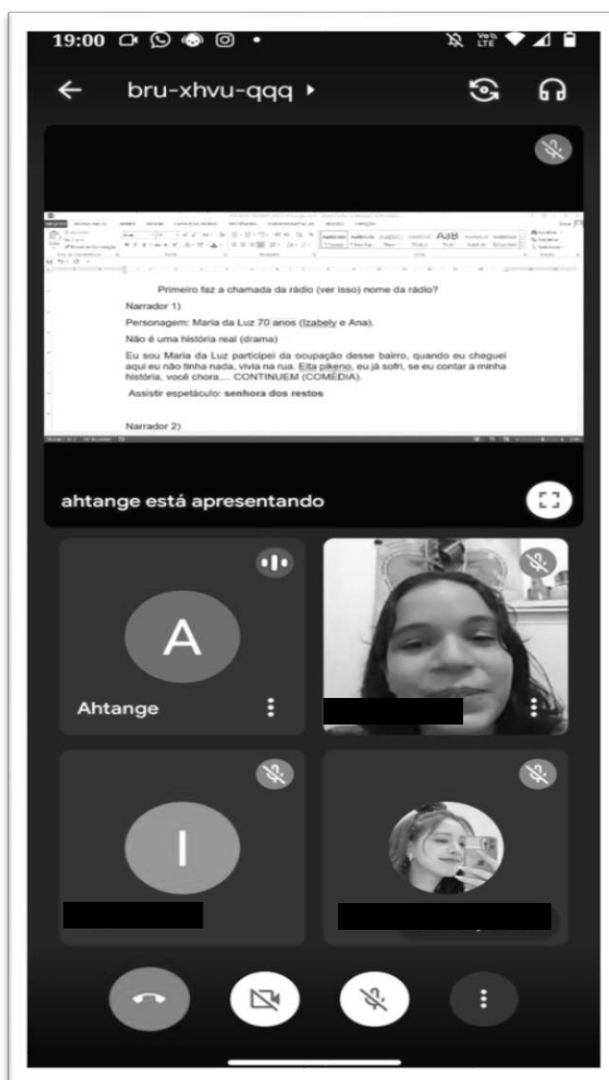
Seu João, ou Luizão? Histórias que se entrecruzam na contemporaneidade, homens e mulheres que subvertem o poder e encontra fissuras para existir, poderia ser João, Maria, Marielle⁵⁵ e etc., nomes que uma bala perdida os encontra, uma

⁵⁵ A vereadora do PSOL Marielle Franco foi morta a tiros dentro de um carro na Rua Joaquim Palhares, no bairro do Estácio, na Região Central do Rio, por volta das 21h30 desta quarta-feira 14 de março de 2018,

bala que em muitos casos acompanha o nome na ponta. João carrega a cruz! Seu João, porque carrega a cruz? Com essa pergunta os (as) adolescentes iniciaram a jornada de pensar a ocupação do bairro Vila Luizão para trazer à cena o que está à margem.

Nos encontros tecnológicos (figura 32), pensou-se a partir das vozes-narrativas dos (as) moradores (as) para criação dos textos,

Figura 32 - Encontro tecnológico com os (as) adolescentes para a escrita de textos para o rádio-teatro.

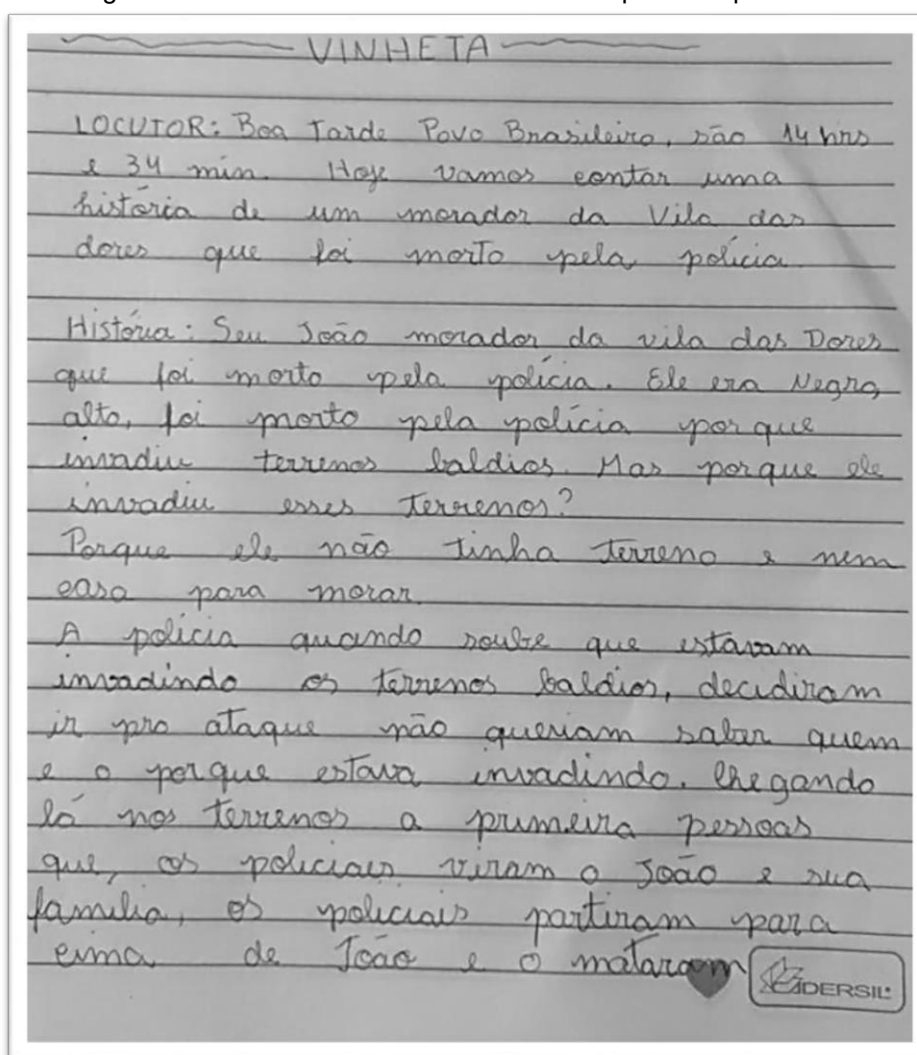


Fonte: Arquivo pessoal

Marielle foi atingida com pelo menos quatro tiros na cabeça. A perícia encontrou nove cápsulas de tiros no local. Os criminosos fugiram sem levar nada. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml> acesso em 28 de agosto de 2021.

Dispomos do Rádio-teatro para que através da utilização da palavra fosse possível potencializar o ato de dizer a história de João da Cruz. Para produzir o áudio narrando a história fizemos o exercício de escuta através de rádio-novelas produzidas pelo Curso de Artes Cênicas da Unicamp, durante a pandemia: - uma a partir da obra de Clarice Lispector, chamada *Rádio Estrangeira*⁵⁶ - e outra que é uma versão radiofônica da peça *Rasga Coração*⁵⁷, do dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho, conhecido como Vianinha. Juntos criaram o texto (figura 33) para em seguida fazer a gravação da história.

Figura 33 - Texto do adolescente 5 escolhido para o experimento de rádio



Fonte: Arquivo pessoal

⁵⁶ Rádio estrangeira- Disponível em: <https://open.spotify.com/show/30092HYL8eB06hW4EdNY6D> acesso em 02 de agosto de 2021.

⁵⁷ Peça Rasga Coração- Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5cKFonVelkAYZAbPmCjMBD> acesso em 02 de agosto de 2021.

Escute a rádio TKM. 92 através dos QR-Code 7 e 8, use o fone de ouvido.

QR-CODE 7 e 8 – História de seu João e a viúva.



Fonte: Arquivos pessoal

Para acionar a escrita dos textos sobre moradia foi realizada a leitura do texto *Senhora dos Restos* do dramaturgo Sergipano Euler Lopes⁵⁸ (2017), o qual, conta a história de uma mulher que vive em situação de rua e que rememora sua história entre delírios e lucidez. As memórias-narrativas da Senhora dos Restos saltam a realidade e nos faz escutar as vozes dos silenciados, no texto o dramaturgo escreve,

ainda me assusta, mesmo estando na miséria. E a miséria é o último estágio. Dela ninguém sai, para ela muitos ainda virão. É. Não pense que todo mundo nasce na miséria. A senhora dos Restos já teve casa, já frequentou escola com farda e caderno na mão. (2017, p. 112).

As lembranças da Senhora dos Restos produziu imagens para (as) adolescentes, onde nas conversas informais surgiu o relato que a mãe de um deles viveu em situação de rua por alguns anos, trazendo à memória-narrativa dessa história no áudio-lembrança (QR-Code 10), levando-a a se emocionar rememorando sua vivência no processo de ocupação do bairro. Recomendamos o uso de fone de ouvido para que a memória-narrativa possa ser escutada sem interferência externa, escute com o coração e deixe a personagem Maria da Luz (QR-Code 8) entrar na sua vida.

QR-CODE 9 – Rádio da vida



Fonte: Arquivo pessoal

QR-CODE 10 – Maria da Luz



Fonte: Arquivo pessoal

⁵⁸ É Diretor do Grupo de Teatro A Tua Lona, de Aracaju (SE), doutorando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), em que pesquisa violência em dramaturgia latino-americana.

Lembrar para reviver momentos da vida que ainda circulam o existir, palavras que saltam da boca ganhando formas e conteúdo, que faz parte do caminho percorrido, histórias e memórias dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão, sonhos dos (as) jovens dessa localidade que palavras não conseguem externar a vontade de continuar vivendo e compartilhando experiências de sua existência na comunidade. A emoção ganha força entre os (as) jovens quando em contato com áudios de moradores do bairro percebem a força de sua identidade. A força dos textos escritos pelos (as) adolescentes segue em cada experiência com as vozes daquele bairro, assim como o contato com o espetáculo, assistido via Google Meet, *Senhora dos restos*⁵⁹ (figura 34) estreado em (2014), encenado pela atriz Isabel Santos⁶⁰ as cenas provocaram discussões no grupo dramaturgia de afetos sobre a miséria humana, sendo disparador para a criação de textos.

FIGURA 34 - Apresentação da peça Senhora dos Restos



Fonte: Arquivo pessoal

Após assistirem o espetáculo as adolescentes 2 e 7 rememoraram o período da ocupação e socializaram no grupo o texto sobre resistência, trata de um diálogo

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZO0xf8UGKPw> acesso 03 de setembro de 2021.

⁶⁰ Isabel Santos é ex-integrante do Grupo Imbução de Aracaju, produziu e encenou o monólogo *Senhora dos Restos*. Disponível em: <http://mapa.cultura.aracaju.se.gov.br/agente/56651/> acesso em 03 de setembro de 2021.

entre Luizão e moradores do bairro no momento em que a polícia chega às terras ocupadas. Segue texto 1 (quadro 9) escrito pela adolescente 2 e o texto 2 (quadro 10) escrito pelo adolescente 7.

QUADRO 9 – Texto 1 - produzido por adolescente 2

Cena de resistência

Naquela tarde tranquila de domingo – algumas horas depois não seria mais tranquila.

Luizão, líder do movimento, junto com o seu pessoal que o seguia, pois o viam como um justiceiro que foi capaz de entender o que aquelas pessoas estavam passando. Naquela tarde estavam pensando em como tudo estava tranquilo e sossegado. Mas sempre tinha alguém que desconfiava desses momentos tranquilos, pois a vida de quem ocupa terras, é viver sobre o medo constante de serem atacados, expulsos e até mortos, por estarem ocupando essas terras vazias, que aliás, deveriam ser um direito de todos ter acesso a moradia.

E aí, chefe? – João pergunta ao líder – o que iremos fazer de novo, quando eles resolverem voltar e tentar expulsar agente de novo?

- É óbvio que iremos resistir, não é mesmo? – Luizão falou escutem aqui, todo mundo: Nosso povo é guerreiro, e não vou desistir de vocês e nem dessa terra. Que quando estava desocupada ninguém ligava, mas agora que está servindo para centenas de pessoas que não tem onde morar, eles vem colocar boneco! Eles não querem ajudar ninguém, pelo contrário. Não me admira que o país é o que é. Eu vou resistir, e se tiver que sacrificar a minha vida, então eu a sacrificarei! – gritos e aplausos do seu pessoal.

Algumas horas depois...

- Chefe Luizão, chefe, chefe! – Gritos das crianças!

_ Calma crianças, o que aconteceu?? – Luizão aflito perguntou.

_ A polícia chefe, ela acabou de chegar, e está pior que da última vez, eu e as outras crianças estamos com muito medo. – Disse Maria, uma das crianças mais velhas.

- Certo crianças procurem os pais de vocês, tentem ficar o mais longe possível dessa briga, que é entre gente grande, entenderam? Não se preocupem, vou proteger todos vocês.

QUADRO 10 – Texto 2 - produzido por adolescente 7

Cena: Alvorço na comunidade

(Todo o espaço cênico está repleto de terra. A história se passa num terreno baldio com barracos feito de papelão, Luizão está deitado quando escuta gritos...)

Todos: Nós não vamos sair daqui, esse é o nosso lar.

(Luizão entra correndo)...

- O que tá acontecendo aqui? – pergunta Luizão.

- Nós ordenamos que todos vocês bando de desocupados saiam já das terras do Senhor Ribamar – ordena o policial.

- Ninguém vai sair daqui, essas são nossas casas, construídas em um terreno que antes não tinha serventia nenhuma e agora só porque construímos nossos barracos lembraram que tinham terra, nós somos resistência.

VIVA A RESISTÊNCIA! – (brada Luizão).

- VIVA A RESISTÊNCIA! – gritam todos.

- Se vocês não saírem por bem vão sair por mal. – (Diz o policial já empunhando a arma e fazendo sinal para os demais). - DERRUBEM TUDO AGORA.

Nesse momento começa uma correria e gritaria, alguns policiais começam a derrubar os barracos e ao mesmo tempo colocam fogo e enquanto outros vão armados pra cima das pessoas da comunidade e começam a atirar, os tiros pegam no líder da ocupação Luizão e em alguns outros moradores. Os policiais saem correndo do lugar.

- Oh meu Deus, Luizão! Luizão acorde, o que será de mim e do nosso povo sem você, alguém ajude pelo amor de Deus – (grita a esposa de Luizão).

- Temos mais dois dos nossos feridos também. – (alguém grita).

Infelizmente os feridos não conseguem resistir e morrem no local, causando uma grande comoção a comunidade.

A ficção se mistura à realidade, quem era Luizão? No exercício cênico de áudio-leitura a adolescente 8 fala do homem que fez a ocupação no seu bairro, nomeando o personagem como seu João, escute o áudio (QR-Code 11) e saiba como era o personagem, perceba a mudança de voz na entrevista feita pela adolescente 8 a palavra dar corpo ao personagem através da interpretação da jovem atriz.

QR-CODE 11 - Áudio Seu João



Fonte: Arquivo pessoal

Ainda na intenção de encontrar respostas para a pergunta que insistia aparecer nos encontros tecnológicos, os (as) jovens questionaram-se: Luizão foi herói ou vilão? A partir desse questionamento sugeriu-se assistir ao espetáculo *O julgamento de Lampião. Um júri épico*⁶¹ idealizado pelo ministério público de Petrolina–PE encenado por não/atores advogados, promotores e atores Juliano Varela e Coelhão que interpretaram Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião do sertão pernambucano e padre Cícero como testemunha de defesa.

Iniciou-se a escrita do texto para o julgamento de Luizão, feito de forma coletiva, cada um escrevia e enviava no grupo e junto chegou-se ao veredito de que Luizão deveria ser julgado, a partir da leitura do texto iniciou-se o experimento da leitura filmada e enviada no grupo dramaturgia de afetos. Segue o vídeo-teatro da adolescente 1

QR-CODE 12 – Vídeo –teatro: Julgamento de Luizão.



Fonte: Arquivo pessoal

⁶¹ Projeto idealizado pelo Profº: Anderson Wagner e o promotor de justiça Fernando Della Latta Camargo, em 31 de outubro de 2019. Petrolina-PE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TSS4kwCKjkY> acesso em 10 de agosto de 2021.

QUADRO 11 – Julgamento de Luizão - produzido por adolescente 1

Julgamento de Luizão

Luís Ferreira Pestana o "Luizão"

_Um motorista da Coliseu, negro, alto, casado. Seu nome é Luís Ferreira Pestana, conhecido como Luizão que através dos seus possíveis "atos heroicos" **(Com ironia)** - veio se transformar no famoso Luizão.

Mas o que Luizão fez para ser lembrado como herói?

- Ele era invasor de terras, sim senhores, invasor! **(Falando com o público)**.

Ele tomava posse de terrenos, e invadia. Chegou a formar grupos de pessoas onde ele o Luizão era líder, pessoas que junto com ele invadia terrenos para vender em seguida. Apossavam-se de terras do Estado senhores e às vezes até terras de empresários da nossa localidade.

O que resta fazer? A polícia deve impedir esses atos vândalos, atos de vagabundo, de desocupados. Os invasores permitiam que pessoas que não tinha moradia morassem nesses terrenos em troca de que? Meus senhores e minhas senhoras? **(Pausa)**.

Em troca de mão de obra, de trabalho sem pagamento no final do mês.

ISSO MESMO, TRABALHO QUASE ESCRAVO!

Os moradores sofriam com falta de saneamento básico, esgotos a céu aberto, sem condições de viver. Mas Luizão não se importava com essa gente.

Então, Senhor juiz. **(Pausa)**. Foi isso o que Luizão trouxe a essas pessoas: desespero, angústia, medo, aflição, choro, morte, ele tirou a paz completamente dessas pessoas. Muitos moradores vieram a ser presos e nem assim, nem mesmo o tempo que ele levou na prisão, não foi o suficiente para ele ver, o tamanho da maldade que fez a esse povo, a essas famílias. E por fim, o povo não teve mais paz, por muitos anos a comunidade que se formou ficou esquecida, sem saneamento básico, sem água.

-Luizão deixou sofrimento e lutas para essas famílias que um dia acreditaram nele.

Deixo aqui minhas declarações finais exigindo a prisão do homem do bairro Vila Luizão, o seu Luizão.

Obrigada pela palavra.

O exercício cênico não teve como objetivo julgar o líder da ocupação de terras do bairro Vila Luizão, qualificando a ação do senhor Luizão como certo ou errado, o experimento possibilitou brincar com as palavras apresentando uma versão narrativa para o personagem da história real que a partir dos seus movimentos revolucionários fez treze ocupações na cidade de São Luís, MA e assim como Virgulino Ferreira da Silva (o Lampião), Luís Gonzaga Ferreira (Luizão) subverteram o sistema vigente e foram considerados marginais, a luta dos (as) moradores (as) seguiu pós ocupação reescrevendo novas histórias.

Histórias que fazem lembrar o texto de Arístides Vargas⁶² Nuestra Señora de Las Nubens (2006)⁶³ que trata da experiências de expatriados que foram obrigados a deixar a Argentina, tendo uma montagem no Brasil pelo Grupo Clowns de Shakespeare⁶⁴

Assim foi o exílio da viúva de Luizão depois de sua morte, conta a esposa que devido ameaças tem medo de tudo que venha do Brasil. Depois da morte de Luizão ela teve que deixar sua gente e viver em outro país, se mudou para Espanha e de lá rememora momentos de afetos e (des) afetos no Brasil e sua voz demonstra o quanto de mistérios ainda existe nessa história.

QR-CODE 13 – viúva de Luizão



Fonte: Arquivo pessoal

A pesquisadora entrou em contato com a viúva de Luizão e em conversa informal diz que quer esquecer o que aconteceu no Brasil, “mataram o meu esposo e ainda me ameaçaram de morte”, o esquecimento nesse caso é o luto para a viúva

⁶² Dramaturgo e ator argentino nascido em 1954, radicado no Equador e fundador do grupo Malayerba em 1978.

⁶³ Texto/artigo de Jorge Dubatti sobre o Arístides e o Nuestra Señora Disponível em: <https://www.centrocultural.coop/revista/16/nuestra-senora-de-las-nubes-de-aristides-vargas-exilio-contario-y-estatus-dramatico> acesso em 20 de setembro de 2021.

⁶⁴ Peça Nossa senhora das Nubens. Disponível em: <https://vimeo.com/139013856/1b5c656987> acesso em 20 de setembro de 2021.

do líder da ocupação do bairro Vila Luizão. Quantas camadas de histórias ainda existem nessas memórias? Continuaremos na tentativa de reinventar o bairro através de ficção e realidade.

Não podemos viver sem os dois A(s): Água e Arte para todos (as)

Bebida é água
 Comida é pasto
 Você tem sede de quê?
 Você tem fome de quê?
 A gente não quer só comida
 A gente quer comida, diversão e arte
 A gente não quer só comida
 A gente quer saída para qualquer parte
 Titãs

O áudio (QR-Code 14) enviado pela moradora 4 rememora a luta por água no bairro Vila Luizão no início da ocupação, quando ela diz “na minha época”, traz história do passado e lembra com saudade dos seus (as) companheiros (as) de um tempo e lugar onde viveu e quando volta ao bairro percebe que muitas mudanças ocorreram. Escute a mensagem enviada por WhatsApp pela moradora.

QR-CODE 14 – O Caso bomba d água.



Fonte: Arquivo pessoal

Escutamos o áudio enviado pela moradora (QR-Code 12) o qual foi o disparador para os (as) adolescentes também descreverem a situação do abastecimento de água no bairro nos dias atuais e seguimos com os experimentos cênicos a partir da narrativa onde relata a moradora 4, ela diz que: conseguiram uma bomba d’água com um candidato a vereador em troca de votos, mas o político não se elegeu e foi buscar a bomba. Para esse experimento o espaço-casa-teatro serviu de cenário para narrar a história, a adolescente 3 relata da seguinte forma através do vídeo-teatro (QR-Code 15).

QR-CODE 15 – Vídeo-teatro



Fonte: Arquivo pessoal

As adolescentes 6 e 7 representam a cena a partir das fotos (figuras 35 e 36) enviadas no grupo dramaturgia de afetos tendo como mote o seguinte trecho de mensagem enviada via WhasApp pelo morador 3: “Eu mesma peguei muita carreira da fila dos baldes para encher, apenas com 11 anos kkk”.

FIGURA 35 - Esperando Godot



Fonte: Arquivo pessoal

FIGURA 36 - Falta água na torneira



Fonte: Arquivo pessoal

E enviaram um áudio-entrevista, escute o (QR-CODE 16),

QR-CODE 16 – Áudio da água - adolescente - entrevista



Fonte: Arquivo pessoal

Em cada nova criação se percebe o quanto os (as) jovens posicionaram-se com relação às temáticas sociais e políticas que surgiam nos encontros tecnológicos sobre o bairro, passaram a pensar como a comunidade é vista e que eles (as) devem continuar lutando pelas melhorias, cobrando e fiscalizando as autoridades políticas que foram eleitas com a bandeira de ordem, periferia.

Escrever os textos com os (as) jovens não foi tão assustador assim, eles (as) possuem repertório de vivências com o bairro e com os (as) moradores (as) oportunizando o desenrolar da pesquisa onde a palavra oral e escrita foram experienciadas transformando o jeito de perceberem-se no bairro Vila Luizão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

- O que tá acontecendo aqui? – pergunta Luizão.
 - Nós ordenamos que todos vocês bando de desocupados saiam já das terras do Senhor Ribamar – ordena o policial.
 - Ninguém vai sair daqui, essas são nossas casas, construídas em um terreno que antes não tinha serventia nenhuma e agora só porque construímos nossos barracos lembraram que tinham terra, nós somos resistência.
 VIVA A RESISTÊNCIA! – (brada Luizão).
 - VIVA A RESISTÊNCIA! – gritam todos.

Texto 2 - produzido por adolescente 7 (2021, p. 114).

O texto acima foi escrito por um jovem dramaturgo morador do bairro Vila Luizão que fez parte do grupo *dramaturgia de afetos*. Ele pode até saber pouco de técnica de escrita, prólogo ou rubrica, mas sabe muito sobre existir naquele espaço periférico que vivencia a negação de quase todos os direitos e busca formas de existir nele junto à comunidade.

Para escrever os textos de histórias da comunidade do bairro Vila Luizão não foi preciso um gabinete e silêncios para que os (as) novos dramaturgos (as) escrevessem narrativas de vida. Para essa escrita foi necessário escutar as histórias habitadas por cada corpo-memória do bairro que a vinte e seis anos convivem com a persistência pela sobrevivência naquele espaço de afetos e conflitos.

As vozes dos (as) moradores (as) do bairro apontam para que os novos (as) integrantes continuem a luta por moradia e por dignidade, para viver num bairro de periferia, convivendo com os problemas que toda periferia convive, dentre eles, como os jovens se veem naquela comunidade.

A presente pesquisa oportunizou-nos investigar as memórias-narrativas dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão para em seguida ficcionar as histórias com os (as) adolescentes/moradores (as) do bairro, criando textos narrativos habitados pela palavra dos (as) jovens, propondo um caminho de reflexão entre escuta, escrita e reescrita num processo formativo educativo.

A linha de pesquisa do mestrado: Processos e poéticas da cena nos proporcionaram pensar o teatro e suas novas formas de criação teatral principalmente no período em que vivemos o isolamento social devido à pandemia da Covid-19. Encontramos outros espaços e estéticas para fazer/pensar teatro junto com dez adolescentes sujeitos da pesquisa. Utilizando as mídias sociais como:

WhatsApp e Facebook foi possível continuar existindo e compartilhando relatos orais e escritos para a feitura dos textos teatrais.

Os encontros tecnológicos a partir da plataforma google meet aproximou adolescentes e pesquisadora para que juntos (as) pudessem recriar espaço de vivência com o bairro e reescrever as histórias narradas pelos (as) moradores (as) que participaram da ocupação daquele território.

Durante os encontros mesmo que de forma virtual era proposto conversar sobre assuntos do cotidiano. No entanto, muitas histórias ficaram no esquecimento por medo de acender lembranças e continuaram guardadas, inclusive aquelas que não foram autorizadas a serem escritas e seguem caminho a fora com seus silêncios.

A pesquisa dialogou com moradores do bairro Vila Luizão que rememoraram histórias de luta e resistência por moradia e que continua sendo um tema bastante discutido entre os (as) adolescentes que seguem vivenciando a falta de moradia no bairro.

A metodologia da pesquisa narrativa nos deu condições de saber mais sobre as histórias da comunidade e a partir da escuta dos áudios socializados no grupo de WhatsApp *dramaturgia de afetos* buscamos compreender a relação dos (as) moradores (as) com o bairro.

Durante a pesquisa nos surgiram algumas perguntas que tentamos responder no processo de escrita, dentre elas a que mais nos acompanhou foi: como escrever dramaturgia com adolescentes e de forma virtual? Essa pergunta nos assustava devido à falta de formação em dramaturgia tanto da pesquisadora quanto dos (as) jovens, mas durante os trabalhos de escrita entendemos que o (a) dramaturgo (a) se forma na prática exercitando a escrita e pensando os temas cotidianos que nos circundam que serviram de disparadores para pensar a dramaturgia.

Como apresentar esses temas do cotidiano, como: violência doméstica, racismo, drogas que rondam os (os) jovens em especial da periferia que já carrega o estereótipo de espaço marginal.

Na escrita dos (as) adolescentes os temas que surgiam provocavam reflexão acerca da ineficiência do Estado e da falta de políticas públicas que busque elaborar projetos artísticos culturais para a comunidade periférica. Os textos seguiam com uma escrita apontando a necessidade de mudança. Os (as) jovens dramaturgos (as)

reivindicavam melhores condições de vida na escrita dos textos, nos áudios-leituras, imagens e vídeos-teatro.

Existe em cada palavra-cena a urgência de transformação individual e coletiva tanto na relação dos (as) jovens com o bairro como no chamamento para que as autoridades locais se comprometam com a comunidade propondo melhorias para o bairro.

Os textos narrativos e dramáticos escritos pelos (as) jovens dramaturgos (as) apresentam indícios de engajamento político. Sobre escrita de texto teatral engajado, o ator e dramaturgo Márcio Silveira (2020), diz que existe a especificidade de texto teatral. “A dramaturgia que escrevi para o Grupo Manjerição não fugiu de sua proposta de um teatro engajado que confronta o sistema vigente e busca por meio da relação ator e espectador desenvolver momentos de reflexão e ação”. (SANTOS, 2020, p.78). O autor deixa claro que na escrita da dramaturgia do Grupo Manjerição (1998), esse engajamento já existia devido ao Grupo já trabalhar na temática dos problemas políticos e sociais, daí sua necessidade em escrever um texto que atingisse a proposta do engajamento.

A escrita dos textos dramaturgicos realizados durante a pesquisa apontava caminho para uma vertente política, mesmo sendo jovens, eles (elas) entendem o descaso que sofrem devido à negligência do poder público.

Pensar sobre as memórias dos (as) moradores (as) que fizeram parte da ocupação do bairro levou-nos a entender o processo de luta por moradia e a necessidade de continuar lutando. Foi possível ver e ouvir isso na escrita dos textos, imagens, áudios-leituras e vídeos-teatros produzidos pelos (as) adolescentes ao longo desse trabalho, que ampliaram a forma de perceber as relações de poder e convivência com o bairro.

Na condução do processo criativo com os (as) adolescentes foi necessário esperar, escutar e acalmar o espírito aventureiro da pesquisadora. A condução aconteceu sem julgamento de valores e sem intenções tendenciosas de provocar nos (as) jovens sentimentos que não lhes pertencia. Enquanto pesquisadora, busquei escutar e respeitar as vozes dos (as) protagonistas (as) dessa história verdadeiramente ficcionada dos (as) moradores (as) do bairro Vila Luizão.

As referências utilizadas no processo de construção dramaturgica traziam um engajamento político proporcionando a reflexão dos (as) jovens dramaturgos (as). O espetáculo Ser Tão Ser – narrativas do Grupo de Teatro Buraco d`Oraculo, Pombas

Urbanas, peça Senhora dos Restos e a peça Nossa Senhora das Nuvens oportunizou pensar temas conhecido dos (as) jovens e vivenciados por sua maioria.

A reflexão nos acompanhou durante todo o processo de escrita dos textos como também na produção das imagens, áudios e vídeos, neles estavam contidos a vontade de transformação do bairro e o reconhecimento de pertencer aquele lugar de afetos.

O processo de escuta das vozes do passado proporcionou aos (as) adolescentes conhecer sobre o espaço habitado e as relações entre a comunidade, percebendo a formação da identidade a partir das memórias dos (as) moradores (as), observando que as práticas de antigamente ainda tem relação direta com os (as) adolescentes mesmo esses sendo de geração contemporânea.

Tiveram interesse em saber sobre as memórias dos (as) moradores (as) da comunidade Vila Luizão agregando novos elementos às práticas do passado, como: as festas no bairro Vila Luizão, ocupação de terras que ainda vivenciam atualmente, a falta d'água, etc.

Os textos escritos pelos (as) adolescentes esteve habitada pela palavra luta que sempre movimentou a história do bairro. A luta por moradia, essa palavra tem um significado também para os (as) jovens que através das expressões artísticas apresentaram suas indignações e necessidade de mudança, reescrevendo um bairro possível para todos (as).

Continuaremos lutando e pesquisando sobre as memórias silenciadas. Não se encerra aqui a luta, nem a escrita. Descobrimos o poder da palavra em cada uma que foi proferida pelos (as) jovens da comunidade Vila Luizão e foram lançadas para que o eco seja escutado por tantas outras novas gerações. Pretendemos um teatro-vivo.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ieda. **Ilo Krugli: Poesia Rasgada**. Coleção Aplauso. Imprensa Oficial. São Paulo, 2009

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BALL, David. **Para trás e para frente: um guia para leitura de peças teatrais**. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1999.

BAUMAN, Zigmunt. **Vidas desperdiçadas**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Ed Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad; Sérgio Paulo Rouanet; ed. 7. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. Ed. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad. João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, n. 19, Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

CANDIDO, Antonio, Anatol Rosenfeld, Decio de Almeida Prado e Paulo Emílio Sales Gomes. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CERTEAU, Michel de. Luce Giard, Pierre Mayol. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Trad. Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 12 ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. 5ª reimpressão, 2018.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva - **Discurso Preliminar sobre o Conjunto do Positivismo**. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

DUBATTI, Jorge. **A pandemia revelou o poder do convívio**. 240 ed. Revista Continente, Recife: dezembro 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Trad. Raquel Ramallete. ed 41. Petrópolis: Vozes, 2013.

GARCÍA, Santiago. **Teoria e prática do teatro**. Trad. Salvador Obiol de Freitas. Ed Hucitec, São Paulo, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf acesso em 10 de fevereiro de 2021.

LEAL, Mara Lucia. **MEMÓRIA E(M) PERFORMANCE: material autobiográfico na composição da cena**". Salvador, 2011. Tese (doutorado em Artes Cênicas) Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. UFBA, 2011.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro pós-dramático**. Tradução de Pedro Süsskind, São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3ª. Ed. São Paulo: n-1, 2016.

NICOLETE, Adélia. **Dramaturgia em colaboração: por um aprimoramento**. In: **Subtexto** – Revista de teatro do Galpão Cine Horto, nº7, Minas Gerais: CPMT, 2010. Disponível em: <http://galpaocinehorto.com.br/wp-content/uploads/2020/03/subtexto-7.pdf> acesso em 24 de setembro de 2021.

NOSÉ, Zeca. **Território, Memória e Identidade**. Conceição | Concept, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 82-95, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/ppgac/article/view/443> acesso em 20 de agosto de 2021.

NOVAES, Sylvia C. **IMAGEM, MAGIA E IMAGINAÇÃO: DESAFIOS AO TEXTO ANTROPOLÓGICO**. MANA 14(2): 455-475, 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/sergio/Downloads/Imagem magia e imaginacao desafios ao texto antrop.pdf](file:///C:/Users/sergio/Downloads/Imagem%20magia%20e%20imaginacao%20desafios%20ao%20texto%20antrop.pdf). Acesso em: 15 de março de 2021.

ÓSORIO, Carlos Araque, TELLES, Narciso. **Eco de vozes sem alento: Brasil-Colômbia**. Vitória: Cousa, 2021.

PAULA, Welligton Menegaz de. **Drama-processo e ciberespaço: o ensino do teatro em campo expandido**. Florianópolis. 2016. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2016.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: Construção do Personagem**. Ed Ática, São Paulo, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>: Acesso em: 10 de outubro. 2020.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. (Texto publicado na sua primeira versão em 2001) Disponível em: https://colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf acesso em 06 de fevereiro de 2021.

REBOUÇAS, Evill. **Poéticas dramatúrgicas no espaço inusitado** Anais ABRACE, v. 11, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3321/3479> acesso em 12 de maio de 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Editora Letramento. Belo Horizonte, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

RIO, João do. **A Alma encantadora das ruas: crônicas**. Secretaria Municipal de Cultura. Rio de Janeiro, 1995.

SARRAZAC, Jean Pierre. **A oficina de escrita dramática**. Trad. de C. dos S. Rocha. Educação e realidade. Rio Grande do Sul, v. 30, n. 2, p. 203-215, jul-dez 2005.

SANTOS, Márcio Silveira dos. **DRAMATURGIA(S) PARA TEATRO(S) DE RUA: procedimentos de criação no contexto das políticas culturais brasileiras**. Florianópolis, 2020. Tese (doutorado em Teatro) Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Artes. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2020.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. Org. Maria Alice Ferraz Abdala. 3 ed. São Paulo: Ed Universidade de São Paulo, 2013.

_____. **Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. Org. Denise Elias. 6 ed. São Paulo: Ed Universidade de São Paulo, 2014.

SEIXAS, Jacy. **Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais**. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (org.). **Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

SEVERINO, Elisete Lúcia. Juliana Miranda Brochado e Sirlene de Fátima Ferreira Torres **Ocupação Urbana e a Luta por Moradia: a organização social das Ocupações**, (2015). Disponível em: <http://www.ppged.ufv.br/seminariofamiliapoliticassociais/wp-> acesso em 15 de abril de 2021.

SILVA, Emanuella de Jesus Ferreira da. **Processos criativos com alunos-atores idosos: caminhos de uma dramaturgia de pertencimento**. 2014. 122f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/20058/1/ProcessosCriativosAlunos-atores_Silva_2014.pdf acesso em 10 de junho de 2021.

SILVESTRE, Neomisia. **Esumbaú, Pombas Urbanas! 20 anos de uma prática de teatro e vida**. Instituto Pombas Urbanas. São Paulo, 2009.

SILVEIRA, Patrícia dos Santos. **Trilogia da violência entre cantos de vida e morte: a construção de uma dramaturgia**. Porto Alegre: PPGLet/PUCRS, 2016 (Tese em Escrita criativa). Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9146/1/000480594-Texto%2bParcial-0.pdf> acesso em 12 de maio de 2021.

SINISTERRA, José Sanchis. **Da literatura ao palco: dramaturgia de textos narrativos**. Tradução de Antonio Fernando Borges, 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2016.

SOUZA, Carla Dameane Pereira de. **Ritualidades em Cena a presença de José María Arguedas em cartas de Chimbote (2015), de Yuyachkani, um wanka moderno**. Rascunhos | Uberlândia, MG | v.8| n.1| p. 39-62| jan. jun. 2021. <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/58049>: Acesso em 30 de abril de 2021.

SOUZA, Caroline Vetori de. **Memórias ao sol: em busca de uma dramaturgia da escuta com mulheres em privação de liberdade**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020 Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18857/12424> acesso em 20 de setembro de 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad, Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Ed; UFMG. Belo Horizonte, 2010.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.

_____. **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

TEIXEIRA, Adailton A. **Buraco d'Oráculo: 15 anos de história – para Muito Ser TÃO Ser, muito mais Cuscuz**. Org. Adailton Alves: Ed Grafnorte. São Paulo, 2013.

TELLES, Narciso Laranjeiras. **Escola: memória e micropolítica na cena contemporânea latino-americana**. cartografias. Mitsp_01, Revista de Artes Cênicas. 2014. http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002467427_0.pdf: Acesso em 10 de janeiro de 2021.

TELES, Euler Lopes. **10 afetos**. Gráfica J. Andrade, Aracajú, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. [Tradução Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo. Ed Perspectiva, 1979.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira de. **Pesquisa Narrativa: Introdução**. Rev. bras. linguist. apl. 8 (2) • 2008 <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>: Acesso em 18 de janeiro de 2021.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia Construção do Personagem**. São Paulo, Ed Ática, 1989.

REZENDE, Wilton Carlos Amorim. **Teatro Ventoforte de 1985 a 1995: a formação de um artista e arte-educador**. 2009. 201 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/86880> acesso em 20 de setembro de 2021.

VARGAS, Arístides. **Teatro Ausente: cuatro obras de Arístides Vargas**. 1ª ed. Instituto Nacional de Teatro, Buenos Aires, 2006.

SÍTIOS ELETRÔNICOS

<<https://proceedings.science/colipete/colipete-2018/papers/o-silencio-das-mulheres-em-bagatelas---refletindo-o-teatro-de-susan-com-adolescentes-da-vila-luizao->> Acesso em 13 de setembro de 2021.

<<https://www.saude.ma.gov.br/decretos/>> Acesso em 10 de agosto de 2021.

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde11082009141934/publico/ANTONIO_JOSE_DE_ARAUJO.pdf> Acesso em 25 de novembro de 2020.

<<https://mnpctbrasil.files.wordpress.com/2019/09/complexo-penitenciario-de-pedrinhas.pdf>> Acesso em 19 de janeiro de 2021.

<<https://www.youtube.com/watch?v=lk778iu9eRQ>> Acesso em 12 de abril de 2021.

<<https://www.dicio.com.br>> Acesso em 26 de maio de 2021.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf> Acesso em 15 de abril de 2021

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86880/rezende_wca_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 17 de janeiro de 2021.

<<http://portal.inep.gov.br/ideb>> Acesso em 17 de junho de 2020.

<<https://www.youtube.com/watch?v=PJ681ihZwWs>> Acesso em 01 de junho de 2021.

<<https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>> Acesso em 18 de maio de 2021.

<<https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt>> Acesso em 14 de fevereiro de 2021.

<<https://revistacontinente.com.br/edicoes/240/ra-pandemia-revelou-o-poder-do-convivior>> Acesso em 25 de maio de 2021.

<<https://covid.saude.gov.br/>> Acesso em 13 de setembro de 2021.

<<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/08/pm-atira-e-mata-jovem-durante-desocupacao-de-predio-em-sao-luis.html>> Acesso em 02 de maio de 2020.

<http://bradonegro.com/content/arquivo/18062019_231355> Acesso em 24 de maio de 2020.

<https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784> Acesso em 24 de maio de 2021.

<<https://oimparcial.com.br/>> Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

<<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/y/yuyachkani>> Acesso em 30 de maio 2021.

<<https://www.youtube.com/watch?v=dIb0EEEnPAT4>> Acesso em 30 de maio de 2021.

<<https://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/15.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2020.

<https://www.ifg.edu.br/attachments/article/22170/tutorial%20google%20meet_tec.integrado.2021.pdf> Acesso em 03 de agosto de 2021.

<https://www.objetivo.br/arquivos/livros/as_mil_e_uma_noite.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2021.

<<https://www.techtudo.com.br/listas/2020/10/aplicativo-para-criar-avata-6-opcoes-para-fazer-caricaturas-no-celular.ghtml>> Acesso em 03 de agosto de 2021.

<<https://www.youtube.com/watch?v=azAvA-swoDc>> Acesso em 25 de agosto de 2021.

<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202938/000907978.pdf?sequencia=1>> Acesso em 13 de agosto de 2021.

<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202938/000907978.pdf?sequencia=1>> Acesso em 13 de agosto de 2021.

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>> Acesso em 28 de agosto de 2021.

<<https://open.spotify.com/show/30092HYL8eB06hW4EdNY6D>> Acesso em 02 de agosto de 2021.

ESPETÁCULOS

Cartas de Chimbote Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dlb0EEEnPAT4>. Acesso em 30 de maio de 2021.

Escola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PJ681ihZwWs>. Acesso em 01 de junho de 2021.

Nossa senhora das Nuvens. Disponível em:

<<https://vimeo.com/139013856/1b5c656987>>. Acesso em 20 de setembro de 2021.

O Julgamento de Lampião. Um júri épico Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=TSs4kwCKjkY>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

Rasga Coração. Disponível em:

<<https://open.spotify.com/show/5cKFonVelkAYZAbPmCjMBD>>. Acesso em 02 de agosto de 2021.

Rádio estrangeira. Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/30092HYL8eB06hW4EdNY6D>. Acesso em 02 de agosto de 2021.

Senhora dos Restos. Disponível em:

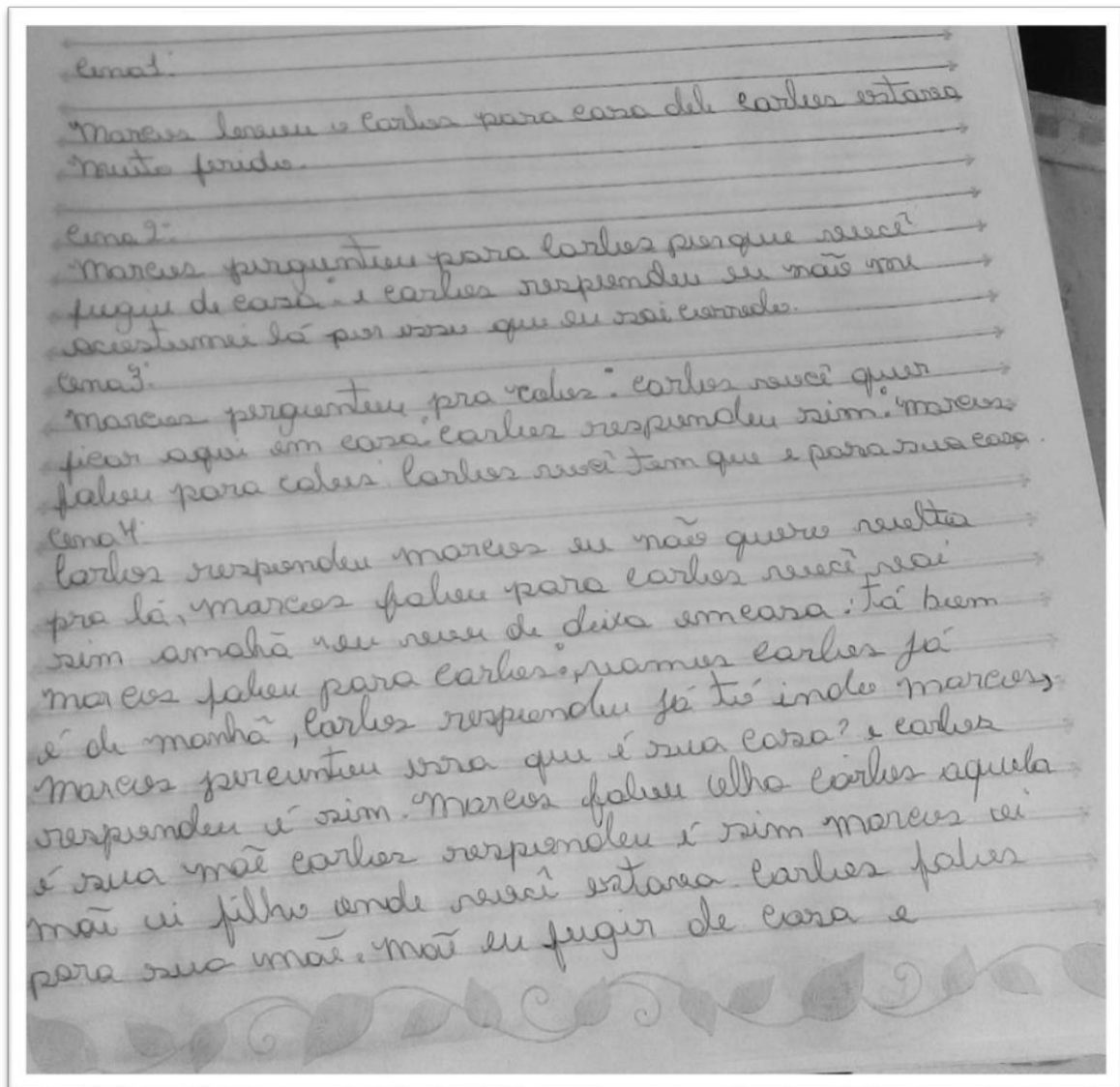
<<http://mapa.cultura.aracaju.se.gov.br/agente/56651/>>. Acesso em 03 de setembro de 2021.

Ser Tão Ser – narrativas da outra margem Disponível em:

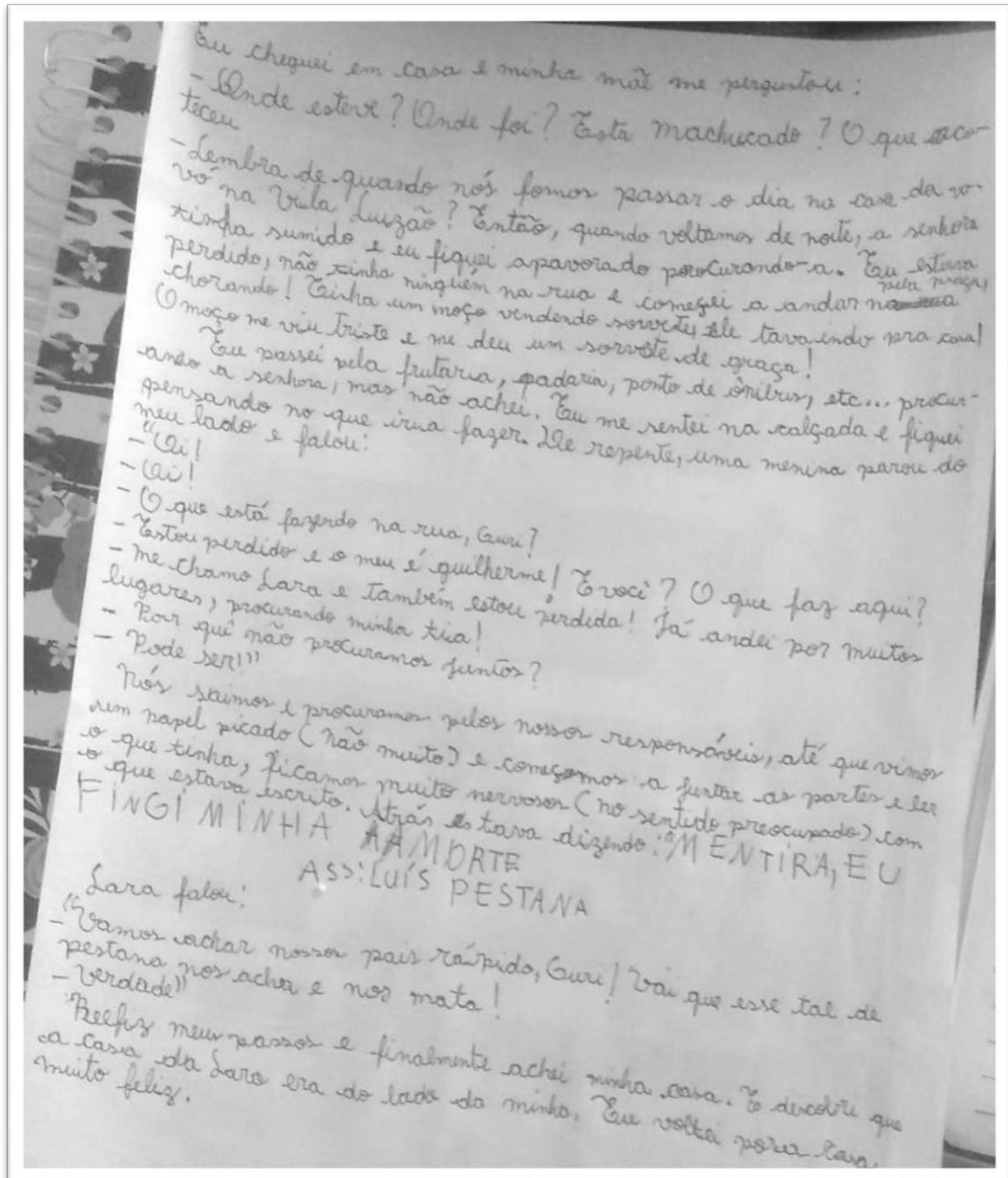
<https://www.youtube.com/watch?v=azAvA-swoDc>. Acesso em 25 de agosto de 2021.

APÊNDICE

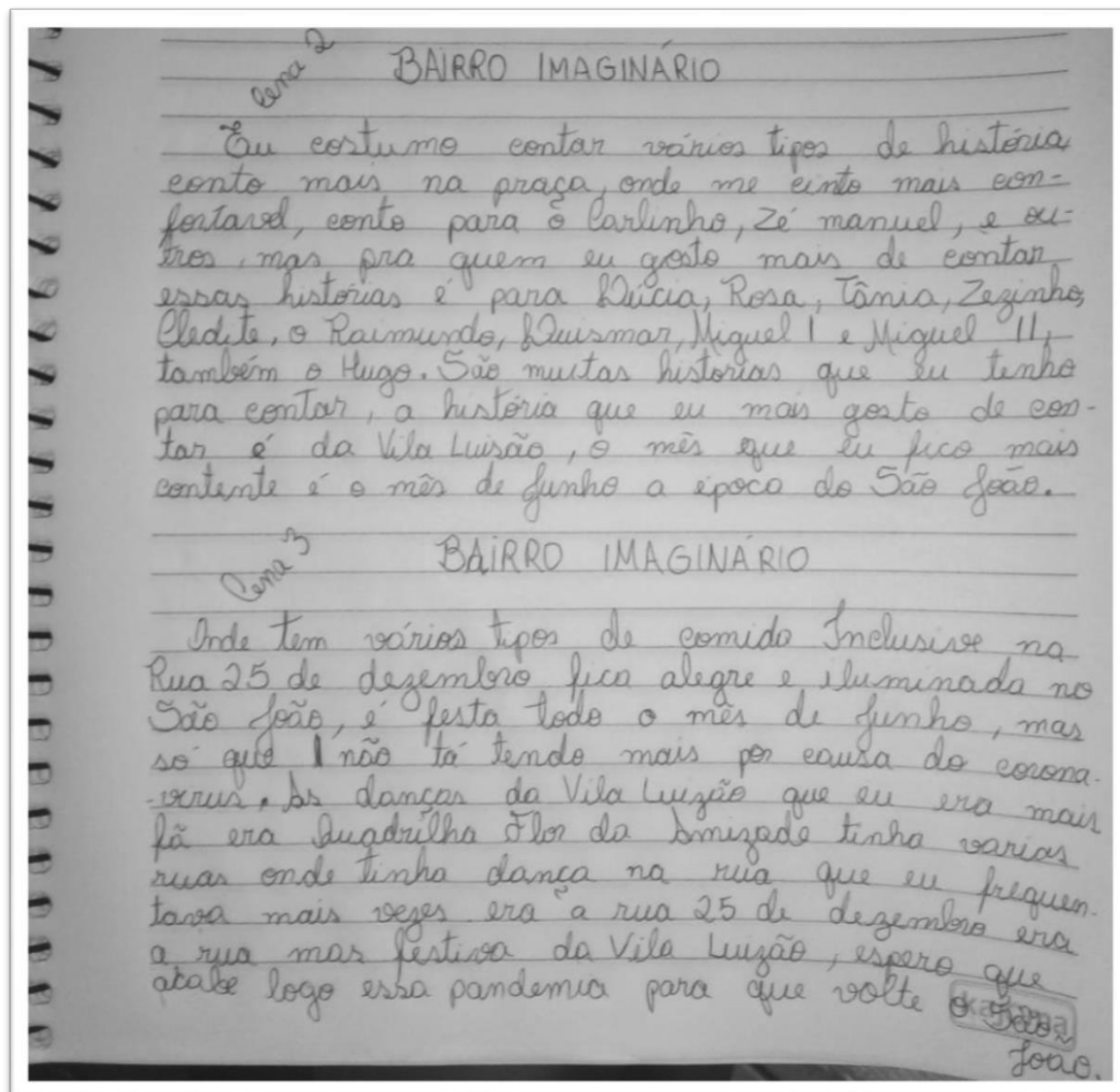
APÊNDICE A - Escrita para o texto/cena Perdido no bairro Vila Luizão.



APÊNDICE B – Escrita texto/cena Perdidos no bairro



APÊNDICE D - Escrita do texto/cena Bairro Imaginário



APÊNDICE E – texto de adolescente - A menina perdida na cidade

A menina perdida na cidade

Na cidade de São Luís a rua muito arruadas na cidade toda e minha tia Tâmara Fagner Partiu de um grupo de crianças então o grupo de crianças sua filha Partiu de muito arreios ~~na~~ nessa noite então minha tia levou para o meu tio e ela levou em casa a apresentação porque ele tinha 17 anos então ele não poderia participar da apresentação sem a permissão da mãe mas a minha mãe não deixou, e é aí que eu entro na história. minha tia teve um ideia, vou levar maculeto para casa ela disse para minha mãe e ela deixou no meu tio em nome qual era a apresentação Pleno da minha tia ela me levou e foi com as apresentações desarrubadas mas em um dos arreios era perto do serviço da minha mãe então como a minha tia não sabia dança com muito então eu fiquei em briga em briga a ~~me~~ noite toda e nesse um momento que chegamos no meu grupo de a minha ~~me~~ tia ele foi no Prasa Gomes no que quando ele levou passando ~~na~~ minha mãe estava falando do seu trabalho ~~ela~~ é ela disse:

— Mãe! marca aquela é minha filha em um briga de um momento que eu nunca vi!

— Mãe — e mesmo matacha então vamos corer atrás dele!
então ele correm atrás de mim ~~ela~~ é de mim ~~ela~~ mas eles não acharam mas a gente porque ~~agora~~ agente tinha entrado no rio ~~de~~ da multidão ~~ela~~ minha mãe ficou preocupada e foi para casa ela foi para casa e perguntou para minha mãe:

— Mãe — mãe onde ~~está~~ maculeto?

— Mãe — ela foi para ~~com~~ com sua irmã na Porto não?

— Mãe — não eu não foi maculeto no briga de um momento que eu nunca vi.

— Mãe — meu deus! ~~o~~ filha!

~~ela~~ nessa tudo meu avô chegou em casa e ~~ela~~ disse:

— Mãe — o que foi?

— Mãe — Tâmara foi pro arreio e ~~ela~~ levou maculeto no meu tio então quando ele chegou em casa ~~ela~~ disse que eu nunca vi Pai.

— Mãe — meu deus o que que agente tá fazendo aqui como ~~pro~~ curar ela.

então eles foram nos casa da minha bisavó e no casa de meu Padroeiro avô a família e lá eles foram atrás de mim e da minha tia até os arreios entraram para nos achar.

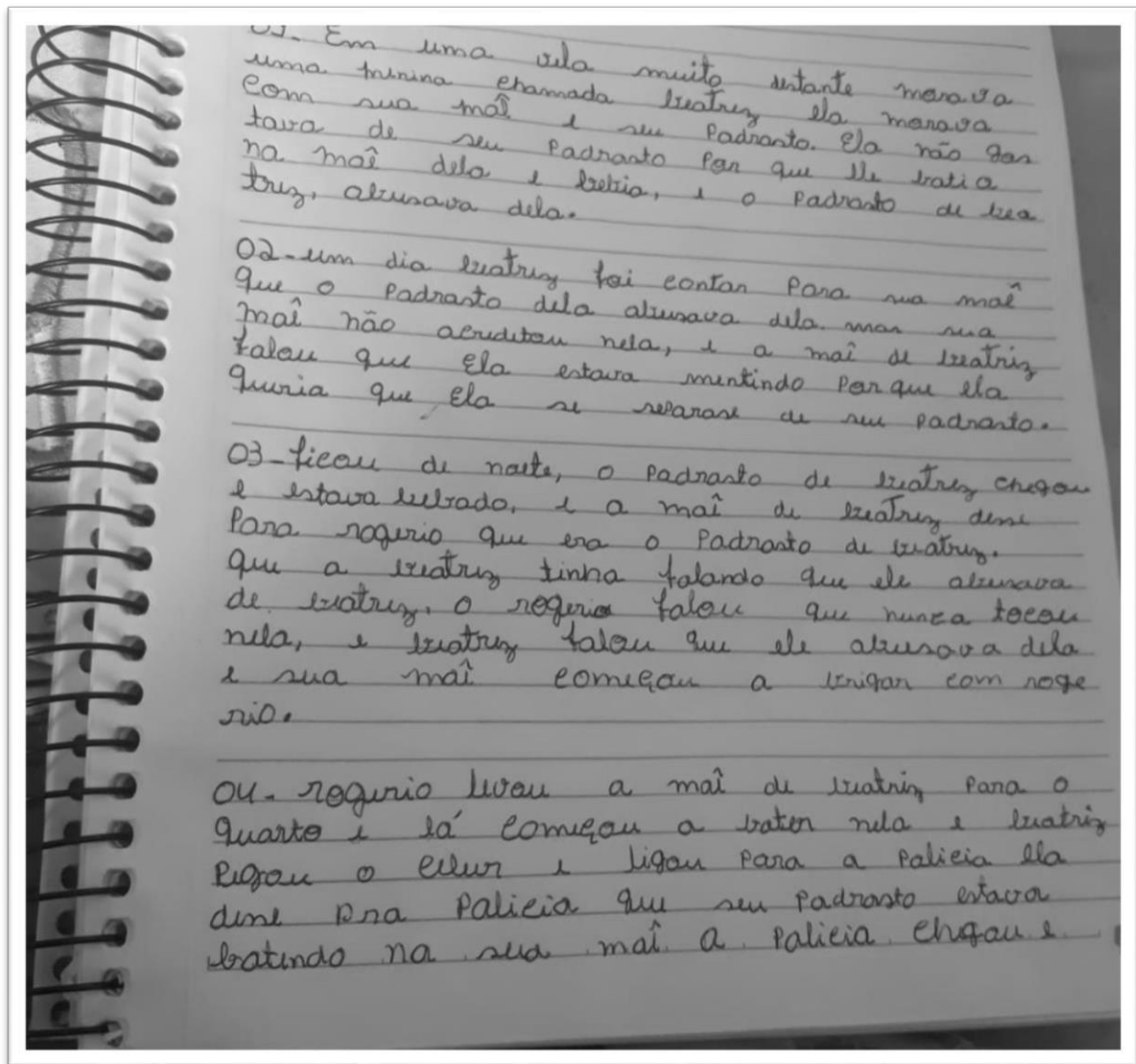
é minha mãe tá com muito preocupada com muito e queria saber minha tia então quando ele chegou em casa ~~ela~~ minha mãe queria saber minha tia ~~ela~~ que tá um monte de gente ~~ela~~ segurar minha mãe para ele não falar no meu ~~ela~~ minha tia.

então ~~o~~ final da ~~esta~~ história e eu chego ~~em~~ em casa bem e minha mãe ~~ela~~ querendo saber minha tia.

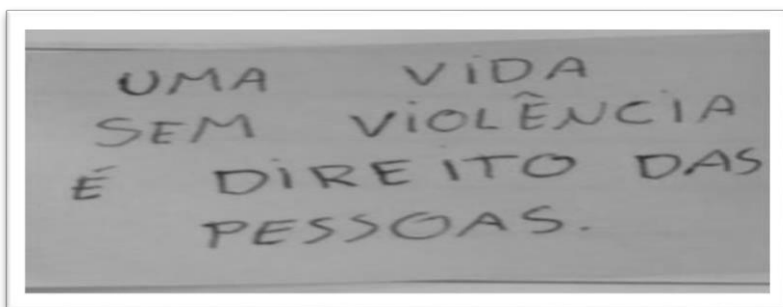
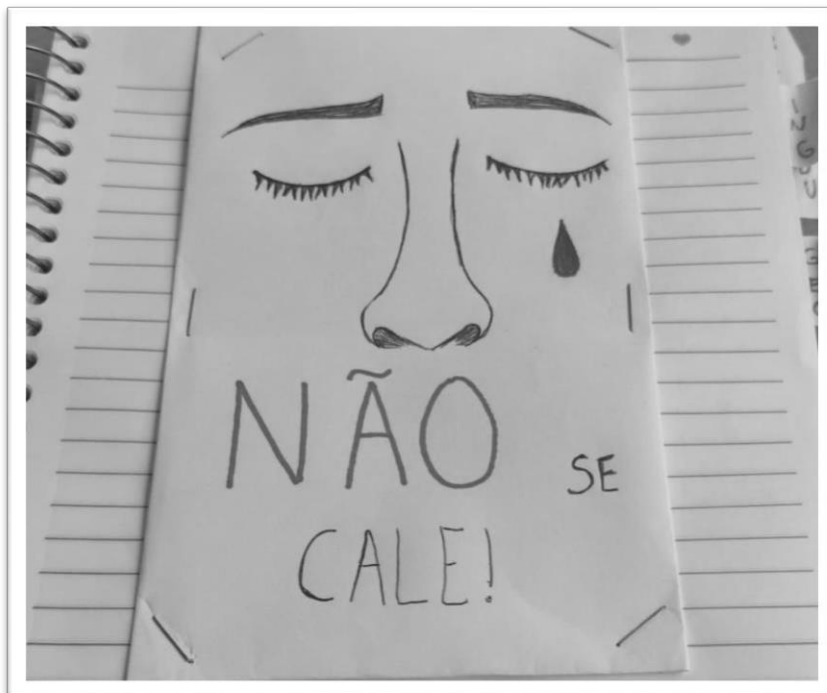
FIM

PS. minha tia tá viva

APÊNDICE F – Cena de abuso



APÊNDICE G – Cartaz para divulgação do espetáculo.



APÊNDICE H – histórias que afetam a vida dos (as) adolescentes

Em uma determinada escola que estudei, aconteceu que tinha uma menina chamada Carol que sofria bullying. Um dia na hora do intervalo estávamos brincando pique esconde, quando um grupo de 4 meninas começou a chamar ela de magricela, cabelo de Bombril e outros apelido. Quando a turma passou de ano a menina não era mas a mesma. Não brincava mas com os amigos, ficava nos cantos tímida. As alunas que faziam bullying saíram da escola, ficou duas, mais não parava de fazer bullying. Me sentia triste com aquela menina, falei com a diretora ela mudou de sala as meninas que maltratam a Carol. Com tempo a menina foi mudando o comportamento. Mas tenho certeza que as palavras agressivas machucaram muito e vai demora a cicatriza.

APÊNDICE I – Texto de acusação 1

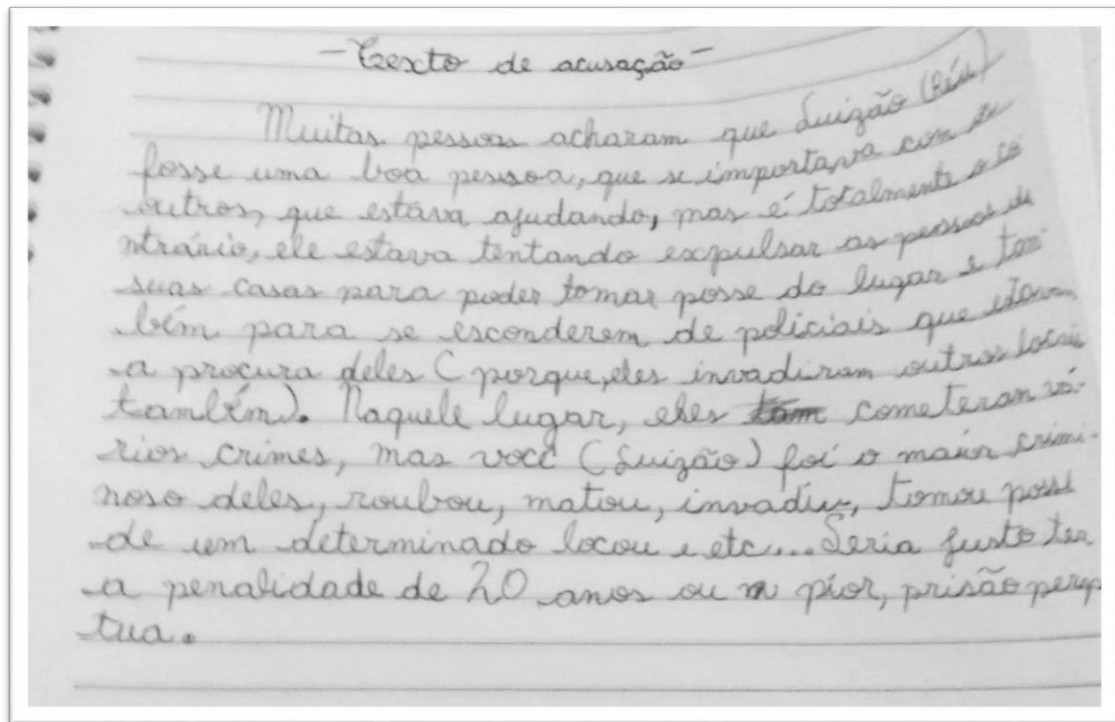
"Texto sobre o Luizão" 11/08/2021
 Acheitada de avaração

Luiz postava o "Luizão" - Um metrista da Coliseu, era um negro alto, essa pessoa era esse Luiz Postava, logo com o seu "paricar herico", Luiz se transformar no famoso Luizão. Mas o que Luizão veio à fazer para ser lembrado? Ele era improprio de teras de demasia posse de terrenos, e imedio. Ele chegou formar grupos de pessoas, onde ele o Luizão era lider. Pessoas que sente a de imedio terrenos, pessoas que não tinha media, pessoas que tiram, a culpa com essas escolhas, tiram apagar com as suas tidas, pessoas que tiveram que lutar, entrar em brigas, por algo que perante a lei não era seu. Bem isso foi o que Luizão trouxe a essas pessoas: Desespero, angustia, medo, aflição, choro, morte, ele tirou a paz completamente dessas pessoas. Onde ele e muitas pessoas tiraram a paz suas. E nem assim, nem mesmo o tempo que ele levou na prisão, não foi o suficiente para ele ver o tamanho da Maldade que ele fez a essas pessoas e suas familias. E por fim as pazes não teve mais paz, por muitos anos, a comunidade que ele formou ficou esquecida, sem logotipo, sem reconhecimento básico, sem água, mesmo depois da sua morte, Luizão deixou crebemente e letas para essas familias que um dia, acreditaram nele e dependiam sua confiança nele.

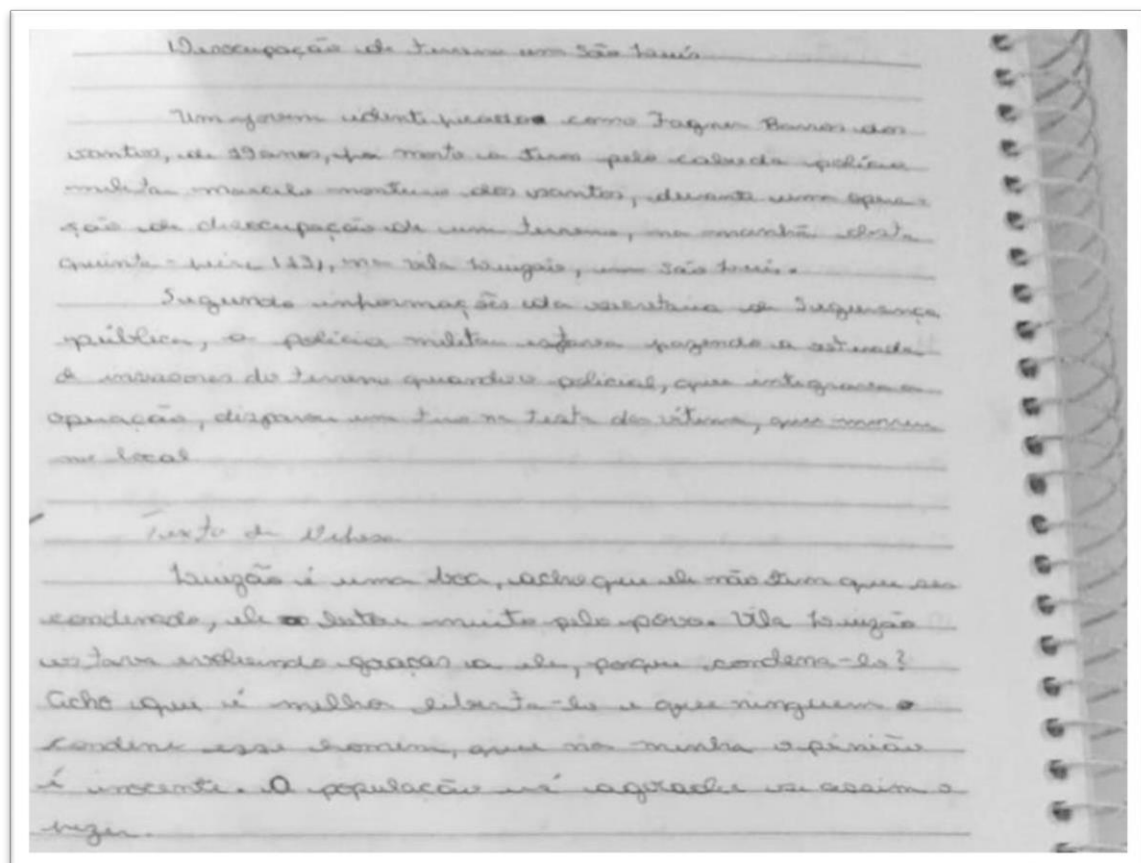
Dessa aqui minhas declarações finais sobre as acusações de seu Luizão.

Obrigada p da palavra!

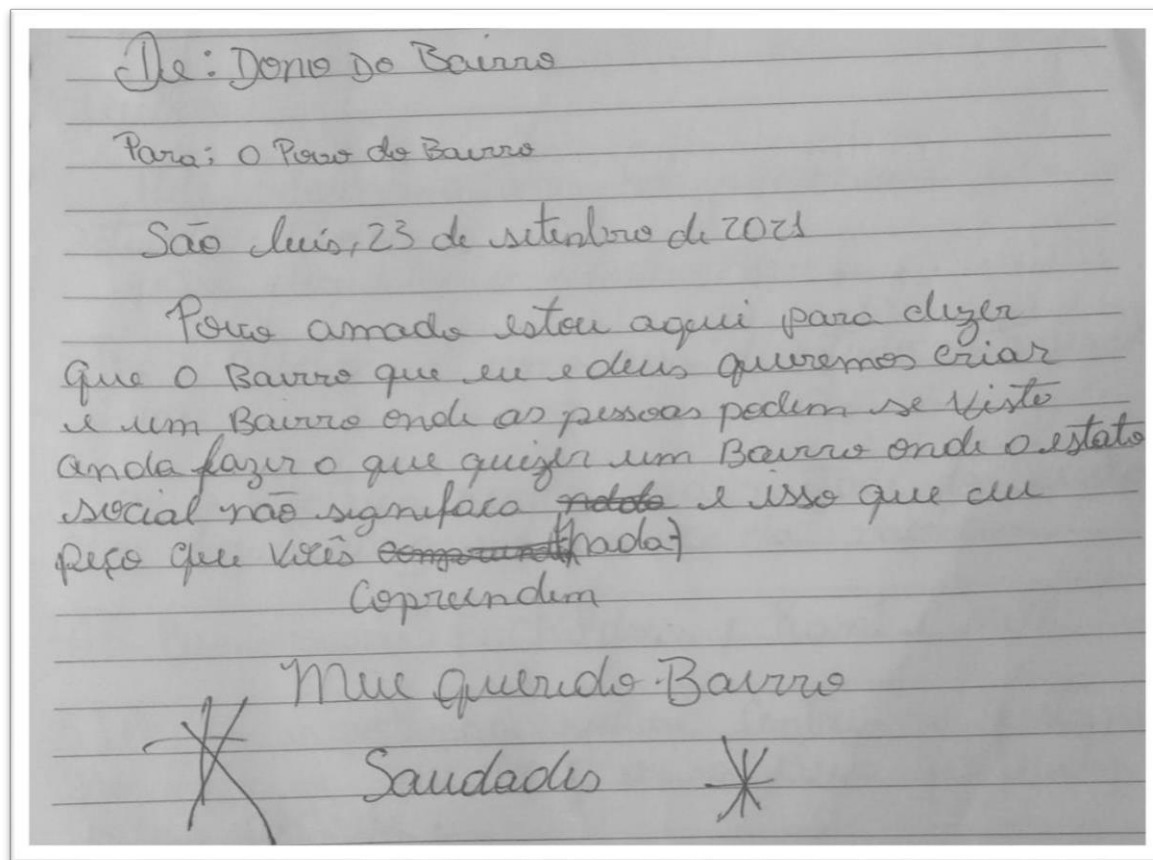
APÊNDICE J – Texto de acusação 2



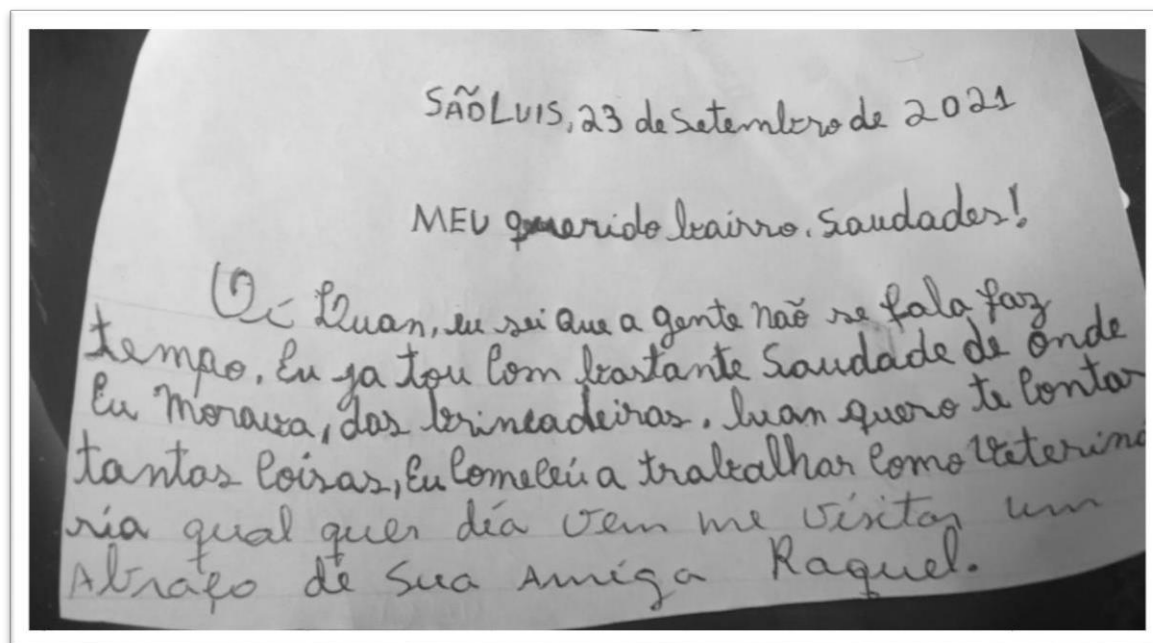
APÊNDICE K – Desocupação do bairro Vila Luizão



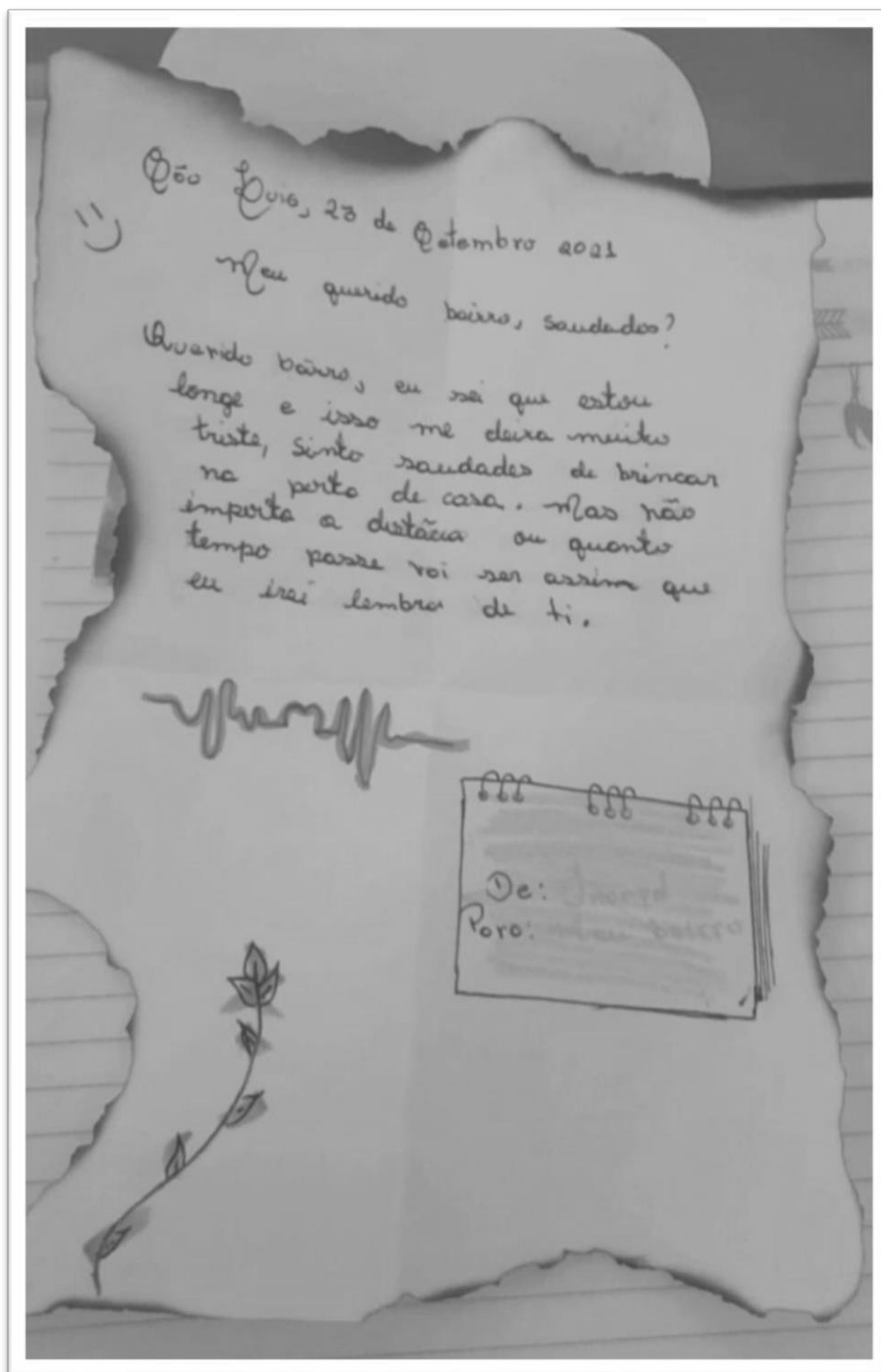
APÊNDICE L – Cartas de afetos ao bairro, enviadas pelos (as) adolescentes.



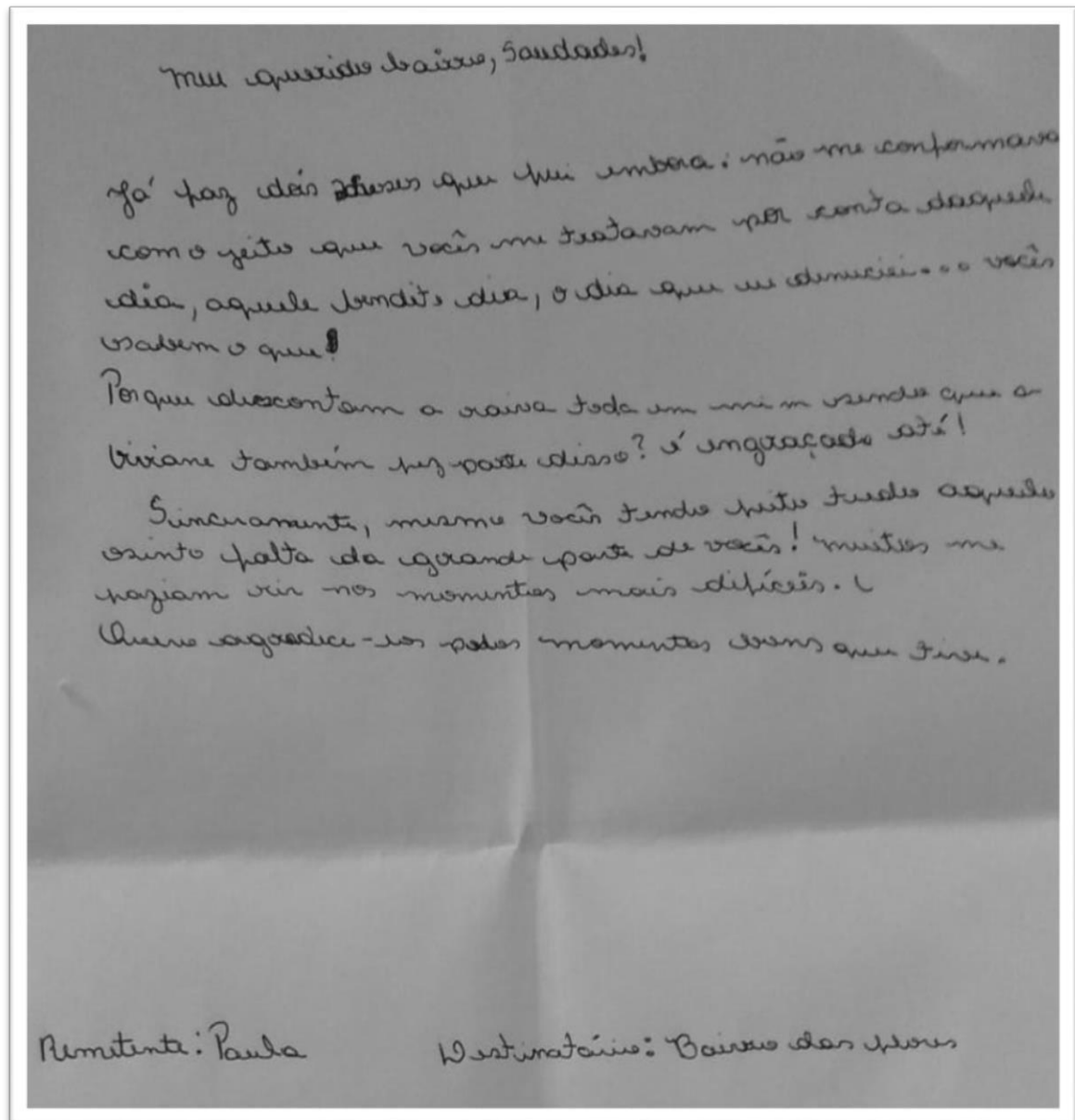
APÊNDICE M – Carta de saudades



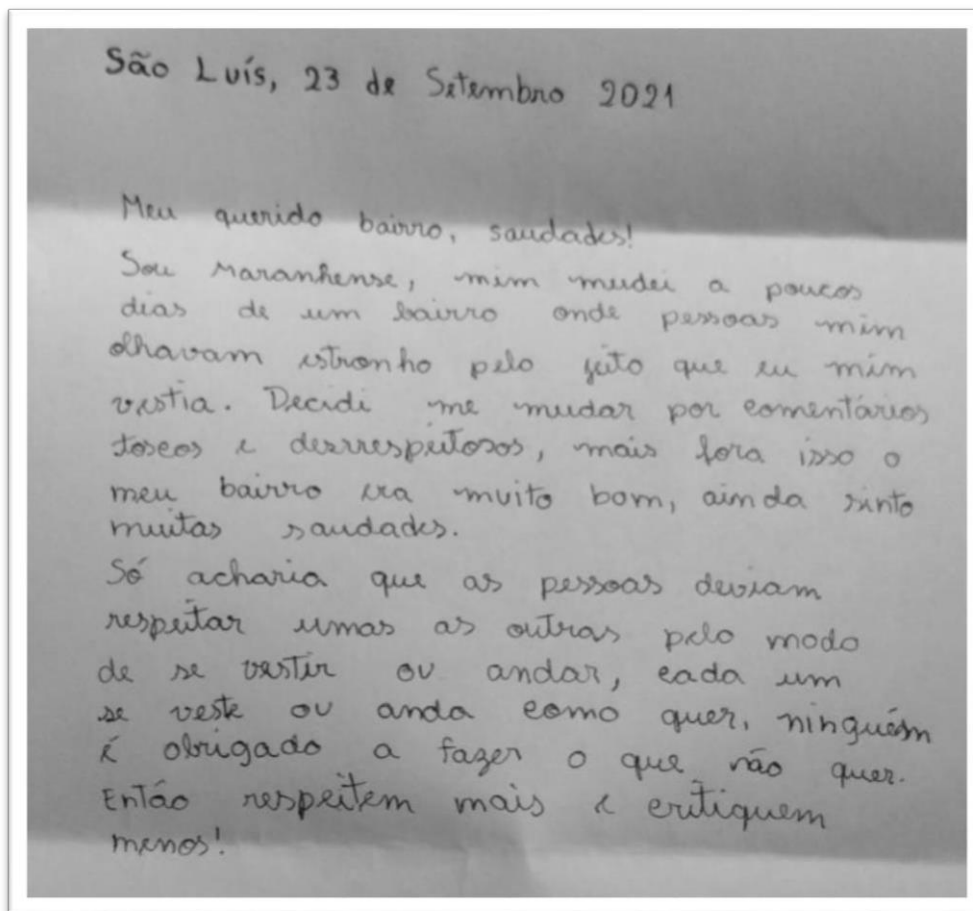
APÊNDICE N - Carta afeto



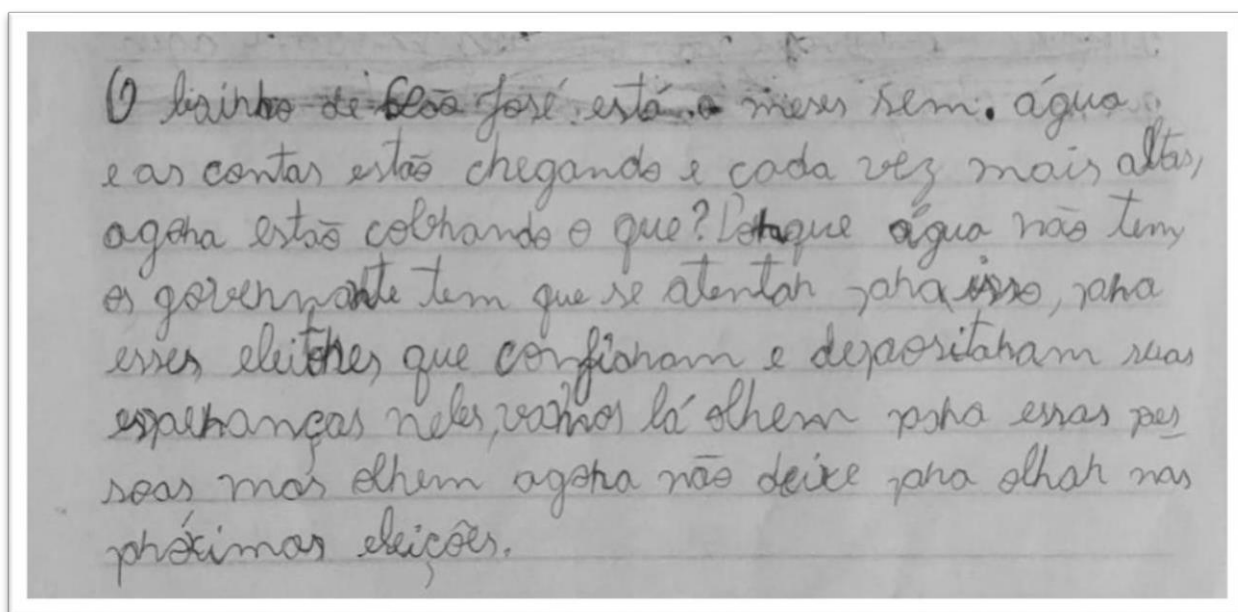
APÊNDICE O – Carta desabafo



APÊNDICE P – Carta de apelo: Respeite-me como sou.



APÊNDICE Q – Falta d'água no bairro



APÊNDICE R – Texto para entrevista na rádio

Os moradores da bairro São José estão imo-
tizados como os abrigados que estão chegando da conta
de água. Uma moradora chamada Edilide disse
em uma entrevista "que todo mês chega a
conta e cada vez mais está mais água que
é bom nada, só quem tem bomba consegue
pegar a água e distribuir para os outros vizi-
nhos".

APÊNDICE S – Falta d'água na comunidade

os vizinhos estão insatisfeitos tirando
o que do peso e quando a bomba
da casa água filtrando problema
os moradores vai te que manda
ajuda porque os moradores não
vai ver sem água em um mês
porque eles tem que lavar roupa
lavar roupa portanto a água não
pode faltar a água e vida.

APÊNDICE T – Escrita de textos – Maria da Luz

Eu sou Maria da Luz, participei da ocupação desse bairro, quando eu cheguei aqui eu não tinha nada, vivia na rua Fita pitana, eu ga sabe, se eu contar minha história, você ehora... Eu perdi meus pais quando era criança, fui morar com meus tios. Eles não tinham muita condição financeira então fui trabalhar bem nova. procurei empregos em lojas e super-mercado mais não consegui ser empregada. Então eu indo de volta para casa vi um folheto escrito "~~o~~ "controlando ajudando interessados ligue para o número (9999999) ou compareça ao comércio tal" dai eu fui até o comércio e fui contratada lá todas as manhãs, acordava as 05:00 porque o comércio era muito longe e tinha que estar lá a 07:00. Ao ir para o trabalho aproveitava para deixar minha prima na escola. ~~Depois~~ Depois de 3 meses meus tios morreram em um acidente e ficou só eu e minha prima. logo em seguida fui despedida pois o comércio onde eu trabalhava fechou sem dinheiro e sem comida em casa.



em casa fui parar nas ruas pedindo
esmola. tinha dias que dava pra
* comer e tinha dias que não
comia nada. Daí que eu conheci
o seu Zé da Cruz, ficamos bastante
amigos e um dia ele me apresentou
o Luisão que já era amigo dele.
Luisão era uma pessoa muito
boa, ele até deu um terreno para fazer
uma casa, mais o terreno ~~era~~
ficava em uma invasão que foi
unidade por pessoas que também não
tinha casa. De pouco a pouco consegui
construir minha casa com muito
esforço morei na minha casa por 5 anos
até que um dia a polícia demarcou
todas as casas que estava nos terrenos
invadidos, sem casa e sem dinheiro
voltei para as ruas.

ANEXOS

ANEXO 1 - Termo de consentimento aos (as) adolescentes

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AO MENOR

Eu _____
adolescente (a) morador (a) do bairro Vila Luizão venho de forma livre e esclarecida, manifestar o meu consentimento em participar da Pesquisa **DRAMATURGIA DE AFETOS**: impressões e expressões artísticas de jovens moradores da Comunidade Vila Luizão. Declaro que recebi cópia desse termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados e imagens obtidos neste estudo.

Assinatura do (a) adolescente participante da pesquisa

Assinatura dos pais ou responsáveis